



O, MISTÉRIO DA CASA DO LAGO

DIEGO CASSIOLATO



O Mistério da Casa do Lago

Diego Cassiolato

Direitos autorais © 2022 Diego Cassiolato

Todos os direitos reservados

Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é coincidência e não é intencional por parte do autor.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou armazenada em um sistema de recuperação, ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro, sem a permissão do autor.

Capa: Sarah Libna Design

Jack Campbell, um professor de natação, e sua pequena filha Emily, decidem passar um tempo juntos em uma casa do lago a fim de superarem o luto pela morte de Hannah, ex-esposa de Jack e mãe de Emily. Mas, logo após chegarem à propriedade, Emily afirma ter visto uma menina misteriosa na floresta e, no porão da casa, Jack encontra desenhos antigos que parecem ter sido feitos por uma criança. Os desenhos parecem retratar uma pequena família feliz que sofreu uma grande tragédia.

O que aconteceu com essa família? A menina da floresta é real? Estariam Jack e Emily ligando-se aos desaparecimentos que ocorreram naquela propriedade muitos anos atrás? Enquanto tenta descobrir respostas, Jack precisa salvar sua filha de um mundo gélido e sombrio, e de perigos inimagináveis que tem que enfrentar.

Índice

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Próximo livro: Terror na Espiral](#)

Capítulo 1

— E... chegamos! — Jack parou o carro no final da estradinha de terra. Olhou a casa de madeira e a floresta de pinheiros antes de desligar o motor e se virar para a filha. Tentou forçar um sorriso.

Emily olhava distraída a paisagem lá fora. No colo, a sorridente boneca de pano, Lily, com seu vestidinho rosa e suas marias-chiquinhas loiras. O olhar de Emily percorreu o cenário deslumbrante por um momento e se deteve em um ponto.

— Olha! O lago que a gente viu na internet! Como ele é bonito!

— É, sim. E é ainda mais bonito de perto.

— E olha a floresta! Podemos passear nela?

— Mas é claro que podemos. Não foi pra isso que viemos até aqui? Para termos uma grande aventura?

— Eba!

O sorriso de Jack, que deveria ter se ampliado, continuou frouxo em seus lábios. Ele estava prestes a dizer que já podiam descer quando Emily tirou o cinto de segurança e saltou do carro. Ele gritou para ela esperar, ter cuidado e não correr, mas as águas verdes e cristalinas do lago já a tinham atraído.

Ele saiu do veículo também às pressas, praguejando por ter sido desobedecido, e correu até ela com o coração disparado. Parou ao lado de Emily, pronto para lhe dar uma bronca, detendo-se no último instante antes de fazê-lo.

Merda, Jack. Não dá pra você se sentir feliz nem pela porra de um segundo?

Acalmou-se com um esforço tremendo e passou um braço pelos ombros dela.

Contemplaram juntos o lago e um pequeno grupo de mergulhões-do-norte que deslizava graciosamente nele. Viram as montanhas Rochosas que ficavam além do lago e da floresta com seus picos nevados mesmo naquela estação. Uma brisa suave de verão fez as árvores e as roupas deles farfalharem, e Jack ouviu o doce canto de um pássaro por perto.

Talvez ele esteja nos dando boas-vindas.

A sombra de um sorriso sincero se formou em seus lábios. Estava mais seguro agora quanto à dúvida que pairara em sua cabeça no caminho de Edmonton até ali: será que escolhera o lugar certo para passar uma semana com a filha?

— O que achou, querida?

Emily lhe deu a resposta que ele mais queria ouvir:

— Eu achei lindo, papai.

Com as chaves na mão e o coração batendo forte outra vez, ele subiu com ela os degraus da varanda. A lembrança da primeira vez que entrara em sua casa atual

com Hannah e Emily lhe veio, e Jack sentiu lágrimas se formarem. Ele tremeu enquanto girava a chave na fechadura, mas o sentimento estranho amainou-se quando ouviu um clique, e a passagem à sua frente se abriu.

A casa do lago. Finalmente. Deus queira que um novo tempo para mim e para Emily se inicie a partir de agora.

Tinham chegado ao seu destino em Wintermore.

Apesar da falta de ânimo, Jack achou a casa incrível: ela era grande, bonita, bem mais iluminada do que ele imaginara, e conservava um agradável cheiro de pinho. Emily, animada, foi à frente dele, por certo já identificando os lugares onde poderia brincar. Ele subiu com ela para o andar de cima e eles escolheram seus quartos. Todos os quartos tinham uma bela vista para a parte frontal da casa. Findada essa tarefa, Jack anunciou que ia descer para pegar as coisas no carro e Emily perguntou se podia ficar ali em cima.

— É claro que pode, meu bem. Quem sabe tenha algo interessante pra você aqui, eh? Não vou demorar muito.

— Está bem, papai.

Lá embaixo, Jack dedicou-se a levar os mantimentos do carro para a casa, enquanto a filha permaneceu no andar de cima com Lily.

Foi numa dessas idas e vindas que ele viu os brincos de Hannah no portamalas, e a vontade de chorar irrompeu outra vez em seu peito.

O que estão fazendo aqui? Fui eu que os coloquei neste lugar?

Ele os tocou, o frio da superfície lisa subindo por seus dedos e lhe causando um arrepio. A imagem de Hannah dentro do caixão, poucas horas antes de ir para debaixo da terra por toda a eternidade, invadiu sua mente, querendo assombrá-lo. Ele fechou os olhos, apertou-os e comprimiu os lábios na esperança de mandá-la embora. Conseguiu, e outra imagem melhor tomou o lugar dela.

Hannah, na primeira vez que a viu usar os brincos, numa noite em que saíram para jantar, poucos meses antes de Emily nascer. Era o restaurante favorito dela, e o humor de Hannah estava incrível. Ela falava pelos cotovelos, fazia mil planos para quando sua tão esperada Emily chegasse. Ela também fazia perguntas, um milhão delas, como por exemplo: que decorações fariam no quarto da filha? Colocariam um móvel acima do berço? De quantas fraldas precisariam por mês, por semana, ou melhor, por dia? Ele não iria deixar as trocas das fraldas todas para ela, iria? De jeito nenhum, ele teria que ajudá-la. Se bobeasse, seria ele quem mais trocaria as fraldas melecadas de Emily. E será que eles iriam conseguir criá-la bem,

educá-la, protegê-la de todos os perigos e da maldade das pessoas, enfim, prepará-la para o mundo?

“É claro que vamos”, dissera Jack. “Os filhos podem não vir com um manual de instruções, mas todos os pais conseguem, de uma forma ou de outra. Bem, nem todos. Mas a maioria, sim. E a gente vai dar conta disso. Eu tenho certeza.”

Ele pôs os brincos no bolso de trás da calça jeans com um ar ausente, distante, e voltou para a casa ainda pensando naquela noite.

Alarmou-se assim que passou pela porta da frente e viu Emily descendo a escada apressada. Os mantimentos em seus braços voaram e estatelaram-se no chão, impelidos pelo medo de que ela caísse e se machucasse.

— Papai, papai! — dizia ela, parando ofegante à sua frente.

— Pelo amor de Deus, Emily! Não corra assim na escada! Você poderia ter caído e...

— Desculpa, mas é que tem uma coisa que eu *preciso muito* te contar!

— E o que é tão urgente que você...

— É que tem uma menina lá fora, na floresta! Eu tentei te chamar lá de cima, mas a janela não abria e você não me ouviu bater nela!

— Uma menina? — Jack franziu a testa.

— É, uma menina! E pode ser que ela suma se a gente não for logo atrás dela!

— Não tem menina alguma na floresta, Emily, e estamos longe da cidade. Você é a única menina aqui.

— Tem sim! Eu *vi* ela!

— Não, não viu. Você deve ter visto algum animal e pensou que viu uma menina.

— *Não* era um animal! Era uma menina! E eu acho que ela tá sozinha e com medo na floresta!

Ah, Deus... era só o que faltava. Emily começar a criar pessoas imaginárias...

— Olha, querida, a gente não tem tempo pra isso, ok? — disse ele, abaixando-se para recolher os mantimentos que caíram. — Eu preciso terminar de pegar as coisas no carro e...

Ele ouviu a filha sair correndo da casa e, outra vez, deixou tudo o que já pegara estatelar-se no chão.

— Droga, Emily, espera! Não corra!

Mas ela não lhe deu ouvidos.

Jack alcançou-a no início da floresta, ainda chamando-a, e a viu virar-se frustrada e dizer:

— Ela estava aqui, mas agora não tá mais!

Ele olhou em volta, sem encontrar menina alguma além dela ali.

— Viu só? Eu te disse que não tinha mais ninguém além da gente aqui e que...

— *Tinha* sim! — Emily bateu com os calcanhares no chão, quase dando pulinhos de impaciência. — A menina tava aqui e olhava pra mim lá na janela!

— A menina estava aqui e olhava pra você lá na janela, eh? — Jack ecoou o que ela lhe dissera, incrédulo. — E como era essa menina?

— Ela tinha cabelos bem compridos e tava com um vestido preto!

— Hum, entendi. Bem, se havia mesmo uma menina por aqui, ela deve ter voltado para o lugar de onde veio, talvez para os pais dela.

— Eu não sei...

— Mas eu *sei* — ele disse com firmeza, para encerrar o assunto —, e tenho certeza que foi isso. Agora vem, temos que voltar. Pode ter ursos na floresta e eles são muito perigosos, podem nos atacar.

— Mas, papai...

— Sem “mas”, Emily. Vamos pra casa. *Já*.

Ele estendeu a mão para ela, que mesmo angustiada, pegou-a. Retornaram juntos, Emily olhando várias vezes por cima do ombro para trás.

Capítulo 2

— Pai, eu posso desenhar?

Eles haviam almoçado sanduíches de queijo e ainda estavam de barriga muito cheia para caminhar. Emily estava brincando com Lily em um dos sofás da sala de estar.

Vendo uma oportunidade de distrair a mente dela — Emily voltara a falar da menina da floresta umas duas ou três vezes somente na última hora —, Jack concordou.

— Você quer que eu pegue suas folhas e seus lápis de cor ou você mesma quer pegar?

— Eu pego. Eu vi onde você guardou.

— Ok, então. E em que lugar você vai desenhar?

— Ali, na mesa da cozinha.

— Está bem. Eu vou ao banheiro e já volto.

Da sala de estar, Jack acompanhou Emily subindo para o andar de cima. Assim que ela sumiu de vista, ele seguiu até o único aposento que ainda não verificara na casa.

Ele abriu a porta do porão e uma escada estreita de madeira se revelou à sua frente. A claridade que entrava pelos janelões da sala de estar chegava até o último degrau, dando lugar a uma penumbra densa que mais adiante virava escuridão. Ele fechou a porta do banheiro ao lado para fingir que estava lá dentro e, ouvindo os passos de Emily lá em cima, começou a descer com cuidado, deixando a porta entreaberta e torcendo para que ela não resolvesse investigá-la. Podia haver objetos e coisas perigosos no porão, ou até bichos que poderiam assustá-la, e Jack queria fazer um reconhecimento dele antes que Emily inventasse de explorá-lo.

As tábuas envelhecidas rangeram sob as solas dos tênis de Jack, e os pelos de seus braços e de sua nuca se eriçaram com o ar mais frio. Ele enxergou a forma de um cordão pendendo do teto ao tocar o piso de madeira e, sem titubear, puxou-o. Uma lâmpada amarela numa cúpula de ferro zumbiu, piscou brevemente e se acendeu, revelando uma pequena porção do amplo cômodo. Jack viu o que deviam ser uma infinidade de móveis e objetos antigos cobertos com lençóis brancos e empoeirados, parecendo fantasmas, e diversas teias de aranhas nas vigas de sustentação próximas. Das aranhas, porém, não havia nenhum vestígio. Ou elas estavam mais à frente, ou estavam ocupadas em outro local da casa. Ele caminhou pelo porão e acendeu as outras lâmpadas, e algo nos fundos lhe chamou a atenção.

O que é aquilo?

Era um dos únicos itens descobertos ali e tinha um formato muito familiar. Ele se aproximou, reconhecendo rapidamente o que tentava desvendar.

Um baú. Parecido com o que Emily tem lá em casa e onde ela guarda seus brinquedos. Só que este com certeza é mais antigo. Será que está aberto? O que será que há nele?

Alguma coisa dentro de Jack lhe disse para não mexer, mas sua curiosidade falou mais alto. Ficou de joelhos diante do baú, notando a ausência de um cadeado. Levou as mãos até a tampa e ergueu-a.

Um cheiro de coisas velhas inundou as narinas de Jack, enquanto examinava o interior do baú, que continha um amontoado de brinquedos. Franziu a testa.

Ele tirou os brinquedos que estavam por cima — a maioria era ursinhos de pelúcia e bonecas pequenas — e se deparou com algo que o deixou ainda mais intrigado: dezenas de desenhos feitos com lápis de cor e traços de criança em folhas de caderno muito antigas, muito semelhantes a como Emily fazia os seus em papel sulfite. Jack começou a retirá-los, ávido por verificar o que retratavam.

Espalhou alguns no chão e notou que mostravam uma família feliz composta por um pai e uma mãe e sua filha, sempre sorridentes em frente a uma casa de dois andares pintada de marrom que Jack suspeitou ser aquela mesma casa, com uma floresta verde atrás. Pegou outros desenhos mais embaixo na pilha de papéis. Nesses, a mesma família aparecia feliz e sorridente em frente ao lago em vez da casa, com a floresta de novo atrás. Nos desenhos no fundo da pilha, a família parecia acometida por uma grande tristeza, nos mesmos cenários, com olhos desde mortícios até muito assustados, principalmente os da mãe e os da filha, e olhos malignos e ameaçadores no homem que era o pai.

Jack impressionou-se com a forma como aqueles desenhos simples conseguiam transmitir a palpável sensação de desconforto de que algo ruim acontecera com aquela família. *Será que o pai abusava da filha? Ou maltratava a mãe e abusava da filha?* Acima de cada um deles, em todos os desenhos, estava escrito MAMÃE, PAPAI e EU, em letras de forma de criança, e dois detalhes em todos os desenhos chamaram a atenção de Jack: os cabelos e o vestido pretos da menina. Exatamente como...

... a menina que Emily me disse que viu era...

Jack não podia deixar os desenhos à vista, ou Emily, caso os encontrasse, não sossegaria.

É só coincidência. Essa menina nos desenhos é só uma coincidência.

— Paaaai, já tô pronta para desenhar!

— Já vou, querida! Eu já estou indo!

Ele se apressou em apagar as luzes próximas do baú, para o caso de Emily ter percebido que ele não estava no banheiro e fosse ao seu encontro. Deixou os

brinquedos e os desenhos ali, espalhados no piso de madeira. Depois os guardaria, em algum momento que fosse mais tranquilo e oportuno para ocupar-se com isso.

Retornou até a entrada do porão, apagando as luzes no caminho e mergulhando-o no breu. Para a sua sorte, Emily não percebeu que ele estivera lá.

Capítulo 3

— Pronto! Pode se virar, pai.

Jack estivera de costas a pedido da filha, fitando o balcão e lembrando-se das raras vezes que fizera sexo com Hannah no balcão da cozinha de casa quando Emily estava com os avós, na escola, ou dormindo. Lembrava-se também das mais variadas conversas que tivera com a ex-esposa naquele cômodo. Ele se virou e olhou para o desenho que ela mostrava. Por um instante, ele mal conseguiu acreditar no que viu.

— O que você achou? Tá bonito?

O desenho de Emily retratava ele, ela e Hannah juntos e felizes à frente do que ele supunha ser aquela mesma casa. Acima de cada um deles, ela escreveu seus nomes.

Meu Deus... Não pode ser...

Os desenhos do porão voltaram à mente dele. Jack tinha certeza absoluta que Emily não descera em momento algum e que ainda não os tinha visto, mas não podia brigar com o fato de que ela fizera o seu exatamente igual àqueles.

Coincidência. É só uma coincidência estranha outra vez.

O foco dele voltou para Emily, que esperava pacientemente sua resposta.

— Está bonito, sim — respondeu Jack, por fim. Ele sorriu daquele jeito frouxo para ela. — Ficou excelente.

— Obrigada! — Emily também sorriu e passou para a próxima folha em branco.

A maneira como Emily sorriu fez ele se lembrar de como Hannah lhe sorria. E então ele voltou para 2009, numa tarde abafada de julho em uma livraria, no dia em que se conheceram. Jack tentava decidir qual seria sua próxima leitura de seu autor favorito, Stephen King, quando uma moça magra, de cabelos castanhos e olhos azuis, chegou perto dele e indicou-lhe *Christine*. “É muito bom esse aí”, dissera ela com um sorriso cativante que a fez parecer linda na ocasião, e Jack voltaria a achá-la linda muitas vezes. “É sobre um carro possuído que toca o terror numa cidadezinha dos Estados Unidos. Eu o levaria, se ainda não tiver lido, claro.”

Jack não só levou o livro, como pediu o telefone dela. Isso foi no verão de dez anos atrás, um dos verões mais quentes de que ele se lembrava, no mesmo ano em que se tornara professor de natação aos vinte e dois, mas parecia que fora ontem. Jack a levou para tomarem sorvete com seu antigo carro — coincidentemente um Plymouth vermelho, o mesmo que era Christine no livro, para o espanto de Hannah, que disse a Jack que não conseguira parar de pensar na cena em que Leigh

Cabot quase morrera engasgada no carro de Arnie Cunningham — e, duas semanas depois, eles começaram a namorar.

— Pai — disse Emily, trazendo Jack de volta para o presente —, acho que cansei de desenhar. Vamos passear lá fora?

Eles calçaram suas botas de trilha e saíram. Jack levou o spray contra ursos, para o caso de toparem com um nas redondezas. Jogaram pedrinhas no lago e o admiraram mais um pouco. Pegaram as trilhas da floresta e, por um bom tempo, caminharam com tranquilidade nelas, sem nada que pudesse alarmar Jack. Emily ia com Lily um pouco à frente dele, ziguezagueando entre os pinheiros altos que ladeavam uma delas, quando Jack percebeu algo no chão que o fez gritar:

— Emily, pare!

Ela parou abruptamente. Mais dois passos e teria caído em um buraco grande o bastante para engolir uma criança. Olhou para trás assustada, os olhos azul-claros como os de sua mãe enormes.

— O que foi, papai? — Sua voz saíra trêmula e frágil.

— Meu Deus, Emily! — Jack correu até ela com o coração aos galopes e parou ao seu lado. — Tem um buraco aqui no chão, e você quase caiu nele!

Ela olhou para o buraco, os olhos cresceram, e recuou dois passos.

Jack se agachou diante dela e a segurou pelos ombros.

— Tá tudo bem. — Ele a abraçou. — Foi só um susto. Graças a Deus eu vi este maldito buraco a tempo. Eu não sei... — A voz dele deu uma falhada, mas ele continuou: — ... Eu não sei o que eu faria se você tivesse caído nele...

— Desculpa — disse Emily, sua voz carregada agora de um sentimento de culpa inevitável. — Eu não vi o buraco... Eu só tava...

Jack a segurou pelos ombros novamente e a interrompeu com um semblante muito sério.

— Não precisa se desculpar, ok? Só tenta não ficar tão distraída de agora em diante. A floresta é perigosa, e eu não quero que você se machuque de jeito nenhum.

— Tá... — disse Emily baixinho, ainda parecendo se sentir culpada por quase sofrer um acidente.

Ele sorriu sem mostrar os dentes e fez um carinho em seus cabelos.

— Bem, já que encontramos isso — ele se voltou para o buraco no chão —, que tal darmos uma olhada, mas com cuidado?

Emily concordou, e Jack pediu que ela ficasse ao lado dele só que um pouco para trás, para se proteger de uma queda indesejada. Ele esperou a filha também ajoelhar-se, tomando cuidado para não sujar Lily.

— Certo. Vamos ver o que é este buraco. — E Jack foi baixando a cabeça para ver o que havia lá dentro.

O buraco podia não ser grande, mas seu interior parecia ser. Ele começava em um formato de cone estreito que, muito rapidamente, se prolongava para os lados e para baixo até abrir-se completamente desembocando em uma espécie de câmara rochosa. A luz do sol projetava um pequeno círculo dourado lá embaixo, que foi parcialmente encoberto pela cabeça de Jack, e ele calculou que a profundidade ali era de pelo menos oito ou nove metros. Um cheiro ruim chegava até ele, talvez de animais mortos que caíram lá dentro. Jack identificou um corpo sem vida de um pobre coelhinho, confirmando sua suspeita.

Deve ter morrido de fome e sede com as patinhas quebradas aí dentro. Uma pena.

Os olhos dele se detiveram em mais um detalhe, numa parte iluminada pelo sol.

Um laço? Um laço de cabelo feminino?

A menina de preto retornou à sua mente.

Não. Essa menina não é real, e você sabe disso. Emily a inventou porque sente falta da mãe. Aquele laço... alguém o perdeu, mas não a menina de Emily, claro.

Ele ainda fitava o laço quando Emily perguntou-lhe o que via.

— Só um coelhinho morto, querida. Ele caiu lá dentro e morreu.

— Coitadinho...

— É, coitado dele. — Jack se perguntou por que havia o raio de um buraco ali, para começo de conversa. — Bem, não há mais nada lá dentro, não que dê para enxergar, pelo menos. Agora vamos sair, ok? É muito perigoso, e o cheiro está ruim.

Ele se pôs de pé, limpando a sujeira das mãos na calça, e Emily também.

— A gente devia esconder esse buraco, pai, pra que nenhum animalzinho caia mais nele!

— Não se preocupe, meu bem. Não há necessidade. Eu tenho certeza de que isso não vai acontecer de novo.

— Mas...

Hannah, de novo no caixão, passou como um flash na mente dele.

— Eu já disse que não há necessidade! — Suas palavras saíram duras, ásperas, metralhadas, e os ombros de Emily se encolheram. Ele notou o que tinha feito. — Me desculpe. Eu não queria ter falado com você desse jeito. Eu juro que não estou bravo. Eu só tô um pouco... cansado da viagem que fizemos. Só isso. — Ele estendeu uma mão para ela e sorriu, tentando reparar seu erro. — Você pode me dar sua mão? Pra gente voltar? — E após Emily hesitar por um instante: — Por favor?

Ela continuou a fitá-lo como se não o conhecesse, como se fosse um ser invasor que tivesse tomado seu corpo, e isso fez Jack se odiar por dentro.

É isso que você quer, Jack? Estragar o passeio que era para melhorar as coisas para você e sua filha? Pois se for, você está conseguindo. Está passando no teste com louvor.

Mas Emily por fim lhe estendeu a mão, e ele sentiu um alívio imenso dos pés à cabeça. Ele estava prestes a voltar com ela pelo caminho que vieram quando ouviu um *prec!*.

Jack arquejou e se virou, atraído pelo som. A mão livre de Emily se agarrou ao seu braço.

— O que foi isso, papai? Estou com medo!

— Shiu, querida, shiu. — Jack retirou o spray da bolsinha na cintura. Esperou um pouco, percorrendo os pinheiros com os olhos, e então rosnou: — Tem alguém aí? Se tiver, apareça agora! Eu não estou de brincadeira!

Silêncio. Nenhum movimento na floresta.

Finalmente, alguns instantes depois, Jack guardou o spray.

— Está tudo bem. Estamos seguros. Podemos voltar agora.

Eles retornaram para a casa de mãos dadas, Jack repetindo mentalmente que não tinha sido nada.

Capítulo 4

— Eu estou muito feliz por estarmos aqui juntos, sabia? — Jack estava sentado na beirada da cama do quarto que Emily escolhera. Ele tinha acabado de puxar o edredom até a altura do queixo dela e de dar-lhe um beijo carinhoso na testa. — E você, também está?

Ele sorria para ela, mas Emily não retribuía seu sorriso; chateara-se após o episódio do buraco e aquele momento em que ele fora brusco com ela.

— Estou — disse ela baixinho, por fim. — Será que a mamãe vai vir me visitar esta noite?

Um gelo se espalhou pela boca de Jack.

— Eu... Eu não sei.

— Tomara que sim. Eu gosto quando a mamãe vem me ver. — Ela fez uma pausa, como se estivesse pensando, e então perguntou: — Papai, aquela menina... podemos procurar ela amanhã outra vez?

Ah, não. Isso de novo não.

Jack pensou por uns segundos e respondeu:

— Está bem. Vamos procurar por ela mais um pouco de manhã, mas só uma vez. Se a gente não encontrá-la, vamos esquecer esse assunto.

— Tá bom — concordou Emily, e agora ela sorriu.

Jack fez um carinho nos cabelos da filha e em Lily, ao lado dela no travesseiro.

— Durmam bem. Quero vocês bem descansadas pra amanhã. — E apenas para Emily: — Estarei no quarto ao lado, caso precise de mim.

— Ok.

Jack deu outro beijo em Emily e disse, recordando um apelido que, desde que Hannah morrera, ele não mais usara:

— Amo você, Abelhinha.

— Eu também te amo.

Na primavera passada, Emily sofrera uma picada de abelha ao mexer num canteiro de flores de Hannah que ficava próximo à entrada da garagem de casa. Ela fez um escândalo, parecendo que ia morrer. Jack tirou o ferrão do braço dela, tratou do local e tentou acalmá-la, mas Emily passou as horas seguintes reclamando muito e irritada. Alguns dias depois, a lembrança dessa ferroada rendera a eles boas risadas, e o nome “Abelhinha” surgiu da própria Emily.

Jack apagou a luz do quarto dela, deixando uma fresta ao sair. Conferiu que horas eram no celular — cinco para as dez — e deixou a luz do corredor acesa, para que não ficassem na completa escuridão.

Desceu para o primeiro andar e foi para o porão guardar as coisas que tirara do baú e que ainda estavam no chão.

Ao olhar novamente para os desenhos, um filminho passou pela cabeça de Jack: sua filha dizendo que vira uma menina na floresta logo após chegarem; a descoberta dele próprio daquele baú no porão; o buraco em que Emily quase caíra e o laço de cabelos femininos no fundo dele; e, por fim, aquele ramo seco se quebrando. Seria possível que houvesse mais alguém na propriedade? E que algo esquisito estaria acontecendo ali?

Um arrepio se espalhou pelo corpo de Jack.

É claro que não. E não comece a inventar teorias malucas na sua cabeça.

Ele guardou os desenhos e os brinquedos e fechou o baú. Apagou as luzes e saiu. E então as palavras do velhinho proprietário da casa do lago lhe vieram, palavras que ele ouvira quando recebera as chaves das mãos dele:

“Eu não quero alarmá-lo, sr. Campbell, mas acho importante que o senhor saiba que algumas pessoas desapareceram na nossa propriedade anos atrás. E na época dos donos anteriores e na dos que a possuíam antes deles. Essas pessoas nunca foram encontradas, e nós não sabemos o que houve com elas. A polícia foi chamada pelos parentes e até nos investigou, mas nós nunca tivemos nada a ver com isso, e fomos devidamente inocentados. Eu e minha esposa fomos até parar na TV por causa disso. Nós acreditamos que essas pessoas foram atacadas por algum animal na floresta ou que talvez caíram no lago e se afogaram, embora isso seria uma coincidência muito grande e uma tragédia difícil de acreditar, e os policiais não tenham encontrado nenhum corpo. Nós lamentamos muito isso tudo e eu entenderei se o senhor não quiser mais ir, mas devo dizer também que já não temos incidentes desse tipo há muito tempo. Seja como for, se o senhor e sua filha forem mesmo para a nossa casa do lago, por favor tenham cuidado.”

Jack quase desistira do passeio, e agora se perguntava se tomara a decisão correta.

Ele observou da sala de estar por um momento lá fora. Seu Toyota RAV4 vermelho estava lá, parado na noite. Perto dele, nenhum movimento. Correu os olhos por onde começava a floresta e não viu nada. Tudo estava quieto e imperturbável como um túmulo.

Jack subiu para o segundo andar. Conferiu pela fresta que deixara no quarto de Emily e viu que ela já dormia. Foi para o quarto ao lado e, ainda pensando nos desaparecimentos que o proprietário da casa lhe contara, pegou o notebook que levava e o ligou, sentado na cama. Conectou o wi-fi e abriu um site de busca.

Digitou “desaparecimentos em Wintermore” e clicou em alguns dos resultados que apareceram. A maioria deles relatava os incidentes naquela propriedade, e um lhe forneceu duas novas informações que ele supôs que o

proprietário esquecera de lhe dar, mas que não acrescentavam muito a tudo que ele já sabia: que os policiais usaram cães farejadores e itens pessoais dos desaparecidos nas buscas; e que a casa do lago foi fechada por um tempo, sendo reaberta quando seus donos atuais foram declarados inocentes pela justiça local devido à falta de provas contra eles. Na época dos donos anteriores, a casa também fora fechada uma vez, e reaberta pelo mesmo motivo. Sem ter como tirar uma conclusão desses fatos, Jack desligou o notebook e deitou-se para dormir.

Acendeu o abajur na mesa de cabeceira e olhou para a aliança que ainda usava e para os brincos de Hannah, que ele colocara ali. Tocou-os, e o toque neles desencadeou memórias dos momentos que viveram juntos outra vez.

Hannah com a mania dela de passar aquele creme de pêssego que tinha um cheiro maravilhoso, mas que deixava um gosto extremamente amargo na boca... Quantas vezes a gente brigou por causa desse creme...

Hannah com aquelas meias que ela insistia em usar para dormir, não importava o quanto estivesse calor...

Os cabelos dela que me pinicavam o rosto e ela puxando a coberta e me deixando com frio... Como a gente brigava por causa disso também...

A Hannah que ficava uma fera quando eu largava a escova de dentes fora do armarinho do banheiro, ou quando eu derrubava suco na mesa da cozinha...

A Hannah que detestava quando meu queixo com a barba crescida raspava como uma lixa as bochechas e o pescoço dela...

E a Hannah da noite em que fomos com Emily ao cinema e assistimos à estreia de Vingadores: A Era de Ultron... A gente se divertiu bastante. Nos empanturramos de pipoca, estava deliciosa. Foi na tarde desse dia que comprei pela primeira vez umas revistinhas de colorir pra nossa filha, e um joguinho de lápis de cor. Emily passou horas colorindo e nos perguntando se estava ficando bom. Ela ficou chateada quando o apontador de lápis dela quebrou, e perdeu o interesse nas revistinhas pouco tempo depois. Hannah e eu passamos uma hora conversando na varanda depois que a colocamos pra dormir, aproveitando o ar fresco da noite. Bebemos vinho juntos — eu só uma taça e ela duas, e eu disse a ela que já estava bom e que devíamos parar, mas foi aí que ela resolveu tomar mais uma, só pra me contrariar — e recordamos todo aquele dia, que foi muito bom.

Ele se lembrou de Hannah lhe dizendo que havia acertado na escolha do filme, que Emily tinha adorado, chamando-o de Jack, O Estripador — um velho apelido por ele gostar também de filmes de terror.

Lembrou-se de quando enveredaram para o assunto da viagem para Paris que estavam pensando em fazer havia um ano. Hannah era fascinada pela Cidade Luz, tinha fotos e mais fotos baixadas no notebook dela e até algumas que ela havia

imprimido, além de alguns livros, e era doida para conhecer aqueles destinos que as pessoas visitavam quando iam para lá, inclusive as Catacumbas. Jack tinha receio de levar Emily para ver as Catacumbas, achava que poderia ser assustador para a filha. Mas a viagem nunca aconteceu e era uma pena.

Ele e Hannah tiveram um *grand finale* excelente naquela noite. Ela o chamou para o quarto querendo uma trepada, sorrindo do jeito sapeca que Jack não resistia, e ele se levantou e a ergueu em seus braços para amá-la. Ela enlaçou seu pescoço e sua cintura com as pernas dela, roçando e fazendo pressão lá embaixo enquanto suas línguas se encontravam, e ele escorregou suas mãos por baixo da calça dela, apalpando e apertando a bunda dela com firmeza e urgência, aquela pele macia e sedosa deixando-o louco. Subiram se beijando ardentemente desse jeito, o sabor adocicado de vinho em suas bocas, e quase caíram da escada, o que lhes provocou risadinhas, apesar do susto. Transaram umas três ou quatro vezes, como se fossem recém-namorados, cheios de entrega, energia e empolgação.

Jack saiu das memórias e deu por si que tinha tido uma ereção. Ele apertou os olhos com uma raiva fumegante queimando no peito. A vontade de chorar retornou, avassaladora como uma torrente. Ele se virou, ficando de bruços e enfiando o rosto com lágrimas escorrendo no travesseiro, e deu uma sequência de socos no colchão.

Por que você foi morrer, Hannah? Por quê? E só pensando no maldito do seu irmão? Aquele drogado de merda que só sabia perturbar e que nunca quis se ajudar! Você não pensou na gente, na sua família, na nossa filha! Por quê? Por quê, porra? E agora estou sozinho com nossa menina, tendo uma dificuldade imensa pra me conectar com ela! Eu mal sei o que dizer todas as vezes que abro a boca pra gente conversar! Sem falar na vontade de chorar que sinto todas as vezes! E agora Emily está criando pessoas que não existem na cabeça dela, e eu não estou sabendo lidar com isso direito! Você não devia ter morrido, não devia ter deixado a gente assim! Você simplesmente não devia, e eu nunca achei que um dia pensaria isto, mas estou odiando você depois de morta!

As lágrimas jorraram livremente de Jack, sem qualquer esforço dele de contê-las, com soluços abafados que pareciam não ter fim. Ele extravasou toda a dor que sentia por longos minutos, e quando finalmente se acalmou, teve que virar o lado do travesseiro no qual chorara para baixo, de tão molhado que ficara.

Virou-se de lado e ficou na direção do guarda-roupas, sem de fato vê-lo. Agora ele pensava em Emily e nos pesadelos que ela vinha tendo desde que perdera Hannah, pesadelos nos quais ela via a mãe morrendo e no final vindo visitá-la. Na mente de Jack, essa era outra coisa que sua filha imaginava.

Tomara que ela não os tenha esta noite. Por favor, Deus, faça com que Emily não os tenha esta noite.

Uma brisa soprou lá fora, e ele ouviu os pinheiros farfalharem e as calhas e os beirais da casa tremerem, e em algum local esta gemer, talvez se assentando como nas histórias de terror.

Desliga esse cocô e dorme, lollipop, ele ouviu a voz de Hannah, com muita clareza, então lhe dizer, usando a palavrinha para coisas irritantes dela — como um abajur aceso por tempo demais antes de dormirem, por exemplo — e a outra carinhosa da época de namorados deles — a qual continuaram a usar com frequência mesmo depois de casados.

— Tá bom. Eu vou desligar — ele murmurou e o fez em seguida.

Puxou o edredom até o queixo e fechou os olhos.

Capítulo 5

— Está satisfeita agora? — perguntou Jack no friozinho da manhã seguinte, ele e Emily parados numa clareira que encontraram na floresta. — Como eu disse, não tem outra menina aqui. Só você.

Emily ainda procurava ao redor algum sinal da tal menina de preto, mas estava cada vez mais claro para ele que ela não era real.

— Agora a gente vai voltar e não falaremos mais nisso.

— Mas ela ainda tá aqui na floresta!

— Não, não está! E nem comece com isso! A gente combinou que ia procurar ela só mais uma vez hoje, e não a encontramos! Já chega!

Emily fez bico e ficou com uma expressão contorcida do que Jack sabia ser raiva. Ela disparou:

— Você é chato! E você nunca me ouve! A mamãe era muito mais legal do que você!

O peso dessas palavras atingiu Jack como um soco no estômago. Ele ficou sem respirar por um momento.

— Me desculpe, querida — disse, indo em direção a ela. — Você tem que entender que...

Mas Emily se virou e saiu correndo, voltando pela trilha que percorreram até ali.

— Emily, pare! Eu estou mandando!

Jack saiu em disparada, mais uma vez sendo obrigado a persegui-la. Seu coração martelava e sua mente visualizava as terríveis opções que existiam de algo ruim acontecer a ela: um tombo feio, ursos, um pé torcido, uma trombada violenta com uma das árvores.

Ele chegou ao início da trilha curta e viu Emily se dirigindo para o lago. Agora seus sinais de alerta apitavam loucamente, e Jack suava como um condenado no corredor da morte, querendo mas fracassando evitar vê-la caindo nele.

Ele gritou:

— Aí não, filha! É perigoso! Volta já!

Mas Emily gritou:

— Eu não quero ficar com você!

Jack continuou correndo, pedindo a Deus que fizesse ela parar e que a protegesse de uma queda no lago.

Emily alcançou a beira dele, que tinha cerca de um metro de altura e era íngreme, e parou, virando-se para Jack. Ele sentiu alívio, achando que ela ficaria

quieta agora e que sua raiva repentina dele iria passar, mas Emily deu três passos para trás e, no terceiro, as pedrinhas embaixo de seus pés deslizaram, fazendo-a escorregar. Jack arquejou e arregalou os olhos vendo-a girar os braços no ar, em busca de algo no qual pudesse se segurar, mas não havia nada, e o corpo dela inclinou-se acentuadamente para trás.

Jack gritou um sonoro *não!* e apertou o passo, sabendo que não alcançaria Emily a tempo. Houve um barulho terrível de águas sendo atingidas por um corpo, e por um instante que foi para Jack mais horrendo ainda, sua filha desapareceu, as águas salpicando para cima e depois caindo. Ele correu num impulso forte.

Emily não vai se afogar. Eu dei aulas de nado para ela e ela sabe nadar.

Mas ele não parou de correr, e a viu emergir do lago por um momento, chamando por ele e pedindo socorro só para voltar a afundar.

Seu coração parecia querer subir pela garganta e sair voando pela boca. Emily surgiu mais uma vez na superfície das águas, ainda gritando e batendo os braços desesperadamente e a ponto de chorar, sem sua boneca Lily. De tão nervoso, Jack viu esse último detalhe, mas não o percebeu de fato. Ele estava a menos de dez metros de saltar para resgatá-la quando Emily imergiu bruscamente no lago, como se algo ou alguém a tivesse puxado. Ele só conseguiu pensar: *O que foi? Por Deus, o que foi isso?* E berrou:

— Emily! Nãããooo!

Dessa vez, Emily não mais retornou, e Jack aumentou suas passadas para uma velocidade além do que pensara ser a sua máxima, uma que ele jamais imaginara que um dia alcançaria.

Inspirou fundo, prendeu o ar em seus pulmões, chegou à beira do lago e saltou. E enquanto ainda estava no ar, prestes a concluir seu mergulho, ele viu sua filha e uma forma estranha junto a ela, que parecia puxá-la para baixo. As águas ainda tremulantes enganavam sua visão, e por um instante bizarro, Jack pensou estar vendo uma espécie de algas dentro delas, algas pretas.

Mas havia algo mais. Algo branco ondulava abaixo dessas algas pretas, e ele achou ter visto braços e pernas e uma pele também branca...

O que eu tô vendo? Meu Deus, o que eu tô vendo?

Jack mergulhou nas águas, e foi instantaneamente envolvido pelo abraço gélido delas. Seus movimentos ficaram mais lentos, e sua visão se aguçou com rapidez no novo cenário devido aos anos de experiência adquirida através da natação.

Ele bateu os braços e pernas com vigor na direção da filha, e identificou com mais clareza a forma estranha que a arrastava por um dos tornozelos para o fundo do lago. Jack não via algas pretas agora, e nem qualquer coisa branca e ondulante

que podia haver num ambiente aquático como aquele, mas sim cabelos escuros e um vestido em um corpo, o corpo de uma...

Mulher?

Seu coração bateu ainda mais rápido, mas ele não deixou que o choque o parasse, e prosseguiu determinado com sua perseguição.

É a adrenalina, ou meus olhos não se adaptaram ainda a este ambiente. Não tem mulher alguma ali, levando Emily para baixo. Se eu fechar meus olhos e tornar a abri-los, vou ver que é outra coisa.

Ele o fez, mas a imagem não mudou. Era impossível, ele sabia, e absurdo também, mas não havia tempo agora para racionalizar o que ocorria. Precisava dar um fim àquele pesadelo.

O olhar assustado de Emily se encontrou com o dele em um pedido de socorro, os braços dela esticados em sua direção. Jack usou toda a energia restante para aumentar a velocidade de seu nado rumo a ela. A luz gradualmente se esvaía, e Jack ficava mais e mais preocupado a cada segundo com a possibilidade de Emily se afogar se não a alcançasse logo.

Ele avistou algo no fundo do lago que o deixou desesperado. Era preto, redondo, e muito, muito assustador.

Mas que porra é aquela?

Não estava muito longe agora, e a mulher ou coisa ou fosse o que fosse que pegara sua filha a levava para lá, sem dúvida.

As entranhas de Jack queimavam de repente de medo e horror. Era um buraco, ele se deu conta com um pânico crescente. Um grande e terrível buraco negro nas profundezas do lago.

A mulher ou coisa e Emily se aproximavam muito dele e o buraco tremeu, ganhando vida. Um som borbulhante vindo lá de baixo quebrou o abafado das braçadas de Jack, um som que parecia preceder uma desgraça. As águas ao redor do buraco agitaram-se, rodopiando com movimentos suaves e tornando-se mais bruscos, revoltos e crescentes numa velocidade espantosa, expandindo sua tormenta para um raio de dez ou onze metros em torno dele, e logo o borbulhar se transformou em um barulho ensurdecador, um barulho de uma coisa viva ansiosa por uma refeição. Jack via agora uma espécie de enorme redemoinho, mas era muito pior e mais potente do que isso, algo saído de um filme de terror ou de ficção-científica para a vida real.

Ele se apressou, nadando como nunca, temendo que em poucos segundos essa coisa grotesca traria sua filha, ou que ela morreria sem ar antes de isso acontecer. Na verdade, Jack achava um milagre que ela ainda estivesse viva.

A raptora e Emily alcançaram as águas furiosas e Jack nada pôde fazer. Emily esticou seus braços para ele uma última vez, e ele esticou os seus para ela. Uma dor

dilacerante explodiu em seu peito enquanto ele gritava em silêncio por ela, pedindo para ela voltar. Emily foi tragada e girada redemoinho abaixo diante de seus olhos, até ser sugada pelo buraco negro e sumir sem nenhum rastro.

Jack estremeceu com força, notando que seu ar acabava. Com ou sem fôlego, ele tinha de entrar naquela coisa aonde quer que o levasse.

Alcançou o feroz redemoinho e adentrou-o. Em pouquíssimos segundos, Jack perdeu o controle sobre seu corpo, que sem forças para reagir, só pôde render-se e se deixar girar e girar e girar e ser puxado para baixo. O mundo saiu de foco, dando lugar a um borrão. E depois só houve silêncio e escuridão.

Capítulo 6

Jack abriu os olhos lentamente, as pálpebras pesadas. A primeira coisa que registrou foi o céu escuro, sem estrelas e sem nuvens, pairando acima dele.

Ele ficou deitado no gramado por um momento, confuso, o mundo entrando em foco aos poucos enquanto ele tentava entender onde estava e o que tinha acontecido.

Por um instante, parecia incapaz de lembrar qualquer coisa, como se suas memórias tivessem sido apagadas antes de ele ter perdido a consciência, se foi isso mesmo que aconteceu.

Ele sentiu frio, e se deu conta de que voltava, também aos poucos, a sentir cada um dos membros de seu corpo. Seus braços, pernas e dedos encontravam-se estranhamente dormentes quando despertara, e agora moviam-se.

Ele tentou se sentar e conseguiu, com os joelhos dobrados e a cabeça pendendo entre eles. Ela latejava, doía, protestava. Ele levou as mãos às têmporas e massageou-as, aliviando-as um pouco da dor, e quando finalmente retomou sua consciência, seus movimentos e sentidos por completo, um pensamento urgente explodiu como uma bomba, fazendo seu olhar se erguer de supetão.

— Emily! — disse, primeiro num tom normal, vasculhando o ambiente à sua frente. Repetiu mais alto, apoiando as mãos no chão e virando-se, sua voz já pontuada por um desespero crescente e pela necessidade imediata de encontrá-la: — *Emily!*

Viu o lago à sua esquerda e a floresta de pinheiros ao redor, e uma trilha o convidava a desbravá-la à sua direita. Havia uma luz que ele enxergava ao longe, por entre o exército de formas escuras das árvores e a névoa que cobria tudo.

Que luz é aquela? É da casa do lago?

Mas aquele lugar, a propriedade da casa, não estava um tanto... estranha? Sim, parecia que sim. Se a luz distante que Jack enxergava fosse mesmo da casa, ela estava em uma localização diferente, e isso era impossível. A casa ficava bem próxima do lago, e não *dentro* da floresta... Ou será que ele tinha ido parar de alguma maneira em um local da propriedade em que não tinha passado com Emily, um local que estava lhe causando essa impressão — uma espécie de ilusão de ótica — de que a casa estava no lugar errado? Muito improvável. O que o levava a crer que o lugar estava de fato diferente. Ou que ele estava sonhando.

Procurou a filha com um olhar muito preocupado e atento e concluiu que ela não se encontrava mesmo ali perto. O peito de Jack se apertou com força. Ele chamou Emily outra vez na esperança de que ela o ouvisse e aparecesse se ele insistisse um pouco mais.

— Emily, onde está você? — Fez uma pausa para ouvir os sons à sua volta, mas só havia silêncio pairando na névoa fina que se espalhava pela noite. — *Emily!*

Seu coração palpitou rapidamente.

E foi então que as memórias lhe vieram: Emily caindo no lago após ter fugido dele; Emily se debatendo na água e gritando o nome dele, gritando por socorro; Emily afundando de maneira abrupta e com força no lago, de um modo que não era natural; algo ou alguém puxando-a para baixo por um dos tornozelos, rumo a um buraco negro e assustador no fundo do lago, um buraco que ganhara vida e cujo redemoinho forte que formara as sugara; e, por fim, ele próprio adentrando o redemoinho e sendo tragado. Depois disso, não havia mais lembranças.

Será que estou morto? Se isto não é um sonho e nem uma ilusão, será que estou morto agora mesmo? E outro pensamento, este muito mais terrível, veio assombrá-lo: *Será que minha filha está morta?*

Uma raiva súbita de si começou a brotar, e Jack cerrou os punhos e trincou os dentes com uma vontade louca de socar-se. Por diversas vezes, ele fora egoísta nos últimos meses, pensando demais na falta que Hannah lhe fazia e negligenciando Emily, e agora ela havia sofrido um acidente e desaparecera. Jack inundou-se em culpa, algumas lágrimas ardendo seus olhos.

Eu preciso mudar. Eu preciso aceitar que Hannah se foi e me concentrar na minha filha. Porque ela é tudo que importa agora. Tudo.

Levantou-se e tremeu de frio. Analisou as opções e escolheu a trilha, que o levaria até a luz. Um instinto o fez lembrar-se de seu celular, já que poderia usá-lo para falar com Emily, mas Jack o procurou no bolso da calça jeans e ele não estava lá. Talvez tivesse caído no redemoinho, em algum lugar no fundo do lago. A bolsinha com o spray contra ursos também sumira. Sua aliança, no entanto, continuava em seu dedo. E quanto à sua roupa e às suas botas de trilha, elas não deveriam estar molhadas ainda? E talvez um pouco sujas? Jack ficou um tanto surpreso e chocado ao dar-se conta de que não estavam.

A falta do celular também implicava na impossibilidade de ver que horas eram, a fim de saber quanto tempo ele passara inconsciente ali no chão. Sem dúvida, foram várias horas, pois era manhã quando Emily caíra no lago. Jack afastou esses pensamentos e observações, já que não o levariam a nada naquele instante, e começou a caminhar.

Perto da trilha, notou que a lua estava cheia e que, mesmo assim, havia negrume na floresta, que parecia mais densa e cerrada do que antes — outro indício de que havia algo errado ali. Tentou lembrar em que fase a lua estava naquela semana. Talvez fosse lua nova, mas era fato que ele nunca se atentava a esse tipo de detalhe.

Entrou na trilha, chamando por Emily em intervalos regulares. Ele já estava começando a suar de nervoso, apesar do frio, quando avistou a casa com a luz acesa que o atraía. Ouviu o estalar de um galho seco e captou um movimento ligeiro por trás de uma das árvores à sua direita, um vulto passando de uma árvore para outra, a uns quinze metros de sua posição.

Ele avançou, também pisando em folhas e galhos secos, provocando estalos sob seus pés. O vulto correu de uma árvore para outra, e agora que Jack tinha reparado melhor, aquele não era o vulto de uma... *menina*? Uma menina que segurava uma boneca em uma das mãos? *Era* o vulto de uma menina, com braços finos e cabelos longos e pretos e usando um vestido que também parecia ser preto. E ela segurava, sim, com certeza, o que devia ser uma boneca em uma das mãos. Só que não era Emily, pois essa menina era mais alta do que Emily, e mais esguia. E sem dúvida não era a mulher ou coisa do lago que a raptara e a levara para o fundo dele. Então, *quem* era ela?

A menina de preto, Jack sussurrou mentalmente, ainda se recusando a aceitar que ela era real.

— Ei, espere! — gritou. — Quem é você?

Nenhum movimento. Nenhum farfalhar entre o mar de pinheiros que estendia-se à sua frente.

— Apareça, por favor! — Não gritou dessa vez, mas falou alto e com firmeza com o intuito de convencer sua observadora a revelar-se para ele. — Eu não vou te fazer mal, e não vou te machucar! Só estou procurando minha filha! Ela é uma garota pequena e pode estar perdida! Você a viu?

Jack prosseguiu, movendo-se depressa para o último local em que vira a menina dizendo:

— Fale comigo! Por favor!

E então, talvez porque ele estava se aproximando demais, ela saiu de trás da árvore na qual se escondia e correu.

Jack correu atrás dela, pedindo para que ela não fugisse dele, mas ela era veloz e o despistou. Agora, Jack não conseguia mais vê-la. A menina desaparecera como num passe de mágica, e ele percebeu que tinha se afastado da casa e que se afastaria muito mais se continuasse a persegui-la.

Ela não é sua prioridade, seu idiota. Volta e procura Emily na casa.

Antes que desse meia-volta, outro pensamento lhe ocorreu. Seria a menina de preto uma das pessoas que haviam desaparecido naquela propriedade? Jack achava isso uma coisa difícil de acreditar... Mas se fosse, se apenas por um momento ele considerasse isso uma possibilidade verdadeira, onde estariam os pais dela? Seria ela a mesma menina dos desenhos do porão? Será que estava completamente sozinha ali? E por que estava ali?

— Foi você que apareceu pra minha filha ontem de manhã?

Como esperado, não houve resposta. Só o silêncio da noite e o ar gélido que a névoa branca trazia consigo.

— Me responda só isso, por favor! Você não precisa aparecer, se não quiser!

Mas a menina não fez nem uma coisa nem outra.

Farto disso, Jack voltou para a trilha, e mirou a casa que era o seu objetivo.

Que seja minha filha lá dentro e que ela esteja segura, ele pensou e repetiu:
Que seja minha filha lá dentro e que ela esteja segura.

E foi até a casa.

Capítulo 7

Jack parou perto da casa e notou detalhes esquisitos em seu exterior, que estava bastante sombrio. Toda a sua estrutura parecia velha e corroída, e havia um cheiro ruim de madeira podre pairando no ar. Os janelões de vidro que permitiam enxergar seu interior estavam quebrados em alguns pontos ou apresentavam rachaduras, de modo que parecia que alguém a havia depredado por algum motivo. Teria sido a menina de preto? Mas e quanto ao apodrecimento da casa, o que poderia explicar aquilo? Lá de longe, do lugar em que Jack acordara e também da trilha na floresta, não parecia que a casa estava daquele jeito. Só restava então uma pergunta para ele a se fazer: o que estava acontecendo naquele lugar?

Ele avançou e examinou os degraus da varanda. Havia um buraco em um deles, bem no meio, onde se podia afundar uma perna e machucá-la nas beiradas pontiagudas em forma de setas. Olhou para cima e reparou que a cobertura da varanda parecia frágil e talvez propensa a cair se alguém com peso suficiente subisse nela. Olhou mais para cima e viu a luz acesa que só podia ser do quarto que Emily escolhera para si antes. Recuou uns dois ou três passos a fim de ter uma visão melhor da janela, que tinha um estilhaço no canto superior direito, como se alguém tivesse arremessado uma pedra do tamanho de um punho de um adulto contra ela, e chamou pela filha fazendo uma concha ao redor da boca, torcendo para que Emily aparecesse e estivesse bem.

— Emily! Você está aí?

Silêncio.

Jack encarou a janela com uma expectativa que crescia a cada segundo, as mãos um pouco abaixadas agora, porém preparadas para retornar à posição de antes.

Elas subiram de novo e ele tentou mais uma vez.

— É o papai, Emily! Está tudo bem, não precisa ter medo! Apareça na janela se estiver aí em cima!

Mais silêncio.

O coração de Jack batia muito rápido. Ele suava.

E, de repente, a luz se apagou.

Jack estremeceu. Não de frio, mas de medo. Será que era a raptora de sua filha lá em cima? Uma onda de pavor o congelou por um instante, mas ele correu para a porta da frente, gritando por Emily. Abriu a porta com um estrondo e atravessou a sala de estar escura com passadas largas rumo à escada, não deixando de notar a total ausência de móveis dentro da casa e alguns buracos que havia no chão.

O que é isso? Aonde tudo foi parar?

As paredes e o piso de madeira também apodreciam, ele percebeu antes de lançar-se a subir a escada.

Não havia nenhum buraco nela, o que foi bom. Jack parou no corredor, apertando um pouco os olhos a fim de enxergar melhor. Havia cinco portas, e isso estava correto, e todas, com exceção de uma, a penúltima na parte direita do ambiente, ao lado do banheiro (considerando que isso também estivesse correto), se encontravam fechadas. Havia uma fresta naquela porta, um fecho de luz prateada da lua passava por ela e chegava ao corredor, o que significava que podia haver de fato alguém do outro lado. Jack avançou devagar, tomando cuidado para não ser surpreendido, desviando de um ou outro buraco no piso de madeira que rangia levemente e ciente de que, apesar da cautela, ele já tinha entregado sua presença com seus gritos.

Ele parou ao lado esquerdo da porta entreaberta e preparou-se para o movimento que faria a seguir. Respirou fundo, contou mentalmente até três e esticou a mão direita para a maçaneta. A frieza do metal preencheu sua palma e ele a empurrou. Retraiu-se para a proteção que a parede do corredor lhe fornecia e ouviu o baque da porta quando ela bateu na parede lá dentro. Ele exagerara na força ao abri-la, e ficou preocupado que pudesse ter assustado Emily se fosse ela quem estivesse se escondendo ali. Ele ficou à espera de outro som, como passos ou uma respiração, mas não ouviu nada a não ser o *bum-bum-bum* rápido e constante do próprio coração. Obrigou-se a deixar a momentânea segurança da parede e, com cuidado, entrou pela porta.

Não havia móveis nem objetos no quarto, ele notou após ter dado três passos para dentro. E não era o quarto de Emily. Era o maior. Era o *dele*, o que significava que os quartos — e possivelmente o banheiro — estavam em localizações invertidas. Não havia nenhum rastro de Emily, para a frustração e o aumento da preocupação de Jack. Só as paredes e o piso de madeira apodrecendo, a janela com o estilhaço que ele vira lá de fora e o vazio. Muito estranho.

Se houvera alguém ali um minuto atrás, esse alguém obviamente tinha deixado aquele cômodo por uma saída misteriosa e deveria estar escondido em um dos outros dali de cima.

Uma passagem secreta, talvez?

Jack correu os olhos pelo aposento, mas não viu nada que pudesse parecer um caminho oculto. A pessoa não tinha como ter descido sem ele percebê-la ou dar de encontro com ela, simplesmente não tinha, e mesmo que ele tivesse travado por um momento diante da varanda, Jack agira com considerável rapidez ainda assim.

Ele estava prestes a se virar para voltar ao corredor, esquecendo-se que podia conferir se a pessoa que ali estivera tinha saído pela janela e se escondido em cima da varanda, perguntando-se onde diabos estava o interruptor que aparentemente

não existia que acendia e apagava a lâmpada no teto, quando ouviu um rangido de madeira atrás de si e gorgolejos como os de alguém se afogando.

Mãos fortes agarraram sua blusa azul da equipe de hóquei Edmonton Oilers e o empurraram para a frente. Jack bateu com a lateral direita do rosto na janela, perto das pontas perigosas e afiadas do buraco, e gemeu. Seus cabelos foram agarrados com força e seus braços presos em suas costas, e ele grunhiu de dor ao ser pressionado contra a superfície fria e dura do vidro. Ele se sacudiu, tentando se livrar do domínio de quem o atacava, e esqueceu-se por um instante que suas pernas estavam livres e que podia fazer algo que não fosse apenas balançá-las a fim de escapar.

A pressão sobre Jack aumentou, pequenas fissuras começaram a surgir na janela, e tudo indicava que o desejo de seu agressor era atravessá-lo por ela a qualquer custo e mandá-lo pelos ares. Ele deu um pisão no pé direito do maldito, que estava descalço, e o ouviu soltar um satisfatório urro de dor, ao passo que também registrou a moleza esquisita do pé dele e o ruído úmido de quando alguns de seus dedos se partiram.

A mão nos cabelos de Jack retraiu-se, e a que prendia seus braços afrouxou. Era sua chance de virar aquele jogo.

Com um movimento abrupto e enérgico para baixo, como se estivesse rompendo uma fita adesiva imaginária que envolvia suas mãos, Jack se soltou, e se voltou para o autor daquele ataque, ficando cara a cara com um ser que simultaneamente lembrava e não lembrava um homem. *Era* um homem, com olhos, nariz, ouvidos e boca, braços e pernas e pelos e tudo que tinha direito, mas sem dúvida não era um homem comum. Assim como com aquela casa, também havia algo muito errado com ele.

Jack sentiu horror e repulsa ao fitar o rosto feio e apodrecido, as pupilas cinzentas dilatadas e vazias, as retinas completamente avermelhadas, olhos doentes ou até mortos. O cabelo do homem estava ralo e desgrenhado. Havia uma pequena desconfiguração no nariz dele, bem na ponta, como se alguém o tivesse mordido e arrancado um pedaço. O lóbulo da orelha esquerda também se encontrava assim. Jack desceu o olhar e viu que a roupa não passava de frangalhos, e que o corpo apodrecia, sentindo o horror crescer quando fitou os dois dedos que partiu daquele homem no chão, um líquido preto e viscoso (*Isso é sangue?*) saindo dos cotocos que sobraram. O cheiro nauseante que dele exalava também era ruim, de podridão, fazendo o estômago de Jack se embrulhar de enjoo.

O agressor gorgolejou outra vez e arremeteu contra Jack, movido a fúria e a loucura, empurrando-o de novo contra a janela. Jack bateu com a nuca e as costas nela, e soltou um grunhido com o impacto. Um som preocupante denunciou que as pequenas rachaduras que tinham se formado pouco antes transformaram-se em

linhas sinuosas maiores, indicando a agora fragilidade extrema do vidro. Uma luz vermelha de perigo se acendeu em sua mente, mandando-o sair dali. Ele enfiou sua mão direita no rosto do homem podre, forçando-o para o lado, torcendo-o, ao passo que sua mão esquerda tentava afastá-lo. Cravou suas unhas na pele do agressor, e o líquido preto e viscoso escorreu dos novos machucados.

Credo!, pensou Jack, mas não se interrompeu.

Isso só deixou o homem podre ainda mais ensandecido.

As mãos dele voaram até o pescoço de Jack e se fecharam sobre ele. Outra luz vermelha, piscando loucamente, fez Jack retrair sua mão direita e a manobrar junto com a esquerda a fim de se livrar de um iminente sufocamento. Conseguiu com um pisão, agora no outro pé do agressor, e mais dedos dele se partiram. O homem podre urrou, e o sangue escuro tornou a melecar o piso.

Desferiu uma nova investida contra Jack, que deu um passo para o lado no último segundo antes de ser atingido, fazendo-o estatelar-se na janela rachada, cujas fissuras aumentaram em todas as direções chegando a cada uma das extremidades dela. Jack o dominou cruzando os braços dele às costas, e o pressionou contra o vidro.

— Quem é você? Por que tá me atacando?

O homem podre se sacudiu, gorgolejando e grunhindo, e Jack reajustou sua pegada nele.

— Ei! Me responde, porra! Você pegou minha filha? *Onde está a minha filha?*

Outra sacudida furiosa.

— Você machucou ela? *Onde ela tá, caralho?*

O homem podre reagiu com um coice na canela dele. Jack cambaleando, soltando um berro e dobrando o corpo, abriu a guarda.

O agressor partiu para cima dele, agarrou-o pelos ombros, mas o sangue de Jack ferveu e ele cravou suas mãos no pescoço do maldito. Apertou-o, e a pele frágil passou a vazar o líquido negro onde seus dedos pressionavam. O homem podre gorgolejou horivelmente, tentou morder as mãos de Jack mas não conseguia alcançá-las, e Jack permaneceu firme e atento para bloquear qualquer golpe com as pernas. O podre inclinou sua cabeça para trás e, com um grande e veloz impulso, arremeteu-a para a frente. Acertou em cheio o nariz de Jack, que explodiu numa dor lancinante. Jack cambaleou para trás, levando uma mão até ele, sentindo sua visão escurecer. Estrelas dançaram.

Ele quebrou o meu nariz! Esse desgraçado de merda quebrou o meu nariz!

Com a adrenalina queimando no seu corpo inteiro, Jack esticou os braços para a frente e avançou com passos rápidos e um grito selvagem sem dar ao homem chance de defesa. Colidiu com ele, que bateu com as costas violentamente na janela. O vidro arrebentou com um estrondo, e ele atravessou-o e saiu voando

pelos ares. Jack ouviu o som dele atingindo o chão lá embaixo, diante da varanda, e os sons dos estilhaços de vidro que também caíram com ele. Inclinou-se na janela cuidando para não se machucar com as pontas afiadas que sobraram na moldura e viu que o homem podre estava caído de costas no gramado, o corpo e o pescoço muito tortos.

Eu matei ele! Meu Deus, eu matei ele!

Observou boquiaberto o corpo inerte lá embaixo, parando de ofegar e a dor em seu nariz se dissipando. Sentiu uma tontura intensa e equilibrou-se para não cair.

Pensamentos ecoaram em sua mente enquanto fitava o homem morto: *Quem e o que era ele? De onde ele saiu? Por que me atacou e o que ele fez com a minha filha?*

Jack passou longos minutos esperando por respostas, mas elas não lhe vieram.

Capítulo 8

Após o longo tempo de contemplação do corpo sem vida do homem podre caído no gramado da casa, Jack saiu de seu estupor e verificou os outros quartos e o banheiro do segundo andar, confirmando que estavam mesmo dispostos de maneira invertida ao longo do corredor, e que Emily não estava lá. Conferiu os cômodos do andar inferior, descobrindo que também estavam vazios e apodrecendo e em localizações diferentes, e sem sinal de Emily também. Saiu para a varanda, tomando cuidado com o degrau com o buraco no meio, e parou diante do corpo do homem.

— Eu não queria ter feito isso — disse —, mas você me obrigou. Se ao menos eu soubesse onde Emily está...

Ele ficou ali um pouco, de pé, com sua lamentação e sua canela ainda latejando de leve devido ao golpe que recebera do homem podre, mas logo resolveu que precisava retomar sua busca e deixar aquele local para trás. Talvez as coisas melhorassem mais para a frente, embora ele sentisse que não iriam.

Analizou as direções para as quais podia ir, a névoa fina e branca insistente atrapalhando um pouco sua visão, quando ouviu passos se aproximando.

Jack se voltou para trás e seus olhos cresceram de surpresa. Era a menina, aquela que fugira dele. A menina com cabelos longos pretos e vestido também preto. A menina esguia e mais alta do que Emily, e que agora ele notava, tinha uma pele muito clara. Ela parecia ter uns onze anos. Trazia consigo uma boneca de pano muito familiar em sua mão esquerda.

Lily?

A menina se aproximava. Jack deu alguns passos contornando o homem no chão e ficou à espera dela, sentindo-se um pouco nervoso e bastante confuso.

Ela parou mantendo uns quatro metros de distância dele e disse apenas:

— Olá!

Jack retribuiu o cumprimento, esticando um pouco os lábios cerrados e acenando com a mão direita numa tentativa de parecer amigável, de que não tencionava fazer nenhum mal a ela, uma cena um tanto estranha levando em consideração que um homem também estranho, que apodrecia e vertia um líquido preto e nojento de seus ferimentos, e cujas vestimentas não passavam de trapos sujos e lamentáveis, jazia atrás dele, no chão.

— Olá! Você de novo.

Seguiu-se um silêncio que pareceu muito longo para Jack, e ele teve medo que ela fugisse dele outra vez. Seria melhor falar algo antes que isso acontecesse. Ele indicou o homem morto.

— Por favor, não se assuste com isto. Este homem me atacou dentro da casa. Eu estava procurando minha filha quando ele apareceu. Eu fui surpreendido e acabamos brigando, e ele caiu pela janela. Eu não queria que isso acontecesse. Eu só queria...

— ... encontrar Emily, eu sei — a menina completou. — E eu sei bem como alguns deles — ela apontou com a mão livre para o homem podre — são. Você fez o que tinha que fazer. Você só se defendeu.

— É. Foi isso mesmo.

Jack franziu a testa. *Como ela sabe o nome da minha filha?* A resposta era óbvia e lhe ocorreu em seguida. *Ela aprendeu enquanto eu chamava por Emily. Ela ouviu o nome e gravou.*

— Você sabe onde está minha filha? Você deve saber. — Jack deu um passo à frente e viu a menina recuar. — Por favor, não fuja! — apressou-se em dizer, as mãos erguidas num gesto de paz. — Eu não vou te fazer mal. Estou confuso e preocupado, e preciso muito de ajuda. Você pode me ajudar?

A menina pareceu hesitar por um instante, ou talvez só estivesse um pouco tímida, mas assentiu.

— Eu acho que posso.

— Ótimo, ótimo. Eu preciso te fazer algumas perguntas, tudo bem?

A menina olhava para os lados como se temesse que alguém a qualquer momento surgiria. Jack achava pertinente esse temor, e tinha consciência de que o barulho da janela se quebrando podia ter atraído mais pessoas além dela para aquele local. Pessoas ruins como o homem podre com quem lutara, se é que havia mesmo mais pessoas como ele por ali. Só que Jack precisava entender o que era aquele lugar, por que havia acordado nele, quem era aquela menina e aonde Emily tinha ido parar. E quem e o que era seu agressor e por que ele tinha aparecido ali. Começou a fazer perguntas antes mesmo que a menina concordasse em respondê-las.

— Você é a menina que Emily viu? Onde estão seus pais? Você está perdida? Essa boneca... ela pertence à minha filha. Onde ela está? Por que você está com a boneca dela? Onde a encontrou? Me fala agora! Eu preciso saber!

Ele fez uma pausa, mas a menina somente o fitava, sem nada dizer.

— Quem e o que é este homem? Existem mais deles, de verdade? Não me diga que você é um deles, em um estágio bem menos avançado seja do que isto for, porque você não parece um deles. — Deu-se conta de que estava bombardeando a menina com suas dúvidas e que mal dava a ela tempo para respondê-las. — Me desculpe. Sei que são muitas perguntas de uma vez só, mas preciso encontrar minha filha, ela é tudo que eu tenho. Você me entende?

A menina deu uma nova olhada apreensiva para os lados, voltou-se para ele e disse, a voz apressada:

— Eu te entendo. E eu não sou um deles. Eu sou do bem, e acho que você também é. E acho que eu tenho as respostas pra maioria das suas perguntas. Mas tem mais desses homens feios e maus vindo pra cá agora, e mulheres também, eu tenho certeza.

— Como você sabe? Você já esteve aqui antes?

— Estive. Várias vezes. — Ela passou por Jack e começou a correr. — Vem! Eu conheço um lugar seguro na floresta! A gente vai ficar protegido lá!

Jack ouviu mais passos se aproximando pela floresta. Pessoas correndo e emitindo sons ensandecidos como o homem com o qual se deparara na casa, talvez apodrecendo horivelmente como ele, estavam vindo de várias direções. Um cheiro de coisas podres preencheu o ar, confirmando isso.

— Espere! Como é o seu nome?

— Depois eu te conto, pai da Emily! E você vai me contar o seu! Mas primeiro a gente tem que sair daqui agora!

Alarmes soavam mais uma vez na cabeça de Jack.

E se isto for uma emboscada? E se essa menina não for confiável, como dizer?

Mas era segui-la ou ficar ali... e enfrentar quantas daquelas pessoas esquisitas e muito perigosas?

Jack não queria saber. Disparou atrás dela.

— Pra onde estamos indo? — perguntou na floresta escura e nevoenta, sob a luz pálida da lua. — Onde fica esse lugar que você disse que conhece?

A menina respondeu sem olhar para trás:

— Fica lá na frente, à direita! Tem uma cabana lá, uma que eu já usei várias vezes pra me esconder dos homens maus iguais àquele que te atacou! Tem um alçapão debaixo de um tapete que eles não conseguem achar!

Jack acompanhava ela na corrida bem de perto agora. Ele lançou uma olhadela por cima do ombro e enxergou as silhuetas de mais daquelas pessoas correndo na direção que eles seguiam. Chutava que havia pelo menos umas dez delas.

— Olha! — disse a menina. — Lá na frente! A cabana que eu falei pra você!

Jack avistou uma cabana de madeira enquanto desviava dos pinheiros. Ainda ouvia os desgraçados, que mantinham-se a uma distância pouco confortável. Um temor gélido serpenteou em sua barriga.

— Mais deles!

— Sim, pai da Emily! Vem rápido!

Aumentaram sua corrida para a velocidade máxima, Jack torcendo para que aquilo desse certo. A situação piorava a cada segundo, e já não parecia tão garantido que o plano da menina iria funcionar.

A cerca de cinquenta metros da cabana, ela parou, fazendo com que Jack também parasse e se virasse com olhos confusos e apavorados.

— O que foi? O que aconteceu?

Jack calculou que já haviam se multiplicado para uns trinta. O som que ecoava na floresta era altíssimo, quase insuportável. Por que a menina tinha parado?

— Eles tão muito perto da gente! — ela disse. — Eu vou distrair eles pra você se esconder na cabana!

Jack balançou a cabeça freneticamente.

— Não! De jeito nenhum! É loucura! Eles são violentos e podem te pegar!

— Eles não vão me pegar, pai da Emily! Eu já fiz isso várias vezes!

Bem, ela parece bastante segura... Droga, não quero deixar essa menina aqui.

— Você volta?

— Eu vou voltar! Agora vá! Se esconde no alçapão embaixo do tapete vermelho logo no primeiro cômodo e não sai até eu chegar!

— Ok!

— Pai da Emily?

Jack se voltou para a menina. Os homens e mulheres descontrolados emitiam uma sinfonia medonha cada vez mais próxima e digna de um pesadelo.

— Fica com a boneca! Para o caso de encontrar Emily antes de mim!

Quando ela entregou a boneca para Jack, foi como pegar uma parte de sua filha, e ele sentiu-se agradecido pelo gesto.

— Obrigado.

A menina sorriu e assentiu e correu para a esquerda, movendo os braços acima da cabeça e gritando para chamar a atenção dos perseguidores apenas para si.

Jack disparou rumo à cabana. Olhou uma última vez para trás quando estava a menos de vinte metros do abrigo e viu que ela havia conseguido atrair uma boa quantidade deles, talvez a metade.

Porra, ela conseguiu. Seja lá o que ela é...

Ele alcançou os degraus da varanda e a porta da frente e entrou no que era uma sala de estar escura e fétida e quase vazia, com uma única mesa de madeira retangular que ficava em um canto e duas cadeiras nas pontas dela. Pouquíssima luz da lua entrava pelas duas janelas que Jack vira do lado de fora, e tanto o exterior quanto o interior da cabana pareciam menos apodrecidos em comparação

com a casa na qual estivera antes. Não havia buracos no piso ali, e o tapete vermelho que a menina mencionara se encontrava no centro do cômodo.

Jack correu até lá, pegou numa das pontas dele e o puxou. Um alçapão se revelou. Havia uma pequena alça de ferro que usou para abri-lo, revelando uma passagem estreita pela qual era possível se esgueirar por baixo da cabana. Jack posicionou o tapete de modo que pudesse alcançá-lo ao descer pela passagem e retorná-lo o suficiente para cobrir todo o alçapão ao fechá-lo. Enfiou-se na passagem estreita e conseguiu fechar o alçapão. Seguiu agachado pelo chão de terra até o ponto mais distante. A menina havia dito que os perseguidores não eram capazes de encontrar o alçapão, mas Jack não queria se arriscar. Se o achassem, ao menos não dariam de cara com Jack de imediato, e ele ganharia segundos preciosos.

Ficou sentado abraçando as pernas, no escuro e no frio, envolvendo Lily, esperando o caos se findar. Filetes de iluminação prateada da lua penetravam as minúsculas frestas no piso de madeira acima dele, fornecendo-lhe um pouco de alento naquele lugar sombrio.

Um estrondo na porta da frente da cabana o fez voltar-se para aquela direção. Os sons dos homens e mulheres insanos preencheu o ambiente junto com o cheiro nauseante de podridão, e pés arrastavam-se procurando por ele. As tábuas rangiam. *Vão embora... Não me encontrem, desgraçados.*

Ele pensou no paradeiro de Emily, no bem-estar e na segurança dela, lembrando de Hannah e da menina misteriosa que dissera que voltaria ajudá-lo, cercado por espectros sinistros da escuridão.

Capítulo 9

Pai, por que o céu é azul?

Em pensamento, Jack estava em um bonito dia de inverno prestes a explicar para Emily quando ouviu sons de passos entrando na cabana. Não eram pés descalços agora, mas sapatos, e ele ficou apreensivo outra vez. Permaneceu imóvel e em silêncio ouvindo quem chegara. Os passos cessaram perto do alçapão.

— Pai da Emily?

A menina! Graças a Deus!

— Estou aqui!

Houve um farfalhar do tapete sendo arrastado e o alçapão se abriu.

— Você está bem? — ela perguntou quando Jack retornou até o alçapão.

— Estou. E você? Você tava lá fora com aquelas coisas.

— Estou, sim. Eu consegui enganar eles.

— O que você fez?

— Eu sei de alguns lugares onde posso me esconder.

— E eles não vão voltar pra cá?

— Não dá pra ter certeza, mas acho que não vão passar por aqui tão cedo.

— Tomara que você tenha razão. Então eu posso sair daqui de baixo agora, certo?

— Pode. Mas você quer conversar, não quer? Saber as respostas das dúvidas que você tem.

Jack queria. Precisava com urgência de respostas. Também precisava continuar sua busca por Emily o quanto antes, só que era improvável que fizesse algum progresso importante sem saber primeiro onde procurá-la.

— Quero, sim. Tenho muitas perguntas para te fazer.

— Então é melhor a gente conversar aí embaixo. Se algum deles aparecer, já estaremos escondidos.

Jack disse que era uma boa ideia, mas que estava bem escuro ali. A menina então se afastou dizendo que ia pegar algo para iluminar.

Ele espiou com a cabeça para fora do alçapão e viu o vulto dela no que parecia uma cozinha. Ela abriu um armário numa parte baixa e retirou algum item. Remexeu no interior do armário e retirou mais algum item. Houve o rascar de um palito de fósforo numa caixinha e uma pequena chama se acendeu. A menina passou a chama para o outro item, e ele entendeu que ela havia acendido um lampião provavelmente a querosene.

Ela apagou o fósforo e retornou com a fonte de luz. Jack perguntou onde ela tinha arrumado aquilo e ela disse que naquela cabana mesmo, depois que se

escondera pela primeira vez de outras pessoas más iguais àquelas que os perseguiram. Jack elogiou seu achado, e ela pediu para entrar na passagem. Ele saiu de baixo do alçapão e ela desceu, puxando o tapete de volta e fechando o alçapão em seguida, e andou agachada à frente dele iluminando o caminho.

— Você não parece cansada — Jack observou quando se sentaram, o lampião repousando no chão de terra entre eles e a boneca Lily em seu colo.

— Eu não fico cansada, pai da Emily. Não mais.

O cenho de Jack franziu.

— Como assim, você não fica mais cansada?

— É uma longa história. Você quer que eu conte?

Sem hesitar, Jack disse:

— Quero. Mas antes, acho que seria bom se a gente soubesse o nome um do outro. Eu sou Jack. — Ele sorriu e ofereceu a mão direita para ela. — Jack Campbell. Mas pode me chamar de Jack. Como é o seu?

Ela pegou na mão dele e a balançou.

— Eu sou Sophia. Sophia Clarke. Com *e* no final.

Embora a claridade emanada pelo lampião não fosse uma claridade que Jack classificaria como “espetacular”, ela permitia contemplar bem e em um tom amarelado o sorriso com dentes da menina. Era um sorriso muito jovem e amável de se ver.

— Sophia — ele disse e assentiu, registrando a importante informação e recuando sua mão enquanto ela fazia o mesmo. — É um nome muito bonito.

— Obrigada. Foi minha mãe que escolheu. Quer dizer, meu pai também. Só que foi minha mãe quem *pensou* nesse nome. Meu pai apenas concordou.

— Entendi. E onde eles estão agora?

Ela ficou em silêncio por um momento.

— Também é uma longa história, Jack.

Foi a vez dele de não dizer palavra. *Será que aconteceu algo ruim com eles?*

Balançou a cabeça devagar, compreendendo que talvez a menina não quisesse tocar nesse assunto em específico.

— Bem... minha primeira pergunta é: você é a garota que minha filha viu ontem na floresta?

— Sou, sim.

Ah, Deus... Então Emily falava a verdade o tempo todo, e eu não acreditei nela... Por isso ela ficou tão brava comigo... Mas como eu poderia ter acreditado?

— Mas por que você fugiu? Emily me disse que você correu para a floresta depois que te viu.

— Porque eu fiquei um pouco assustada, acho. Eu estava com medo de aparecer pra vocês.

— E por que você tá aqui? Você tá me seguindo? *Onde* é aqui? Está tudo tão estranho e... *diferente* de antes. — Ele olhou para os sapatos pretos dela e o cano das meias brancas que ela usava e, juntando esses detalhes ao vestido preto, pensou em como era um tanto inusitada a maneira dela de vestir-se. Causava nele uma estranha sensação de estar olhando para uma menina de outra época, uma época distante.

Ela se ajeitou em uma posição parecida com a de meditar e respondeu:

— Aqui... não é o mesmo lugar onde você tava com a sua filha. E eu cheguei aqui do mesmo jeito que vocês: atravessando o buraco preto no fundo do lago.

— Então aqui é um outro... o quê? Um outro lugar dentro daquele lugar?

— Mais ou menos isso.

— Mas não faz sentido! — Jack balançou a cabeça repetidas vezes. — Não faz o menor sentido!

— Eu sei que é estranho — Sophia disse com a voz calma —, mas é a verdade. Eu costumo chamar este lugar de “O Outro Lado”.

— “O Outro Lado”?

— É tipo um lugar escondido aonde só se pode chegar por aquele buraco no fundo do lago. Quer dizer, tem mais buracos como aquele em outros lagos, até onde eu descobri.

— Então todos esses buracos são passagens que convertem neste mesmo lugar? Como se eles fossem portais e aqui fosse uma outra dimensão ou algo assim?

— Isso mesmo — ela anuiu.

— Mas... Não... Isso é impossível! Esse tipo de coisa não existe!

— Existe, sim.

— Mas então... — um suspiro de cansaço mental e confusão escapou pelos lábios dele — ... se isso for verdade, e estou me abrindo aqui por um segundo para a possibilidade de que seja... por que nós dois estamos no mesmo local e minha filha não? Ela deveria estar aqui também, não deveria? Junto com a mulher... meu Deus, que loucura... eu acho que era uma mulher... que a raptou. E por que sua roupa não tá nem um pouco molhada, se você também atravessou aquele buraco no lago? — Após fazer essa última pergunta, Jack se lembrou que ele mesmo havia acordado com sua roupa seca, o que ele achava muito esquisito, mas muito bom. Tinha se esquecido desse detalhe por um instante.

— Elas devem ter despertado em algum outro lugar. A gente deu sorte de ter despertado em lugares tão próximos. — Sophia observou a roupa de Jack de cima a

baixo e disse: — Você não tá molhado também, mas era pra estar. E eu não fico mais molhada.

Jack franziu a testa de novo. *O que ela quer dizer com isso?*

Ele estava achando tudo aquilo surreal, uma porção de coisas que ele jamais imaginara que um dia ouviria, e não compreendia as explicações da menina por completo ainda. Parecia estar agora dentro das páginas de um livro que misturava terror e fantasia, vagando através de um mundo criado pela mente sombria de algum escritor. Sophia, pelo menos, demonstrava saber muito mais do que ele sobre o que estava acontecendo, e nem tudo parecia estar perdido. Devia haver um jeito de Jack encontrar sua filha.

— E como poderemos encontrá-las? Eu preciso achar Emily. Preciso salvar minha filha daquela mulher e sair deste lugar. Você tem alguma ideia de onde elas podem estar? Para onde podem ter ido?

— Eu acho que sim. Talvez.

— Então me diga, Sophia, por favor! Eu vou pra onde for preciso resgatar a minha filha!

Sophia abaixou o olhar por alguns segundos, como se estivesse pensando em algo ou em como diria o que tinha para dizer. Ela o ergueu e disse:

— Pode ser que elas estejam em uma caverna que fica um pouco longe daqui. A mulher que raptou Emily, Jack...

Ele se inclinou para a frente, sentindo que algo crucial estava vindo.

— ... eu vi ela quando segui vocês até o fundo do lago, e eu tenho quase certeza que ela é a minha mãe.

— Sua *mãe*? — Os olhos de Jack se arregalaram.

— Sim, minha mãe. Não deu para ver o rosto dela, mas aqueles cabelos compridos e pretos *eram* os dela, eu sei que eram. E a pele dela era bem clara, igual a minha. E o vestido branco que ela usava... era o vestido *favorito* dela.

— Deus do Céu... — disse Jack, empertigando-se, a voz praticamente um murmúrio, e em seguida se elevando ao seu tom natural: — Lembrando agora, aquela mulher era bastante parecida com você. Mas se era sua mãe, como ela foi parar lá? O que ela fazia lá? Por que ela trouxe Emily para este lugar e o que ela quer com a minha filha?

— Eu acho que minha mãe estava procurando por mim, e pegou Emily ao invés de me pegar.

— Procurando você? *Dentro* do lago?

— Minha mãe... morreu *afogada* naquele lago... e acho que ficou presa nele. Isso foi há muito tempo. Eu já nem consigo me lembrar de quanto tempo faz.

As informações que chegavam aos ouvidos de Jack soavam quase como enigmas, e dos mais complicados de resolver, mas ele tinha que fazer um esforço

para aceitá-las e entendê-las.

— Você está me dizendo que sua mãe é tipo um espírito agora e que, de alguma maneira, ela ficou presa naquele lago e não consegue sair dele?

Sophia assentiu.

— Mais ou menos isso. Eu não sei direito o que a minha mãe é agora.

Ele ficou em silêncio por um momento, processando o que ouvira, pensando em como era absurdo.

— Bem — ele disse com calma —, vamos supor que seja isso mesmo...

— *É* isso — interveio Sophia. — Eu estou te contando a *verdade*.

— Certo — Jack disse após alguns segundos, tentando reprimir um pouco seu lado cético gritando em seus ouvidos: *Isso é impossível, cara! Isso é impossível!* — Então, você e seus pais estiveram naquela casa do lago muito tempo atrás, assim como eu e minha filha estávamos antes da gente vir pra cá.

— Sim. A gente morava naquela casa. Eu, meu pai e minha mãe.

Os desenhos que Jack encontrara retornaram à sua mente.

— Mas o que aconteceu com sua mãe? Ela caiu no lago?

— Não... — O rosto de Sophia agora estava triste, sua voz saiu trêmula e quase falhou. — Meu pai jogou ela nele.

Jack pensou naqueles desenhos de novo. Se eles tivessem sido feitos por Sophia, então... *Talvez ela já estivesse retratando a mudança do comportamento do pai dela, que por algum motivo ficou violento e causou essa tragédia.*

Isso era o menos difícil de acreditar que acontecera. O que exigia mais de Jack era a mãe de Sophia ser algum tipo de espírito que vagava pelo interior de um lago e aparentemente por aquele outro mundo, dimensão, realidade paralela ou o que fosse. Jack não era extremamente religioso e não ia à igreja com frequência, mas acreditava em Deus e na possibilidade da vida após a morte. Só que em fantasmas ou mortos-vivos de verdade ele jamais acreditara.

— Eu sinto muito — ele disse delicadamente. — Mas por que seu pai fez isso? O que houve com ele?

— Eu não sei por que meu pai afogou a minha mãe. Alguma coisa muito ruim *transformou* ele. Meu pai estava muito zangado naqueles dias, mas ele era um homem bom, não era um homem mau. Depois de ele ter matado minha mãe, ele tentou me pegar na floresta, mas eu corri dele. Eu estava com muito medo dele. Eu acho que ele queria me matar também. Mas aí eu caí em um buraco que tinha no chão...

Jack lembrou instantaneamente do buraco na floresta — e do laço que viu dentro dele — em que Emily por um triz não caíra e inclinou-se para a frente de novo.

— O mesmo buraco onde minha filha quase caiu? — perguntou, as sobrancelhas erguidas e a boca pausada entreaberta após a pergunta, e se deu conta de que talvez Sophia não soubesse do que ele estava falando. — Emily... Eu a impedi de cair em um buraco que havia no chão da floresta.

— Eu vi — Sophia confessou. — Eu estava espiando vocês de trás de uma árvore. É o mesmo buraco, sim.

— Espera aí... Então, o galho que eu ouvi quebrar lá perto... era você?

— Era.

— Mas por que você estava se escondendo?

— Eu já disse. Eu estava com um pouco de medo de aparecer para vocês.

Era compreensível, Jack sabia. Se fosse ele no lugar dela com dois estranhos por perto, provavelmente se sentiria da mesma maneira.

Ele ainda se lembrava bem daquele maldito buraco e do enorme susto que lhe causara. Tudo indicava, entretanto, que Sophia — a “menina da floresta” de Emily, que de fato existia e que aparentemente os observava com frequência — havia tido êxito em achar uma saída de lá, o que era impressionante na opinião dele. E ela não tinha nenhum ferimento visível, o que também era bastante impressionante — e estranhamente improvável.

Jack perguntou:

— E como você saiu de lá?

— Eu não saí — respondeu Sophia balançando a cabeça.

O cenho de Jack franziu novamente.

— Eu não estou entendendo.

— Eu... — houve uma pausa, e ela estava com o semblante triste de volta — ... *morri* naquele buraco, Jack... Eu morri *dentro* dele.

Jack engoliu em seco e seus lábios se entreabriram de novo, e sua face ficou branca como leite. Estaria ele conversando com uma morta? Morta mesmo, de verdade? Não... não tinha como. Era completamente descabida uma situação dessas. No entanto, aquele lugar sombrio também não tinha como ser possível, certo? E aquelas pessoas podres e ensandecidas que queriam atacá-lo também não deveriam existir, mas existiam. A mulher dentro do lago — supostamente mãe de Sophia —, todas as coisas diferentes e fora do lugar que ele tinha visto até então... e agora mais essa informação estarrecedora. Jack recebia cada vez mais delas conversando com Sophia.

Foi a vez dele de balançar a cabeça, muito mais incrédulo do que disposto a acreditar no que ela lhe contara.

— Não... não, não, não, não, não. Você não pode estar morta. Sem chance. Eu toquei na sua mão... *senti* a sua mão. Eu a senti e você está *viva*.

Sim, Jack sentira a pele macia e suave dela, mas a mão de Sophia não estava claramente mais fria do que a dele quando se cumprimentaram e disseram seus nomes um para o outro? Fazia frio naquele lugar que Sophia chamava de “O Outro Lado”, e não era incomum que as mãos de uma pessoa fossem um pouco mais frias que as de outra ou que ficassem assim em um clima como aquele, só que, lembrando bem agora e sendo sincero consigo, Jack tinha de admitir que a mão de Sophia parecera fria *demais* naquela ocasião. Ele não tinha dado importância a esse detalhe no momento em que o percebera, mas agora se via obrigado a dar.

— Não, Jack — disse Sophia com a voz baixa. — Eu estou morta. Eu morri de fome e sede e com uma perna quebrada naquele buraco muito tempo atrás.

Jack a fitava ainda incrédulo, nenhuma palavra lhe vindo à mente para falar.

— Você pode tocar em mim, se quiser. Assim você vai acreditar.

Jack continuou sem reação, e então Sophia pegou sua mão direita (houve a friagem esquisita de novo) e a levou até o pescoço dela, pressionando os dedos indicador e médio dele ali.

Gelo subiu pelas pontas dos dedos de Jack e se espalhou para cima, uma corrente ainda mais fria dessa vez. Ele estremeceu e seus olhos ficaram arregalados.

Nada... Não tem pulsação alguma ali...

Sophia desceu a mão dele até seu coração e pressionou-a também nesse ponto. Mais uma vez, Jack não sentiu nada, nenhum bombeamento ou sinal de que havia um órgão vivo e trabalhando lá dentro.

— Meu Deus... — ele murmurava e balançava a cabeça em negação de novo, mas disse em seguida: — Então foi isso que você quis dizer quando afirmou que não ficava mais cansada e nem molhada...

— Sim. — Sophia tirou a mão dele de seu peito e prosseguiu: — Meu corpo de verdade está lá. Este é apenas um outro corpo no qual eu fiquei depois daquilo... eu não sei como... um corpo que não é exatamente como o meu de antes, e eu não gosto de ficar perto daquele lugar porque ele me faz ter lembranças muito ruins, e eu não quero ter lembranças ruins. Eu não quero lembrar do meu pai sendo ruim, nem do que ele fez com a minha mãe, e nem de como por causa dele eu fiquei lá sozinha sem ter como sair e sem ter o que beber e o que comer. — Ela fez uma pausa enquanto Jack a fitava sentindo-se progressivamente pior conforme ela lhe contava mais de sua história. — Bem, tinha uns animaizinhos mortos lá dentro, e teve um coelhinho que também caiu naquele buraco... Ele se machucou e eu não pude salvá-lo. Eu estava com *tanta* fome... Eu até pensei em comer ele, porque a carne dos outros animaizinhos não estava mais boa, mas eu não tive coragem.

O estômago de Jack deu um nó com a lembrança daquele coelhinho morto e com a imagem mental de Sophia — faminta e solitária — ponderando a respeito de comê-lo. O cheiro forte e ruim do buraco, o cheiro de coisas mortas que emanava dele, tornou a assaltar Jack como se ele estivesse lá agora. Ele pediu para Sophia parar de falar sobre essa parte triste e totalmente lamentável que vivera.

— Desculpe — ela disse. — Eu não queria te deixar mal, mas isso aconteceu de verdade e eu preciso que você acredite.

— Eu... Eu acho que acredito. Quer dizer, eu preciso fazer um tremendo esforço pra acreditar nisso tudo, não tenho como negar, mas acho que consigo, e não é como se eu pudesse alterar a realidade que estou vendo com meus olhos. É que são muitas coisas difíceis de aceitar ao mesmo tempo. Eu nunca imaginei que um dia viria parar num outro mundo e que teria que resgatar minha filha de uma mulher que não está mais viva e que ficou presa dentro de um lago, e que conheceria a filha dela, no caso você, que também é um tipo de espírito agora, segundo você me disse.

— É isso mesmo.

Jack tentou relaxar um pouco o corpo, porém um pensamento chocante lhe ocorreu. Aflito, ele perguntou:

— Sophia, se você e sua mãe não estão mais vivas, não mais como antes, pelo menos, será que eu e minha filha também não estamos? Eu não me lembro da sensação de ter me afogado no lago enquanto tentava resgatar ela, nem durante a travessia para cá. Eu deveria ter sentido essa sensação, não deveria? Será que sobrevivemos a isso? Por Deus, será que Emily sobreviveu?

— Vocês sobreviveram. Eu sei disso, consigo saber. Vocês não estão mortos como eu e minha mãe.

— Espero que você tenha razão — ele disse, e movimentou os braços para mostrar que estava tudo em ordem consigo. — Eu me sinto vivo, pelo menos.

— E você tá. Eu juro que está.

— Ok, vou confiar em você. Acho que estou entendendo um pouco melhor o que tá se passando aqui agora, por mais inacreditável que toda esta situação pareça e embora eu continue bastante confuso. Mas ainda tenho perguntas que preciso te fazer.

— Pode fazer, Jack.

— Sobre este lugar, “O Outro Lado”, qual é o tamanho dele?

— Eu não sei — respondeu ela dando de ombros —, mas acho que é bem grande. Eu nunca fui muito longe, porque não gosto de ficar aqui.

Eu também não tô gostando nada daqui. Nada mesmo.

— Certo. E quais são os perigos que existem aqui, além daqueles homens e mulheres loucos que tentaram nos atacar?

— Existe um monstro muito mau que fica vagando por aí. Ele é grande, escuro e muito rápido, parece uma nuvem preta cheia de olhos vermelhos e garras, e eu já vi ele atacando e até matando alguns dos podres, afogando eles naquele lago do mundo normal quando ainda estavam vivos. Eles eram pessoas como você e Emily, que só estavam passando alguns dias na casa do lago.

Jack compreendeu, por fim, por que as pessoas podres daquele mundo emitiam os sons terríveis e angustiantes de gorgolejo que ele ouvira bem de perto. Elas também estavam mortas, afinal de contas. Como Sophia. E de alguma maneira, também estavam em outros corpos que não eram os seus corpos físicos anteriores, assim como ela. Só que morreram afogadas por um ser maligno que ele não encontrara e não queria encontrar. Quanto à podridão deles, Jack ainda não sabia nada, mas ficou preocupado de repente: *Será que eu vou apodrecer também? E Emily? Ou isso só acontece com quem foi morto por esse monstro?* Era apavorante pensar nisso, e quando Jack tornou a falar, afastando esses últimos pensamentos, suas únicas palavras foram:

— Então é melhor a gente se esconder, caso ele apareça.

— É. Ah! E eu já vi ele *controlar* alguns dos podres, e fazer eles se matarem também. Eu acho que foi ele quem controlou meu pai e afogou a minha mãe, e depois tentou me matar. E eu também vi ele atravessar pro nosso mundo algumas vezes, e acho que foi assim que ele pegou o meu pai. Quer dizer, para o seu mundo e o de Emily, já que eu não pertença mais àquele mundo. Eu deveria estar com meus pais, no lugar aonde os mortos vão para ficar em paz.

— E é para isso que você precisa da minha ajuda?

— É. Eu preciso reencontrar minha mãe e meu pai e libertar eles daqui. Eu nunca mais falei com eles, desde que morri. Mas já vim para cá várias vezes, como eu disse antes pra você, procurá-los, e acho que minha mãe mora em uma caverna meio longe de onde estamos. Mas eu nunca tive coragem de me aproximar dessa caverna.

— E o seu pai? Alguma ideia de onde pode estar?

— Não.

— Ok. Digamos que a gente encontre sua mãe e eu recupere minha filha primeiro, e que depois a gente encontre seu pai se ele estiver aqui. Como faremos pra libertar eles do Outro Lado, para que vocês três possam ir embora juntos pra onde quer que tenham que ir? E o que eu e Emily teremos que fazer pra gente voltar para o nosso mundo?

— Vocês vão ter que passar pelo mesmo buraco que passaram pra chegar aqui. É o único jeito. E eu não sei como libertar meus pais. Mas eu acho que a nuvem preta má precisará ser derrotada.

— Você quer dizer que talvez a gente terá que matar ela?

— Sim. Mas eu não sei se dá para matar aquela coisa.

— Talvez a sua mãe saiba.

— É, pode ser.

— A gente tem que falar com ela — afirmou Jack, categórico.

— Mas temos que tomar cuidado — advertiu Sophia. — Minha mãe pode não estar mais tão boazinha como antigamente. Ela está aqui há muito tempo, e este lugar pode ter afetado ela.

— Entendido. Sophia?

A menina o fitou.

— Você me disse que morava na casa do lago com seus pais, a mesma onde eu estava com Emily. Você realmente não se lembra de quanto tempo isso faz?

— Hã-hã. Eu só sei que faz muitos anos.

— E como era a vida de vocês antes de... você sabe... tudo mudar?

— A gente era feliz. Meu pai trabalhava na cidade, numa loja de relógios antigos que ele tinha. Ele gostava muito de relógios, e era muito bom em consertar eles. Minha mãe também trabalhou em uma loja na cidade, só que de flores, e não por muito tempo. Eu ia à escola e ficava mais com ela em nossa casa. Meu pai demorava pra voltar, e chegava só de noite. E eu adorava ler e desenhar.

— Emily também adora desenhar. Eu... encontrei vários desenhos guardados em um baú no porão da casa em que vocês moravam. Eles são seus?

O rosto de Sophia iluminou-se com um sorriso.

— Sim! Eu acho que são os meus! Você gostou deles?

Bem, pra ser sincero, não de todos, mas...

— Gostei, sim — disse Jack para agradá-la. — Mas então você os fez para contar a sua história com seus pais?

— É. Eu gostava de desenhar meu pai, minha mãe e eu quando a gente tava feliz e tudo estava bem. Quando meu pai começou a ficar diferente, eu continuei desenhando, mesmo sem gostar muito mais. Só que eu não olhava para eles depois porque eles me deixavam triste.

Jack apostava que sim, e, na opinião dele, nenhuma criança deveria pensar em sua família com tristeza, mas sempre com alegria.

— E seu pai nunca procurou ajuda durante essa mudança dele? Ou tentou descobrir o que ele tinha?

— Não — respondeu Sophia, pesarosa. — Quando eu ou minha mãe perguntávamos pra ele, mais minha mãe do que eu, ele só dizia que estava bem, e ficava irritado depois. Ele batia na minha mãe, às vezes.

Jack balançou a cabeça consternadamente.

— Sinto muito por isso. Deve ter sido uma época muito ruim pra vocês.

— Tá tudo bem. Já passou.

Já, mas seus olhos não escondem o quanto essa fase difícil te marcou, pensou ele, e antes que pudesse dar um fim àquela longa conversa e ir atrás de sua filha, Sophia perguntou:

— E a sua família? Como é? Onde vocês moram?

— Minha família... — a imagem de uma foto na qual Emily, Hannah e ele estavam sorridentes que havia em sua casa em Edmonton, uma tirada nos tempos em que os sentimentos que predominavam entre os Campbell eram os de alegria e felicidade, veio instantaneamente à mente dele — ... era completa até pouco tempo atrás. Éramos eu, Emily e Hannah, mãe de Emily e minha esposa. Moramos em um bairro tranquilo e com bons vizinhos de Edmonton, em Alberta mesmo, atualmente só eu e minha filha, porque Hannah morreu.

— O que aconteceu com ela?

— Um acidente de carro. O irmão mais novo dela ligou numa madrugada chuvosa e pediu para ela ir buscá-lo porque ele tinha fugido de um lugar onde estava internado. Ele tinha problemas com drogas. — Jack não sabia se Sophia entendia o que eram drogas, e tentou simplificar para que ela o compreendesse em seguida. — Ele tinha um *vício*, e precisava de ajuda para se curar. E nesse lugar havia pessoas que podiam ajudá-lo.

— Mas por que ele fugiu, se lá iriam curar ele?

Jack deu de ombros e disse:

— Bem, ele é um rapaz problemático, e talvez não queira se curar. O nome dele é Luke. Hannah saiu de casa sozinha no meio da noite e foi buscar ele em outra cidade. Eu tentei impedir ela, pedi pra ela não ir... — e lá estava Hannah de novo no caixão, diante de seus olhos, que de repente queriam marejar-se, e ele ouviu os gritos de acusação de seus familiares e principalmente dos pais dela ecoando em sua mente: *A culpa é toda sua, Jack! A culpa é toda sua, Jack!* — ... mas ela não me deu ouvidos e o pior aconteceu. Ela perdeu o controle do carro e o capotou.

Sophia o fitava agora com uma expressão de lamentação, e Jack achava que já haviam falado sobre coisas ruins demais por aquela noite. Se é que naquele lugar a noite alguma hora terminava e o sol nascia, o que não surpreenderia Jack caso jamais acontecesse.

— Mas a gente também era feliz antes disso — ele continuou. — Não que não sejamos mais, eu e Emily; nós sentimos *sim* muita falta de Hannah, mas estamos aprendendo a conviver com isso. Emily vai à escola, porque ainda tem sete anos de idade, e eu sou professor de natação. Hannah era dentista, e uma das coisas que ela mais gostava era cuidar do sorriso das pessoas. — Jack abaixou o olhar e pegou a boneca de pano em seu colo. — Sabe esta boneca aqui? Emily ganhou em seu

aniversário de cinco anos. Foi um presente de Hannah. Emily a adora, e a chama de Lily.

— Que legal! — Sophia sorriu. — Eu também adorava bonecas, e também dava nomes para as minhas. — O sorriso dela desapareceu e ela disse: — Eu sinto muita saudade de quando eu brincava com os meus brinquedos. Porque meu pai não tava estranho naqueles dias, e minha mãe estava contente.

Jack ficou em silêncio, sentindo um pouco de pena da garota. Depois do que pareceu um longo momento, ele por fim disse:

— Bem, acho que já conversamos o bastante por enquanto. É melhor a gente procurar a minha filha e a sua mãe. Quanto antes resolvermos isso, melhor.

Sophia concordou, e eles retornaram para o interior da cabana. Ela apagou o lampião e o guardou no armário da cozinha onde o tinha pegado, dizendo a Jack que era melhor não levá-lo porque atrairia os podres ou o monstro terrível para eles. Jack tentou ouvir, ainda do lado de dentro da cabana, se havia inimigos lá fora. A barra estava limpa, o silêncio indicava, e quando Sophia se aproximou dele com outro objeto numa das mãos, ele perguntou o que era aquilo.

— Uma arma. Pra você se defender lá fora.

Ela entregou a Jack uma faca que encontrara na cozinha. A faca era comprida e, sem dúvida, muitíssimo afiada.

— Obrigado. Certamente vai ser útil lá fora. Mas e você? Não vai levar nada?

— Eu vou ficar bem. Não precisa se preocupar.

Ele titubeou um pouco, sem saber se os “podres” — como Sophia os chamava — podiam machucá-la, mas disse:

— Ok, então. Em que direção fica a caverna onde você disse que sua mãe pode estar com minha filha? O quão longe exatamente ela fica daqui?

— Ela fica mais à frente, à direita, depois de um lago bem grande que fica perto de uma vilinha bem feia. Tem uma jangada nessa vilinha. Eu já vi uma lá, e os podres não sabem usar ela, pelo menos os que já não pensam. E eu não acho que os que pensam usariam ela, porque todos eles sabem nadar. A gente vai ter que atravessar esse lago até o outro lado dele. É lá que eu vi minha mãe entrar nessa caverna.

Não parecia tão longe para Jack, o que de certa forma o animava, porém ele estava consciente de que sua jornada até lá com Sophia poderia se mostrar mais dura do parecia. Ter que atravessar mais um lago até o lado oposto dele não era algo que ele esperava que tivessem que fazer, e Jack se perguntou por que diabos ele e Sophia não deram a sorte de já terem “despertado” — como ela dissera — na região daquele outro mundo na qual precisavam ir.

Talvez porque tudo que é mais difícil costuma recompensar melhor e valer mais a pena. E nada vai valer mais a pena pra você do que ter a sua filha de volta,

não é?

É claro que é.

— Certo. Então vamos indo. Está preparada?

— Estou.

Jack também estava. Ele abriu a porta da cabana. Eles saíram e Jack sentiu o ar gélido e a névoa branca e fina da noite envolvê-lo em um abraço. A luz pálida da lua cheia suspensa no céu negro deu suas boas-vindas outra vez a eles, um alívio naquele cenário desolador.

Seguiram rumo à jangada, atentos a quaisquer movimentos que pudessem ameaçá-los.

Capítulo 10

Emily abriu os olhos confusos em um lugar muito estranho. Ela estava deitada de costas em um chão frio e de pedra, uma dormência esquisita atravessava todo o seu corpo, e o teto acima dela era irregular e igualmente de pedra, rochoso. Havia claridade, uma produzida por fogo ali perto, e mesmo sendo fraca causava pequenas pontadas de dor em sua cabeça. Ela viu barras de ferro sujas e enferrujadas e, ao levantar um pouco a cabeça e girá-la com esforço para ver melhor onde se encontrava, viu mais delas, que cravavam-se firmemente no solo. Uma jaula. Ela estava presa em uma jaula. A claridade que chegava até ela era das chamas de duas tochas que havia nas paredes daquela câmara gélida e sinistra.

— Papai? — ela chamou por ele primeiro baixinho, sem vê-lo em nenhum lugar, depois tentou de novo mais alto: — Papai!

Nada. Seu pai não estava lá.

Procurou por Lily e notou que sua boneca também sumira. Lembrou-se de seu celular, que poderia falar com seu pai através dele, mas o aparelho igualmente desaparecera. Emily agitou-se.

— Olá, menina — a voz doce e suave de uma mulher disse, e vinha de muito perto. — Não tenha medo, eu não vou te machucar.

Emily, já sentada a essa altura e as pontadas em sua cabeça lentamente indo embora, olhou com olhos enormes e assustados para a direção em que a ouvira.

Uma mulher de pele branca como a neve, trajando um vestido também branco, surgiu na entrada da câmara. Ela tinha cabelos longos e pretos e um pouco desgrenhados que quase chegavam à sua cintura, e seu rosto não estava normal. Um cheiro ruim exalava dela, mesmo à distância, um cheiro de alguma coisa apodrecendo. Seus pés estavam descalços, e a aparência deles era igualmente esquisita assim como a de todas as outras partes de seu corpo. Ela dava passos para a frente, aproximando-se com calma e sem hesitação, e Emily recuou até ficar com as costas grudadas no fundo da jaula e abraçando as pernas.

A mulher parou diante da jaula. Nunca o coração de Emily batera tão rápido.

— Q-Quem é você? — Emily conseguiu perguntar, sua voz muito fina e medo no olhar. — O-Onde está meu pai? O-Onde está a Lily? Eu... Eu quero o meu pai! E quero a minha Lily!

— Meu nome é Catherine, e seu pai está bem. Não se preocupe, eu sei onde ele está.

A mulher sorriu para ela, mas seu sorriso não era agradável, era feio. Seus dentes pareciam estragados. Seus olhos eram duas bolas pretas e sem emoção, e os

cantos deles estavam bastante avermelhados. Na visão de Emily, aquela mulher parecia estar doente.

Emily desviou o olhar, querendo deixar as lágrimas virem.

— Eu sei que está assustada — a mulher chamada Catherine disse —, mas por favor não fique assim. Vou te explicar por que a coloquei nesta jaula. Prometo que não ficará nela por muito tempo.

Emily continuava quieta e com medo, e a primeira lágrima rolou pelo seu rosto.

— Eu estou procurando minha filha — a mulher prosseguiu dizendo, ainda num tom tranquilo e sereno de voz —, e você está aqui pra me ajudar. E em breve seu pai também vai estar.

Emily lembrou-se então do que acontecera consigo antes. Ela ficara brava com seu pai porque ele não quis mais procurar a menina da floresta, correrá dele, escorregara na beira do lago e caíra nele. Chamara por seu pai, pedira para ele socorrê-la, mas algo puxara repentinamente sua perna para baixo, para o fundo do lago, deixando-a apavorada. Ela se lembrava de estar dentro dele e de ter visto seu pai mergulhar para salvá-la. Lembrava-se também do desespero que sentira quando o ar estava quase acabando, já bem fundo no lago, e de que quando seu corpo não mais aguentou e buscou por mais ar, ela pôde respirar sem problemas, como se fosse mágica. Depois disso, só conseguia se lembrar de ser girada repetidas vezes com força na água e mais nada. Agora, em seu amedrontado coração, ela sabia que quem a puxara pela perna fora aquela mesma mulher.

Emily reuniu toda a coragem que tinha e disse:

— Você está doente e é má! Você me separou do meu pai e da minha boneca! Eu não quero te ajudar! E meu pai também não vai te ajudar!

— Eu não estou doente, e ele vai me ajudar. Se ele a ama mais do que tudo e for um homem bom, ele vai. Infelizmente, eu não posso deixar você sair agora, porque é muito perigoso pra uma criança lá fora. Mas não se preocupe; vou deixar água e alimento pra você enquanto eu busco seu pai.

Catherine virou-se e foi até um canto. Agachou-se, pegou alguns itens que havia no chão e os trouxe para perto da jaula. Emily fitou um cesto de vime cheio de frutas azuis brilhantes que ela nunca tinha visto, um copo de cerâmica e uma jarra estreita também de cerâmica que devia ter água dentro.

— Você pode comer destas frutas sem medo — disse Catherine. — Elas são boas e não te farão mal algum. Assim como a água. — Ela abriu seu sorriso podre de novo. — Viu? Eu não sou uma mulher má.

Emily estava com um pouco de fome e sede, mas não reagia; apenas olhava para os itens que Catherine trouxera sem a menor vontade de tocá-los.

Catherine pegou uma fruta e perguntou:

— Quer provar?

Emily fez que não com a cabeça.

— Bom, eu entendo você não confiar em mim. Por isso vou te mostrar como não há perigo algum nisso.

Catherine mordeu a fruta, depois encheu um copo d'água e a bebeu. Por fim, disse:

— Nenhum problema, nenhuma dor, nada. Acho que podemos nos tornar um pouco mais amigas agora, não podemos? Que tal a gente começar com você me dizendo seu nome?

— Eu não quero te dizer meu nome — retrucou Emily. — Papai e mamãe sempre me disseram que eu não devo conversar com gente estranha.

— É um conselho sábio, esse de seus pais, um que eu já dei diversas vezes para minha filha. Você quer saber o nome dela?

Emily não respondeu.

— É Sophia. Minha linda Sophia... Eu estou sem ver ela há tanto tempo... — Catherine baixou a cabeça e fechou os olhos, seu rosto triste e abatido por um instante. Ela se recompôs e disse: — Bom, eu tenho que encontrar ela. Eu vou achar seu pai e vou explicar para ele o que deve ser feito, não só para ajudar a mim, mas a todos que estão sofrendo neste mundo. Me desculpe, mas eu tenho que ir agora.

A estranha começou a se virar para sair dali. Emily, alarmada, ficou de pé e a chamou:

— Espere! Estou com medo! Eu não quero ficar aqui sozinha!

Catherine voltou-se para ela outra vez.

— Você vai ter que ficar. É o único jeito. Mas logo eu voltarei com seu pai, e você não vai ter medo mais. Não se preocupe; ninguém vai vir aqui te assustar. Minha caverna é muito segura. E se ouvir alguém lá fora que não seja seu pai... só fique em silêncio, está bem?

Com lágrimas nos olhos, Emily quase insistiu para que a mulher não a deixasse sozinha ali, mas acabou assentindo fracamente para ela, e Catherine saiu da caverna.

Emily chacoalhou a porta da jaula com raiva, mas ela estava trancada e mal se mexia. Tentou as barras das laterais e as traseiras, e não obteve sucesso. Sentou-se então abraçando suas pernas de novo, recostada no fundo. Ela queria sua boneca, porém, mais do que isso, queria seu pai e queria sua mãe. Ela ficou pensando neles, lembrando com uma dor no peito de como era gostoso estar com eles e de como se sentia feliz e protegida quando estavam por perto. Lembrou das tardes e noites que passavam juntos brincando, se divertindo muito, jogando Uno e o Jogo da Vida, seus jogos prediletos, e de seus pais imitando de um jeito engraçado algum animal

de sua escolha quando perdiam, porque era assim que eles faziam essa brincadeira, e queria mais do que tudo estar vivenciando um momento como esse agora com eles. Mas eles não estavam lá, e a verdade terrível era que não havia nada que ela pudesse fazer para mudar esse fato.

Ela enterrou seu rosto nas palmas das mãos e, por fim, começou a chorar.

Capítulo 11

Jack e Sophia chegaram à vilinha depois de cinco minutos de caminhada. O trajeto fora tranquilo, e eles não avistaram e nem se depararam com nenhum dos podres. A maior parte das casinhas dali se encontrava em ruínas e apodrecia, exalando um cheiro pútrido no ar (*Parece que vou ter que me acostumar com isto*, pensou Jack, franzindo o nariz). O silêncio absoluto incomodava; tanto podia ser um bom sinal como um ruim. Eles pararam perto das primeiras casinhas envoltas pela nevoeiro e Jack disse:

— Parece que só tem a gente aqui agora.

— É, parece que sim — concordou Sophia.

— Onde exatamente fica a jangada da qual você falou?

— Da última vez que vi ela, estava em uma parte mais baixa na beira do lago, lá na frente. — Ela apontou a direção.

Jack olhou para o lago e disse:

— Muito bem. Vamos pegá-la, então.

— Ok. Mas vamos ter cuidado. Pode ser que tenha alguém escondido nessas casinhas.

— Certo. Sophia? Se você não está mais viva... não como antes, pelo menos... os podres, como você os chama, não devem conseguir te machucar, não é mesmo?

— Eu não sei. Eu nunca fui pega por nenhum deles. E eu não quero descobrir o que eles podem fazer comigo.

Pensando no homem podre que enfrentara, Jack disse:

— É melhor não querer mesmo. Bem, vamos andando, então.

Ele adentrou a vilinha com Sophia logo atrás. Reparou nos destroços das casinhas espalhados pelo chão, em sua maioria tábuas, vidros, portas e vigas arruinados, e na completa ausência de móveis no interior delas, tal qual na casa em que fora atacado pelo podre. Muitas das casinhas também não tinham teto, ou tinham somente uma parte dele ainda intacta, e Jack não duvidava que pudessem desabar a qualquer momento.

Eles seguiram em frente, e quando já estavam a meio caminho da jangada, grunhidos vagamente humanos soaram lá de trás. Jack virou-se e viu, através da neblina fraca, os vultos de três do que por certo eram novos seres podres: dois homens e uma mulher. Ele chamou Sophia baixinho e a alertou do perigo que chegara. Os podres caminhavam em direção às casinhas, mas ainda não os tinham visto.

— É melhor a gente se esconder — disse Sophia. — Se a gente for até a jangada e ela não estiver lá, e mais deles aparecerem...

— Se a jangada não estiver lá — Jack olhou para o lago e viu que de fato era bem grande —, a gente já vai ter um *baita* de um problema. A não ser que a gente nade até onde queremos. Mas você está certa. É melhor a gente se esconder um pouco. Mas se os podres não forem embora, eu vou enfrentar eles. Eu preciso encontrar minha filha.

Eles entraram numa das únicas casinhas que não estava destruída que havia por perto. Jack deixou Sophia entrar primeiro e fechou a porta devagar, e eles ficaram de pé posicionados e encostados na parede do cômodo único do lado que, se algum dos podres abrisse a porta, ficariam protegidos atrás dela. Caso os podres os achessem, Jack os atacaria com a faca, mas ele esperava que um confronto com eles não fosse necessário.

Jack e Sophia ficaram mudos, os ouvidos concentrados nos sons que vinham lá de fora. Os dois homens podres não urravam, o que poderia significar que eram menos agressivos do que os anteriores. A mulher, contudo, urrava de vez em quando. Sophia dava espiadinhas ocasionais por uma das janelas, e estava pronta para avisar Jack ao menor sinal de perigo. Não demorou muito para que os podres aparecessem no campo de visão dela, e Sophia informou ele quando isso aconteceu.

— Certo — sussurrou Jack. — Tenta não olhar muito pela janela agora, ok? Vamos esperar que eles se afastem o bastante até que seja seguro sairmos daqui, e então a gente continua até a jangada.

Sophia balançou a cabeça e sussurrou um *ok* em resposta, e passou a usar mais os ouvidos e menos as espiadinhas para rastrear a posição daqueles que, por enquanto, eram uma ameaça.

Os homens e a mulher podres se aproximavam muito, o que não era bom, nada bom, deixando Jack desconfortável e Sophia também inquieta com aquilo, mesmo ela já tendo passado por situações similares e — Jack acreditava — em muito mais ocasiões do que ele.

Mais perto. Um dos homens podres estava agora a uns dez metros da casinha que abrigava Jack e Sophia. Jack se preparava para usar sua faca enquanto repetia mentalmente: *Vai embora, vai embora, vai embora! Vocês três, vão para bem longe daqui!* Sophia permanecia atenta, gesticulando para ele conforme arriscava outras espiadas para fora e via o homem podre avançar.

Mais perto ainda. Muito mais.

Pouquíssimos metros separavam Jack e Sophia da ameaça agora, e Sophia se abaixou com tudo de repente. Um dos homens podres se manifestou, primeiro baixinho, e em seguida com mais intensidade, e os sons que ele fazia atraíram a

atenção de seus companheiros, que também se manifestaram mais distantes. E então eles estavam indo para lá, pois talvez os tinham descoberto. Alarmado, Jack sussurrou duas perguntas para Sophia: *O que foi? O que aconteceu?* Às quais ela respondeu: *Ele me viu! Estão vindo para cá!*

Jack ergueu a faca na altura de seu peito. A qualquer momento, ele poderia ter que usá-la. Sophia ficou ao lado dele, agachada com as costas na parede, com uma expressão de quem sabia que cometera um deslize, de quem fizera uma besteira.

O homem podre alcançou a porta da casinha. Ficou emitindo seus perturbadores sons ali, e Jack se perguntou se ele procurava uma maneira de entrar. Em breve os outros chegariam, o que pioraria tudo, e a possibilidade de ter que enfrentar três daquelas criaturas deixava Jack tenso. Tinha medo de que Sophia se ferisse de alguma forma e de acabar não sendo páreo para elas.

O homem podre começou a bater na porta com as mãos. Talvez por sorte ou por burrice, Jack não sabia ao certo qual das duas opções, mas podia ser que fossem as duas, ele parecia não ter encontrado a maçaneta ainda, e se limitava às suas tentativas não muito práticas para romper o obstáculo que os separava.

Novos pares de mãos soaram, fazendo o coração de Jack saltar, e pequenas gotas de suor brotaram em sua testa. Os podres então lançaram seus corpos contra a porta, sacudindo-a repetidas vezes com muita violência. Jack pensava *Caramba, a porta não vai aguentar! A porta não vai aguentar!* enquanto procurava algum objeto para bloqueá-la, mas o cômodo único estava vazio, e lhe ocorreu a única alternativa possível de tentar impedi-los de arrebentar a moldura dela e entrarem.

Ele deu um passo para o lado e apoiou suas costas com força na porta. Sophia levantou-se e fez menção de ajudá-lo, mas Jack sinalizou para que ficasse onde estava, que ele dava conta do recado. Quando ouviu um estalo na moldura de madeira e teve a certeza de que ela romperia, e a porta o lançaria para a frente em seguida, sentiu um movimento estranho no ar. Uma espécie de fluxo repentino, uma aragem que vinha de muito perto, penetrando sorrateiramente pelas frestas da porta, como uma brisa que precede o início de uma tempestade tropical. Olhou de relance para Sophia e percebeu que ela estava muito aflita, com medo. Um novo sopro de ar ocorreu, dessa vez mais forte, que fez a casinha tremer e eles terem que se equilibrar, seguido de um rugido potente e intimidador que vinha das entranhas da vilinha. A respiração de Jack ficou curta e rápida, e ele temeu intensamente o que chegara.

O monstro que Sophia mencionou. Deus, por favor, que não seja ele! Que não seja ele! Jack virou o rosto para perguntar a Sophia se era ele, mas não foi preciso. Os sopros de ar aumentaram, transformaram-se rapidamente em um vendaval, e eles se seguravam para não cair como conseguiam, apoiando-se na parede tremulante da casinha.

As batidas e os encontros na porta cessaram. Jack estava certo de que os podres tinham percebido a presença seja lá do que fosse que acabara de chegar, e, por Deus, como não perceberiam? Ele ficou mudo, porém com o coração esmurrando o peito, apostando que o silêncio total seria sua melhor chance de não ser detectado pela coisa lá fora. Sophia fez o mesmo; por certo já sabia que era exatamente essa a estratégia que deviam usar.

Um rugido selvagem reverberou em meio ao vendaval, que então, como se o selecionador de velocidades de um ventilador gigante tivesse sido virado para a mais alta possível, transformou-se numa loucura semelhante a um furacão, que Jack ouviu passar destelhando e destruindo mais algumas das casinhas apodrecidas diante da que ele e Sophia se escondiam. Eles não se seguraram mais e caíram no chão. Jack ouviu os podres e um som ligeiro e cortante que o fez pensar em membros sendo decepados. A porta da casinha arrebentou junto com as dobradiças e a moldura que a seguravam, caindo nas costas e na cabeça dele. Jack protestou de dor. Parte do telhado cedeu, e ele viu pelo canto do olho os escombros desabarem perto de Sophia, que levou as mãos à cabeça num ato de puro reflexo para se proteger.

E tão de repente quanto todo aquele caos começou, ele chegou ao seu final.

Jack não ouvia mais nenhum podre, e nem batidas ou encontros em nenhuma porta. Não havia mais rugidos horripilantes lá fora, nem telhados desabando e vendaval. A coisa que ali estivera, o monstro que habitava o Outro Lado e que em tão poucos segundos mostrara seu poder e que devia ser temido, desaparecera.

Jack ficou quieto na casinha, ele debaixo da porta e Sophia com as mãos ainda na cabeça, esperando até terem certeza de que podiam sair dali sem problemas.

Após um longo tempo deitado no chão desagradável, Jack moveu-se. Ele afastou a porta ligeiramente para um dos lados e deslizou para fora do incômodo que era embaixo dela. Começou a se sentar notando que Sophia também o fazia. Perguntou se ela estava bem.

— Estou, sim. E você?

— Tudo certo. Eu acho.

Eles se levantaram. Jack deu uma limpada com as mãos em sua blusa do Edmonton Oilers e em sua calça jeans. Virou-se para olhar para fora da casinha, para conferir o resultado da passagem veloz e impressionante do que quer que tivesse passado por ali e fora embora.

Como era de se esperar, a vilinha ficara quase toda arruinada. Ele saiu da casinha com Sophia desviando dos corpos dos dois homens e da mulher podres que

antes tentavam pegá-los. Um dos homens estava sem as duas pernas, que repousavam a uns três metros de onde ele jazia morto. O outro homem estava sem um dos braços. Já a mulher que urrava literalmente perdera a cabeça, que fora parar a uns seis ou sete metros dela com uma expressão de horror petrificada, a boca aberta em um grito de agonia agora eternizado e os olhos perturbadores esbugalhados do que talvez fosse medo. Uma poça de sangue preto podia ser vista sob o que sobrara de cada um deles no chão.

Jack sentiu um pouco de pena daquelas pessoas. Afinal, se Sophia estivesse certa, elas haviam sido pessoas normais como ele próprio antes. Como Emily. Como Hannah fora antes do acidente que tirara sua vida. Como Sophia também fora antes de cair em um buraco na floresta e morrer ferida e sozinha de fome e sede dentro dele. Como a mãe de Sophia, que devia ser mais um dos podres agora se de fato estivesse no Outro Lado assim como eles, e como o pai dela também, que provavelmente não estava mais vivo, e se estava, Sophia não sabia onde se encontrava.

Jack olhou para ela ao seu lado e perguntou:

— O que fez isso com eles? E com tudo aqui em volta? O que passou por nós agora há pouco? Foi o...

— O monstro que eu falei pra você, Jack. Foi *ele*.

Se havia qualquer descrença dentro dele quanto à possibilidade da existência desse monstro até então, ela fora completamente abandonada. Ele ficou contemplando a destruição diante de si por um momento sem nada dizer, a boca entreaberta e os pensamentos vagando pelas implicações que aquela realização desencadeava.

Voltou a falar:

— Você disse que acha que teremos que matar ele para libertar seus pais deste mundo, considerando que seus pais estão aqui, mas a julgar pelo poder de destruição dele, eu tenho sérias dúvidas se conseguiremos fazer isso. Eu não imaginava que ele fosse tão perigoso e assustador. Caramba, eu jamais acreditaria de verdade que ele existe se não tivesse presenciado toda essa loucura!

— Eu não sei direito o que a gente vai ter que fazer — disse Sophia. — Pode ser que exista uma maneira da gente salvar minha mãe e sua filha, e meu pai se a gente achar ele, sem a gente ter que enfrentar o monstro.

— Vamos torcer por isso. Bem, acho que é nossa chance de irmos até a jangada agora.

Sophia varreu o local com o olhar e disse:

— É, parece que sim. Mas como eu te falei, o monstro é muito rápido. Ele pode aparecer de novo a qualquer instante.

— Então vamos pegar a jangada logo e atravessar aquele maldito lago de uma vez.

Sophia concordou, e eles seguiram em direção à beira do lago, deixando os podres mortos para trás e caminhando a passos apressados por entre os escombros, atentos para o caso de a temida criatura retornar.

Quando chegaram à beira do lago enevoadado, viram a porção mais baixa dela que Sophia havia mencionado e, para a sorte deles, a jangada estava lá, com um remo à espera de quem fosse utilizá-lo. Uma corda curta prendia a jangada a uma estaca de madeira apodrecida no chão. Sophia disse:

— Viu só? Eu disse que os podres não usavam ela.

— Que bom pra gente.

— É — Sophia sorriu.

Jack conferiu se estavam sozinhos no local. O silêncio palpável e pleno de antes retornara e indicava que sim.

— Muito bem. Vamos encontrar minha filha e sua mãe. Depois a gente tenta saber sobre seu pai e dá o fora daqui.

— Ok. — Sophia balançou a cabeça positivamente.

Jack pediu que ela ficasse com a boneca Lily, soltou a corda da estaca de madeira e eles subiram na jangada. Começaram a seguir em linha reta rumo à outra margem, Jack cuidando do remo e Sophia sentada na parte da frente virada para ele, observando o entorno deles e Jack trabalhar.

Capítulo 12

Quando Jack e Sophia já tinham alcançado quase a metade do lago, sem sinal do monstro de antes ou de qualquer ameaça, Jack perguntou:

— Sophia, como se chamam seus pais?

Era um detalhe que ele tinha deixado passar durante sua conversa com ela na cabana.

Sophia, que prestava atenção em um ponto qualquer distante dali, voltou-se para ele e respondeu:

— Minha mãe se chama Catherine. E meu pai, Thomas.

— Catherine e Thomas — ele ecoou e assentiu.

— Isso. E os seus?

— Os meus se chamam Diane e James. Estão ficando velhinhos.

— Diane e James. Nomes legais.

— É — Jack sorriu para ela. — Sabe o passeio que eu estava fazendo com Emily na casa do lago? Aquela onde você e seus pais moraram? Foi ideia deles.

— Foi? E por que eles tiveram essa ideia?

— Lembra que eu te contei que Hannah, minha ex-esposa e mãe de Emily, faleceu em um acidente de carro?

Sophia disse que se lembrava.

— Então, Emily começou a ter pesadelos um mês após o acidente. Pesadelos em que ela via Hannah dirigindo sozinha em uma rodovia escura e na qual chovia forte, e esses pesadelos sempre terminavam com Hannah perdendo o controle do carro e capotando ele, exatamente como aconteceu na noite em que ela morreu. Eu estava bastante preocupado com Emily. A gente tava passando por um período difícil, ainda nos acostumando com a nossa nova realidade a dois. Eu disse a mim mesmo que procuraria ajuda pra ela se seus pesadelos continuassem. Eu também tive alguns relacionados à morte de Hannah, não vou mentir — a imagem recorrente de Hannah morta no caixão, no velório e antes de ser sepultada, voltou à mente dele, mas ele a empurrou para longe antes que Sophia pudesse notar seu desconforto —, mas Emily teve muito mais. E foi aí que surgiu a sugestão dos meus pais de passearmos em um lugar onde a gente ficasse em contato com a natureza. Eles acreditavam que isso nos faria bem, que isso faria muito bem pra Emily, principalmente, e eu resolvi tentar. E Emily *estava* contente lá na casa do lago, pelo menos eu sentia que sim na maior parte do tempo, exceto quando ela queria procurar por você, porque ela jurava que tinha te visto e eu não concordava, achando que era apenas imaginação dela. Ela estava relativamente bem, até eu me irritar com ela e ela correr e cair no lago e...

— ... ela ser levada pela minha mãe — Sophia completou. — Quer dizer, pela mulher que eu acho que é a minha mãe.

— É.

— Sinto muito por isso, Jack. — A voz de Sophia saiu baixa, tímida, contida, e demonstrava que ela lamentava de verdade o ocorrido. — Não era para ser assim. Era para Emily estar *com* você, e não *separada* de você. Não era pra você ter que salvar ela. — Ela abaixou o olhar para a boneca de pano de Emily em suas mãos e depois direcionou-o de novo para um ponto distante além do lago, um ponto tomado pela incessante neblina como todos os outros.

Jack pensou: *Você tem razão. Não devia ser assim. Mas ficar lamentando não vai mudar a nossa situação.*

— Não precisa ficar assim, Sophia — disse. — Você não tem culpa de nada que está acontecendo.

Ela mordida o lábio inferior agora. Seu rosto era a imagem do remorso.

— Se eu não tivesse demorado tanto para aparecer pra vocês — ela disse, ainda olhando para o ponto distante e enevoado além do lago —, sua filha não teria escorregado nas pedrinhas perto do lago e caído nele. E ela estaria mais segura com você agora. — Os olhos de Sophia voltaram a encontrar os de Jack, e eles estavam repletos de sinceridade profunda.

Jack ficou comovido com a franqueza nas palavras dela, mas não gostava de vê-la sentida por algo que não devia. Afinal, a culpa pelo que ocorrera com Emily era dele, exclusivamente dele.

Ele falou:

— Pois eu continuo achando que você não tem culpa nenhuma pelo que aconteceu com Emily. — Vendo que Sophia não dizia nada, talvez porque não sabia o que dizer, ele acrescentou: — E não vamos mais falar sobre isso, ok? Não vai adiantar nada, e além do mais, temos que focar nos nossos objetivos.

— Está bem. — A voz dela soara contida como antes.

Eles ficaram em silêncio. Jack deu umas três ou quatro remadas e a chamou novamente. O modo como ela estava vestida — como uma garota de muito tempo atrás — continuava deixando-o bastante curioso. Ele disse:

— Vocês deviam ter fotos, sua família. Você lembra se elas eram em preto e branco ou coloridas? — Dependendo da resposta dela, Jack achava que conseguiria ter uma noção de em qual época ela e seus pais viveram. Sophia dissera que morrera naquele maldito buraco em que Emily quase caiu, e que não sabia exatamente quantos anos se passaram desde que sua tragédia familiar aconteceu, mas talvez ela se lembrasse de algo simples como a cor das fotos de sua família. Certamente se lembrava.

— A gente tinha fotos, sim — ela respondeu. — A gente tinha alguns álbuns que minha mãe e meu pai mandaram fazer. E as fotos eram em preto e branco. — Houve uma pausa. A testa dela franziu. — Por que você me perguntou isso? Você queria ver fotos da minha família?

Seria interessante, mas não era bem esse o motivo.

— Seria legal — ele disse apenas, e outra pergunta lhe ocorreu: — E seus pais? Eles gostavam de música?

Sophia franziu a testa de novo, por certo devido às perguntas de Jack soarem um tanto aleatórias, mas assentiu e respondeu:

— Gostavam. Meu pai adorava uma banda chamada Beatles, que estava fazendo muito sucesso. Ele dizia que era a melhor banda do mundo. “She Loves You” era a música favorita dele. Eu tinha até decorado o refrão de tanto que ele a ouvia. Já a minha mãe gostava de umas músicas que eu achava meio chatas e que me davam sono.

Meu Deus! Beatles! Então Sophia e seus pais estavam vivos na década de 1960! Isso significa que eles estão mortos há cerca de sessenta anos! Bem, Sophia e sua mãe, pelo menos, e talvez seu pai também. Sophia está procurando por eles há longos e inacreditáveis sessenta anos! Eu preciso contar isso pra ela.

Estupefato, Jack esquecera completamente a função do remo em suas mãos.

— Sophia... — ele engoliu em seco e ouviu sua garganta estalar — ... o ano em que estamos é 2019, e os Beatles tocavam nos anos 1960... Você e seus pais... Vocês estão... — Jack procurou a palavra certa, uma que não soasse grosseira aos ouvidos dela e aos seus próprios ouvidos, uma que não a machucasse ou a fizesse sentir-se mal — ... *assim*, separados, há quase *sessenta* anos.

Os olhos dela ficaram enormes.

— É mesmo?

Jack assentiu.

— Nossa... — ela murmurou.

Os traços faciais de Sophia se contorceram e ela pareceu muito mais pálida que o normal, e Jack teve a impressão de que ela estava prestes a chorar, mas não chorou. Ela falou:

— Eu te disse que era bastante tempo... Só que eu não imaginava que era tanto tempo assim...

Ele não soube o que dizer; deixou que Sophia se acostumasse com o fato de que era um fantasma ou uma morta-viva ou fosse o que fosse que ela era agora de pelo menos meio século.

Preparava-se para voltar a remar para chegarem logo à outra margem quando sentiu uma brisa passar, uma brisa igual àquela que precedera o ataque do monstro na vilinha. O estômago de Jack congelou.

Será que ele tá vindo? Será que achou a gente e está vindo nos pegar?

Outro pensamento o corrigiu em seguida:

Nos pegar, não. Nos matar. Porque foi isso que ele fez com os podres. E não foi nada bonito.

Sophia, que também sentira a brisa, voltou a arregalar os olhos. Ela olhou para Jack e depois de um lado para outro.

Houve um novo sopro de ar gélido, mais forte que o anterior. Jack tremeu. Trincou os dentes. Perguntou para Sophia:

— O monstro está voltando? Ele nos achou?

— Eu não sei. — Mas o olhar cauteloso e assustado dela pendia claramente mais para o *sim* do que para o *não*.

— É uma péssima hora pra ele aparecer agora! — E, impulsionado pelo temor de que isso acontecesse, Jack começou a remar com a maior rapidez que conseguia.

Um novo sopro de ar cruzou o lago, fazendo suas águas se agitarem, tremularem, e a força de cada um deles aumentava com uma gradatividade aterradora. Um rugido alto, o mesmo rugido potente e intimidador de antes, Jack tinha certeza disso e sem dúvida Sophia também, pôde ser ouvido ao longe, mas não tão longe assim. Era ele, o monstro maligno do Outro Lado, que segundo Sophia afogava pessoas em lagos do mundo normal e decepava membros naquele mundo estranho no qual habitava. Ele estava chegando, e era vital que Jack e Sophia se apressassem se quisessem ter uma chance de se esconderem.

Não faltava tanto agora para alcançarem a outra margem. Jack remava loucamente, apertava o remo com força e sentia seus braços e dedos doerem, sua boca de súbito seca, o olhar focado no destino dele e de sua companheira de missão. Sophia virava a cabeça de um lado para outro, como se assistisse a uma partida de tênis mais veloz que o normal.

Outro rugido, o de uma fera furiosa e provavelmente sedenta de sangue ou ao menos de violência, ecoou pelo ar, já muito perto. Agora não fora só o estômago de Jack que congelara, mas todos os seus órgãos. Um novo sopro de ar sucedeu o rugido, e mais outro, e mais outro e mais outro e mais outro, e lá estava o vendaval que açoitara terrivelmente a vilinha apodrecida havia pouco tempo. As águas do lago moviam-se de maneira frenética, como Jack nunca havia visto e poderia imaginar que um dia veria, e a jangada começou a balançar. De um lado para outro, como a cabeça de Sophia virando-se um instante atrás quando a situação não estava completamente desesperadora. Jack perdeu o equilíbrio e caiu de bunda na jangada, o remo afundando-se no lago. Sophia, sentada, segurava-se com as mãos na laterais da pequena embarcação, a boneca Lily movendo-se em seu colo, mas permanecendo nele. Jack, com dor, procurou as bordas da jangada e imitou Sophia,

segurando-se nelas. O vendaval continuava. As águas se agitavam, sacudiam-se, estrondeavam. A jangada balançava, oscilava, sacolejava. De um lado para outro, de um lado para outro. A faca de Jack deslizava para lá e para cá sobre as ripas de madeira perto dos pés dele e, por um milagre, não caiu no lago. Ele esticou seu braço direito e a pegou no exato instante em que Sophia gritou:

— Jack, cuidado!

Ele só teve alguns segundos para olhar por cima do ombro e registrar a forma escura que vinha velozmente na direção deles, e que o acertaria primeiro se ele não tentasse ao menos abaixar-se logo.

Jack virou-se para a frente e se inclinou o máximo que pôde, quase beijando as ripas de madeira da jangada. Sophia também se inclinou para se proteger. O monstro passou acima deles a centímetros de os atingir. Jack sentiu uma lufada de ar sobre sua cabeça, e respingos de água caíram em sua roupa e em seus cabelos que se desgrenhavam com o vento. Levantou a cabeça para acompanhar a movimentação do inimigo, o coração martelando no peito, bombando fortemente. Torceu para que o monstro fosse embora, mas o desgraçado estava dando a volta no ar para arremeter contra eles outra vez.

Jack estava quase hipnotizado e totalmente horrorizado pelo que via: uma espécie de nuvem preta grande que pulsava como um organismo vivo e que parecia um aglomerado de vários seres em um só, uma coisa talvez etérea e sólida ao mesmo tempo que parecia não ter boca, cheia de olhos vermelhos e garras que despontavam de minúsculas mãos com dedos retorcidos, uma coisa que desafiava toda e qualquer possibilidade de existência que havia até então em sua mente. A coisa alinhou-se com a jangada ao longe, soltou outro grito possante — *ROOAAARRR!* — e avançou. Jack achava que o monstro atingiria ele e Sophia desta vez. Ele gritou para ela:

— Se abaixa, Sophia! Mais do que antes! O máximo que der!

Ambos dobraram seus corpos, e Jack, agora com a bochecha direita grudada a uma das ripas de madeira, sentiu outra lufada de ar e novos respingos de água sobre si. A investida milagrosamente não os acertara, mas passara a menos centímetros ainda deles do que a anterior. A jangada também balançou mais perigosamente do que antes.

Jack pensou, levantando a cabeça de novo com os olhos enormes a fim de verificar onde a criatura se encontrava: *Eu tenho que fazer alguma coisa! Eu tenho que fazer alguma coisa! Ou eu e Sophia vamos chegar ao nosso fim no próximo ataque!*

Tentou pensar em algo inteligente, mas não havia nada muito inteligente que pudesse fazer em uma situação como aquela. Eles podiam pular na água, mas como se defenderiam lá embaixo? Sophia lhe dissera que o monstro fazia travessias para

o mundo normal, o que significava que ele entrava na água e se locomovia nela. Portanto...

A gente ficaria ferrado do mesmo jeito, certo?

A faca. Jack olhou para ela em sua mão, e a voz boa e otimista de sua consciência lhe disse que deveria tentar ao menos machucar um pouco o monstro com ela. Seria possível? Jack tinha que descobrir, ainda que corresse o risco de ser ferido gravemente por ele.

Ouviu gorgolejos e grunhidos se aproximando, alguns urros também. Vinham da direção para a qual ele e Sophia se dirigiam, da outra margem do lago. Havia passos correndo pela floresta. Mais alguns podres, atraídos pelo barulho do vendaval, das águas agitadas e dos rugidos do monstro, estavam chegando. A situação, que já era péssima, conseguia piorar a cada segundo, mas Jack tentou ter esperança de que talvez os podres atrainham a nuvem preta para eles. Se isso acontecesse, ele e Sophia ganhariam pelo menos um tempo para tentarem escapar de algum modo. Mas *de que* modo? Novamente, pulando na água? Mas quão inteligente era aquela criatura? Mesmo que ela se ocupasse com os podres, o que com certeza levaria pouquíssimos segundos, ela não voltaria em seguida e procuraria por eles lá embaixo, vendo que a jangada estaria vazia?

A terceira investida estava próxima de ocorrer, e Jack, percebendo que o monstro mais uma vez dera a volta no ar e se posicionara para atacar a jangada, firmou o aperto de sua mão sobre o cabo da faca. O plano era bem simples, apesar de arriscadíssimo: ele se inclinaria todo para a frente e para baixo de novo e tentaria golpear o inimigo quando este passasse acima de sua cabeça. Só precisava torcer para que o monstro passasse acima dele outra vez como nas investidas anteriores ao invés de ir diretamente em seu corpo, e que não tivesse sua cabeça e sua mão arrancados de si no processo. *Moleza*, pensou ironicamente. Depois olhou para Sophia e anunciou por cima do barulho:

— Sophia, eu vou tentar uma coisa!

— O quê, Jack?

Ele desviou seu olhar para a faca e tornou a fitá-la.

Sophia balançou a cabeça.

— Não! É muito perigoso! Ele vai te machucar!

— Eu tenho que tentar! Se proteja como antes! Eu quero ver se essa coisa sangra!

O monstro rugiu e, ao que parecia, começou a avançar. Jack voltou-se para ele, atento para agir no momento correto conforme decidira. Sophia, Jack sabia, se segurava tensa e aflita nas bordas da pequena embarcação. Ouviu os podres finalmente surgirem à beira do lago adiante. Devia ser outra leva dos bem burros,

pois nenhum ser com o mínimo de inteligência ousaria se aproximar daquele monstro letal.

O monstro avançava, a distância até a jangada diminuindo com uma rapidez assustadora. O vendaval prosseguia sem dar trégua. As águas do lago agitavam-se e estrondeavam, agitavam-se e estrondeavam. A jangada sacolejava de um lado para outro, e a essa altura Jack se perguntava como é que ela ainda não tinha virado. Devia ser sorte, ou quem sabe Deus estava dando uma ajudinha a eles. Segurando-se como podia por estar com a faca em uma das mãos, ele inspirou fundo e inclinou-se para a frente e para baixo. Sophia também se abaixou.

O monstro passou, e Jack desferiu um golpe para cima que o atingiu. O “corpo” dele não era duro nem mole, tinha uma consistência esquisita, porém definitivamente palpável, que lembrava um pouco uma massa de pão caseiro crua, e a faca o penetrou fazendo-o urrar. Um pouco de sangue preto e viscoso saiu dele, o mesmo líquido que saíra do primeiro homem podre que Jack tivera que atacar naquele mundo, e Jack descobriu que o monstro sentia, sim, dor, e isso já era alguma coisa.

Só que a ousada investida de Jack teve um preço: no exato instante em que ele o atingiu, seu ombro esquerdo ardeu em brasa e rasgou. Uma das minúsculas mãos com dedos retorcidos e garras muito afiadas o acertara, não em cheio, superficialmente apenas, mas o suficiente para fazê-lo também soltar um grito de dor. Conseguiu retroceder a faca para baixo e mantê-la sob seu domínio, e lutou junto com Sophia para manter o equilíbrio na jangada, só que a lufada de ar resultante dessa nova passagem do inimigo a fez balançar muito mais violentamente do que antes. A mão esquerda de Jack, a única que agarrava uma das bordas da jangada, soltou-se, e quando a pequena embarcação se inclinou em um ângulo exagerado para o outro lado, ele escorregou, caindo no lago. Conseguiu ouvir a voz abafada de Sophia gritando por ele enquanto afundava, e notou ao olhar para cima que o monstro se afastava em direção aos podres na outra margem, cujos sons agora também abafados e agitados pareciam ter atraído a criatura para eles. Notou também, horrorizado, o rastro de sangue que o ferimento em seu ombro deixara, uma mancha vermelha-viva grande que indicava que teria de cuidar daquilo logo, ou as consequências seriam muito sérias.

Ele viu Sophia mergulhar na água e gesticulou com uma careta para ela esperar um pouco, a fim de deixarem que o monstro fosse embora assim que terminasse de se deleitar com os podres. O monstro poderia retornar, claro, mas o que mais eles podiam fazer além de torcer para que fossem esquecidos e deixados em paz? Infelizmente, nada. Sophia assentiu, e ali debaixo d’água Jack ouviu os sons abafados, distantes e nada agradáveis de membros sendo decepados outra vez. Um banho de sangue negro acontecia lá fora acompanhado pelos sons

característicos dos podres, e Jack não estava nem um pouco disposto a assisti-lo. Ele só queria que pudessem seguir seu caminho logo.

Mas a nuvem preta má não foi embora quando sua matança se findou. Ela começou a retornar para a jangada para procurar por eles.

Jack gesticulou para Sophia para nadarem mais para baixo, para que ficassem mais escondidos e com mais chances de sobreviver. Sophia concordou, mas mostrou-se preocupada se ele aguentaria ficar bastante tempo por ali até que fosse seguro subir à superfície novamente. Jack disse por gestos que ficaria bem, era de noite e não seria tão fácil para o monstro enxergá-los, pelo menos teoricamente, mas a verdade era que ele não aguentaria tanto tempo assim se o desgraçado fosse muito persistente, mesmo com toda sua experiência em natação. Nadar até a outra margem do lago, a outra opção, poderia não ser um problema para Sophia, mas por certo seria para ele, pois não estavam ainda *tão* próximos assim de lá.

Eles nadaram mais para baixo e esperaram. A criatura voltou e ficou rodeando a jangada, como um tubarão circulando em volta de algo que chamara sua atenção. Talvez ela não se lembrasse que Jack tinha caído no lago, o que seria ótimo, e talvez ela não fosse tão inteligente quanto ele temera que pudesse ser. Jack ouvia reduzidamente o vendaval lá em cima, e as águas ali embaixo estavam mais tranquilas, pouco ou quase nada agitadas, em comparação às águas perto da superfície. Eles ficaram esperando, Jack prendendo seu fôlego e repetindo mentalmente para o monstro dar o fora dali, e Sophia paciente ao seu lado.

E foi então que Jack percebeu, pelo canto dos olhos, algo se aproximando. Ele virou o rosto e viu, para seu espanto, uma forma familiar se dirigindo como uma sereia até eles. Só que não era uma sereia, e ele não via de novo as algas pretas que pensara ter visto quando saltara em busca de Emily para o lago no mundo normal, mas sim uma mulher com cabelos longos e pretos e um vestido branco que ondulava na água. *A mulher que raptou minha filha!*, pensou, sentindo seu peito encher-se de uma inevitável mistura de revolta e fúria. Mas essa sensação se dissipou em parte quando outro pensamento, uma lembrança de uma informação/suspeita que Sophia lhe dera, lhe ocorreu em seguida: *A mãe de Sophia!*

Jack olhou por um instante para Sophia e viu que ela também olhava para a mulher que chegara, e que parecia surpresa e estupefata. Se ela tivesse um coração que ainda funcionasse, ele pensou, certamente estaria batendo muito forte agora.

Eles ficaram imóveis, deixando a mulher se aproximar. Quando ela finalmente parou diante deles, Jack notou que o rosto e a pele de todo o corpo dela eram como os dos podres, e não se surpreendera; afinal, ela era sem dúvida alguma um deles.

A mulher os fitou, sorrindo primeiro para Sophia com dentes que um dia deviam ter sido bonitos, mas que agora eram feios, e em seguida Jack com mais

seriedade.

Ela gesticulou para que eles a seguissem. Jack olhou para Sophia, que, sorridente, fez que sim com a cabeça. Ele se voltou para a mulher e disse com as mãos que não iria aguentar, pois o ar em seus pulmões estava acabando, e a criatura lá em cima ainda não tinha ido embora. A mulher gesticulou que iria protegê-lo, que não deixaria ele se afogar, e Jack perguntou como. Ela estendeu sua mão direita para ele. Jack consultou Sophia outra vez, que tornou a assentir. Sem ter outra escolha, ele passou a faca para a mão esquerda e estendeu a direita para a mulher.

Quando suas mãos se tocaram (o toque dela era muito gélido pelo menos ali, embaixo d'água), a mulher sinalizou que ele podia soltar a respiração que prendia. Jack fez que não, ele iria se afogar se fizesse isso, mas a mulher insistiu que ele podia *sim* confiar no que dizia. Sentindo um frio gigantesco em sua barriga e o coração de repente disparar, e pensando por um momento que jamais voltaria a ver sua Emily, mas sabendo também que coisas muito estranhas eram factíveis naquele lugar, Jack tomou coragem e resolveu arriscar, e algo mágico então aconteceu: ele se deu conta de que conseguia respirar ali na água, ele *conseguia*, e, por Deus, *como* isso podia ser possível? Ele não sabia, e não importava muito por enquanto; o importante era que sua preocupação com oxigênio fora eliminada, o que significava que tanto ele como Sophia e aquela mulher estranha por ora não teriam que voltar à superfície e correrem o risco de serem vistos. A mulher quis saber se ele estava bem, e Jack acenou que estava. Ela pediu outra vez que ele e Sophia a seguissem. Os dois agora foram com ela, e Jack, maravilhado com sua capacidade de respirar ali na água, não soltou da mão da mulher nem por um segundo.

Eles nadaram rumo ao outro lado do lago aonde precisavam ir. Jack deu uma espiada para trás e viu que o monstro não os percebeu, e que ele ficara apenas zanzando ao redor da jangada sem ocupantes. Quando faltava bem pouco para alcançarem a outra margem, porém, o monstro finalmente deixou a jangada e avançou para a direção na qual eles iam. Eles pararam, alarmados, ainda alguns bons metros abaixo da superfície, e esperaram para ver o que ele pretendia fazer. O monstro não fez nada ameaçador, entretanto, pois não os tinha visto, só se dirigira coincidentemente para a mesma direção que eles, e prosseguiu após soltar mais um de seus rugidos potentes para a floresta adiante, o que era preocupante porque poderiam acabar topando com ele novamente dali a algum tempo. Mas um momento de calma havia por fim chegado, pelo menos, e tinham que aproveitá-lo.

A mulher guiou Jack e Sophia até a superfície. Eles finalmente chegaram à outra margem e, quando ficaram de pé sobre ela, Jack já não mais segurando a mão da mulher e respirando por conta própria, notando que a recém-chegada tinha o

mesmo cheiro ruim dos outros podres, encharcado e tremendo de frio, o ombro esquerdo pulsando de dor e sangrando, viram com horror o que sobrava dos corpos dos homens e das mulheres que foram atacados pelo monstro. Braços, pernas e cabeças, e muito daquele líquido escuro que Jack vira bem de perto mais de uma vez, espalhavam-se pelo local, cobrindo o gramado como um perturbador aviso de que o mesmo poderia acontecer com eles três se não tivessem muito cuidado.

O silêncio entre eles foi quebrado por Jack poucos segundos depois, que tinha perguntas a fazer para a mulher que o ajudara. Aquela não era a melhor hora e não estavam no melhor lugar para terem sua primeira conversa, já que estavam expostos a qualquer novo perigo que pudesse surgir e Jack tinha plena consciência disso, mas certas coisas, às vezes, não podiam esperar, e essas perguntas não podiam esperar.

Ele se virou para a mulher que o salvara, sentindo-se razoavelmente calmo apesar do incômodo grande por estar todo molhado, e perguntou com os lábios trêmulos:

— Onde está minha filha? Você pegou ela. Lá no lago. No mundo normal. Pra onde a levou?

A mulher voltou-se para ele. Ela não estava molhada, e aparentemente não sentia frio. Sophia a observava com um grande interesse, uma grande fascinação, a boneca úmida de Emily pendendo em sua mão. Talvez nem tivesse ouvido a pergunta de Jack, e também não estava molhada e não sentia frio.

— Mãe? — chamou Sophia. E Jack reparou que, apesar da podridão da mulher, ambas eram muito semelhantes, e que só podiam ser mãe e filha.

A mulher virou-se para Sophia. Jack, que esperava pela preciosa resposta que o levaria até Emily, pensou que podia segurar a ansiedade que o varria por dentro mais um minuto ou dois. Afinal, ali estavam — supostamente —, uma mãe e sua filha se reencontrando após anos muito longos separadas, *décadas* muito longas, um tempo que não se comparava ao tempo que ele estava longe de Emily, apesar de parecer a ele que fazia tanto tempo quanto. Ele viu o brilho nos olhos delas, inclusive nos da mulher que pareciam olhos mortos e vazios e eram vermelhos nos cantos como os dos outros podres, e ficou convencido de que uma bela e emocionante reunião familiar, ainda que incompleta, já que faltava o pai de Sophia ali, estava acontecendo diante de si. Ele tinha sensibilidade o bastante para não atrapalhar o momento.

— Minha filha! — a mulher falou, sua voz num tom emocionado. — Minha Sophia! Sou eu, sua mãe! — Ela abriu seus braços e foi abraçar Sophia, que aninhou-se neles sem hesitar. Quando Sophia a abraçou, fazendo a boneca Lily desaparecer atrás dela, uma lágrima escapou de um dos olhos da mulher e escorregou pela bochecha dela. Ela acariciou o cabelo de Sophia, que também

deixou lágrimas escaparem, e disse: — Eu te procurei por *tanto* tempo, *tanto* tempo! Eu nem acredito que finalmente consegui te encontrar!

Aquela era uma questão bastante pertinente: como aquela mulher conseguira encontrá-los? Será que ela estava procurando por Sophia nas redondezas do lago atrás deles quando ouvira e quem sabe também vira os ataques perpetrados à jangada? Teria ela os encontrado por pura coincidência, por estar passando pelo lugar certo na hora certa? Essa teoria era a que mais fazia sentido para Jack.

— Eu também te procurei por muito tempo, mãe — Sophia disse olhando nos olhos da mulher que era sua mãe —, e procurei pelo pai também. Eu vim várias vezes pra este mundo te procurar, e acho que vi você entrar em uma caverna que fica perto daqui algumas vezes. Era você mesmo, mãe? Você mora em uma caverna aqui? Você sabe onde o pai pode estar?

— Era eu, minha querida Sophia — a mulher falava agora com um tom muito suave —, e eu de fato moro em uma caverna aqui neste mundo. Eu também vi você perto do lago do mundo em que vivíamos antes, mas como eu não consigo sair dele, eu nunca tive a chance de chegar até você. E eu não tinha certeza se era mesmo você, podia ser uma outra garota parecida com você, mas agora eu tenho. Eu nunca mais vi seu pai, não sei se ele ainda está vivo e nem onde poderia estar. Mas agora que você está aqui — ela olhou para Jack e voltou a fitar Sophia —, agora que *vocês* estão aqui, nós finalmente temos a chance de resolver nossos problemas.

A mulher pôs as mãos nos ombros de Sophia e deu um passo para trás. Analisou-a da cabeça aos pés, e seu semblante e sua voz mudaram para tristes.

— O que houve com você? Você está exatamente igual a quando eu... quando eu parti do mundo normal... Você...?

— Sim, mãe — Sophia entendeu e disse com uma expressão amarga em seu rosto. — Eu estou morta... Eu também morri...

— Ah, meu Deus... — A mulher apertou os olhos e balançou a cabeça em negação. Olhou para Sophia. — Você era *tão* jovem ainda...

— O pai me perseguiu depois que te afogou no lago, mãe. Eu estava com medo dele, muito medo, e pedia para ele parar, mas ele não parava! Ele estava *malvado*, eu nunca tinha visto o pai daquele jeito e com os olhos feios e maus como naquele dia, e eu sabia que ele queria fazer alguma coisa muito ruim comigo também. Então eu corri dele, corri para a floresta, e caí em um buraco que tinha no chão. Eu me machuquei... quebrei uma perna... O pai não conseguiu me pegar, mas eu também não consegui sair de lá. Eu sentia tanta *fome*, mãe... E tanta *sede* e tanta *dor*...

— Ah, querida... — A mãe de Sophia abraçou-a novamente. Jack viu com pesar e ainda tremendo de frio novas lágrimas rolares pelas faces pálidas de

ambas. — Que terrível! Eu sinto muito...

Era de fato lamentável e comovente, mas Jack acreditava que já tinha dado tempo suficiente para elas trocarem suas palavras e carícias iniciais.

Pigarreou. A mulher e Sophia olharam para ele, entendendo que ele queria dizer algo, e desfizeram seu abraço limpando suas lágrimas.

— Eu não queria interromper vocês... — disse Jack ainda tremendo, seus dentes batendo um pouco — ... fico feliz que estejam juntas novamente e triste pelo que aconteceu com vocês no passado... mas eu preciso encontrar minha filha. — Ele fitou especificamente a mulher e perguntou com mais firmeza: — *Onde* ela está? Você sabe. *Tem* que saber.

— Você está tremendo — a mulher não respondeu à pergunta dele e falou com aquele tom suave outra vez, que contrastava com seus traços disformes e diferente de qualquer tipo de som que Jack tinha ouvido da boca dos podres anteriores. Ela era a primeira que falava e agia como uma pessoa normal, excluindo o fato, é claro, de que havia raptado uma criança e a levado para o fundo de um lago, já que pessoas normais não faziam esse tipo de coisa. — Deixa eu te ajudar com isso.

Ela se aproximou dele. Parou à sua frente. Jack hesitou, mas permitiu que ela segurasse nos antebraços de sua blusa, viu-a fechar os olhos e se concentrar. E então, outra coisa maravilhosa começou a acontecer: a roupa dele, suas botas e meias e toda sua pele, e também seu cabelo, começaram a secar. De algum modo, a mulher estava drenando a umidade consequente de sua queda no lago, e caramba, aquilo era incrível! Jack ficou imóvel, esperando ela terminar o que só podia ser mágica que fazia com suas mãos. Não levou mais do que quinze segundos.

A mulher abriu os olhos e disse:

— Pronto. — Ela o soltou e deu um sorriso para ele com seus dentes estragados. O sorriso rapidamente sumiu. Ela voltou a ficar ao lado de Sophia enquanto Jack conferia que estava completamente seco. — Emily, certo? O nome da sua filha. Ela não quis me dizer, mas eu ouvi quando você gritou por ela. Sua filha está bem. Ela está segura e protegida onde eu vivo. Me desculpe por ter te assustado. Vejo que está ferido, e que precisa de cuidados. Eu quero levar você até lá, para que você possa cuidar disso e reencontrar sua filha e eu possa te explicar por que fiz o que fiz, mas agora não é o melhor momento pra gente...

— Como você fez isso? — Jack perguntou, interrompendo-a. — Como você me secou? E como você fez pra eu respirar dentro do lago?

— São algumas habilidades que eu passei a ter quando fiquei presa a este mundo.

Jack balançou lentamente a cabeça, aceitando por ter comprovado essas habilidades dela e tentando compreender.

— E meu ombro? — Ele fez uma careta ao tocar o ferimento de garras ensanguentado. — Você consegue curar ele?

— Infelizmente, não. Mas acho que posso aliviar um pouco sua dor quando chegarmos ao meu refúgio.

Jack anuiu outra vez. Ele queria agradecer a ela pela importante ajuda que recebera até agora, mas decidiu que não o faria até que estivesse novamente com Emily. Apesar de aquela mulher parecer ser amiga, ele precisava ver que sua filha realmente estava bem. Precisava muito disso para se sentir mais tranquilo.

— Você é a Catherine, não é? — ele perguntou, lembrando-se dos nomes que Sophia lhe dissera serem os de seus pais. — Sophia me contou. Eu sou Jack. Jack Campbell. Mas pode me chamar de Jack.

— Sim, isso mesmo. Sou Catherine Clarke. E você também pode me chamar de Catherine.

— Certo, Catherine — ele assentiu. — Você disse que Emily está segura e protegida no lugar onde você vive. Me leve para lá *agora* ou me diga como chegar lá. *Por favor*.

— Sim, claro. Minha caverna não fica muito longe daqui. É só seguirmos em frente por essa floresta — ela apontou para o mar de pinheiros dominado por névoa atrás dela e de Sophia — que logo chegaremos lá.

— Então vamos! Ou aquele monstro poderá alcançar minha filha antes da gente!

— Eu já te disse, ela está segura e *ninguém* vai achá-la. A entrada para a minha caverna é bem escondida. Ela não será importunada.

Morta, você quis dizer, pensou Jack com um pavor dilacerante no peito, e quase disse isso para ela. Em vez disso, ele falou:

— Eu espero não me arrepender de confiar em suas palavras.

E seguiram em frente juntos.

Capítulo 13

Emily ouviu rugidos e barulhos apavorantes vindos de algum lugar lá fora e ficou muito assustada. Seus olhos se arregalaram e seu coração disparou, e ela teve que se segurar nas barras da jaula quando sentiu o chão tremer sob seus pés. Um monstro estava vindo pegar ela, foi a única coisa na qual pensou. Mas a lembrança das vezes que ela acordara de sonhos muito ruins com monstros e seu pai e sua mãe lhe explicaram que eles não existiam de verdade lhe ocorreu, e Emily conseguiu se acalmar um pouco. Ela estava segura ali, foi o que a mulher feia e com cheiro ruim chamada Catherine dissera, e a coisa medonha que ela ouvia, talvez um animal muito grande e bravo, estava lá fora. Se ela ficasse quieta como a mulher lhe pedira, a coisa não a acharia. Ela cobriu as orelhas com as mãos e apertou os olhos, tornando quase inaudíveis os sons tenebrosos que não queria mais ouvir.

Os sons finalmente cessaram, e quando o pior parecia ter passado, ela se levantou. Procurou, tentando não fazer barulho porque temia que a coisa medonha se manifestasse de novo, alguma maneira de abrir a jaula. Não encontrou e, pouco depois, recostada mais uma vez no fundo dela, outro som estranho chamou sua atenção.

Emily ouviu passos se aproximando daquela câmara, passos lentos, meio arrastados, provavelmente de uma pessoa que calçava um par de tênis. Mas esse não era o som estranho que ela escutava. O som estranho era uma espécie de *glub-glub-glub* rápido e contínuo emitido do fundo de uma garganta, um som que ela lembrava ter ouvido na TV, em algum filme ou desenho animado — o som de uma pessoa se afogando. Ela ficou no fundo da jaula em silêncio sentindo um fedor de podridão crescente tomar conta do ambiente. Era o mesmo fedor da mulher que a prendera naquela jaula, porém mais intenso, o que a fez pensar que não se tratava dela. Afinal, Catherine não tinha feito aquele som com o fundo da garganta antes nenhuma vez.

Emily esperou, um pouco com medo, um pouco ansiosa. Quem sabe alguém bom havia acabado de chegar para ajudá-la?

Os passos soaram ainda mais próximos, e o *glub-glub-glub* também. Finalmente, um homem trajando uma camiseta de mangas curtas e uma calça jeans sujas e rasgadas em algumas partes, calçando um par de tênis que já vira dias melhores, surgiu na entrada da câmara.

Por um momento, Emily só o encarou. Ele era feio como Catherine, tinha círculos escuros embaixo dos olhos também escuros, fundos e vazios, estava com os cabelos bagunçados e sem uma orelha. Faltava um pequeno pedaço de seu lábio,

no canto esquerdo dele, e sua pele estava esquisita como a de Catherine. Era um homem desagradável de se ver.

Ele também ficou parado, olhando com sua expressão vaga e perdida para Emily. Até inclinou a cabeça por um instante, como se examinasse algo que não compreendia. Os sons que ele emitia com a garganta cessaram por um momento.

Por fim, o homem se pôs a ir até a jaula. Emily soltou um gemido e tentou ir mais para trás, mas as barras sujas e enferrujadas já estavam às suas costas e ela não pôde fazer isso. Ele agarrou duas das barras da parte frontal da jaula e as chacoalhou, sem muita força, mas as chacoalhou. Emily soltou um grito e arregalou os olhos, suas mãos em um gesto que dizia *Por favor, me deixe em paz!* O som rápido e contínuo da garganta do homem voltou, e ele passou a emitir grunhidos animalescos conforme forçava as barras que segurava.

Emily gritou:

— Vá embora, seu homem feio e mau! Vá embora e me deixe aqui sozinha!

Mas o homem não queria ir embora, e talvez entendendo que seus esforços na parte da frente da jaula eram em vão, soltou as barras e se arrastou para outro ponto mais próximo de Emily.

De quatro, ela se movimentou para o centro de sua prisão, que não era muito pequena e tinha um tamanho bom para protegê-la, e o homem não a alcançaria no novo ponto onde ela ficara, independentemente da direção da qual tentasse pegá-la.

Ele enfiou suas mãos nojentas e asquerosas por entre as barras e esticou-as ao máximo, agitado, primeiro pelas duas laterais e, depois, pela parte de trás da jaula. Em seguida, voltou para a parte da frente e repetiu o processo, mesmo destinado a fracassar com suas novas tentativas.

— Vá embora, seu malvado! — Emily tornou a gritar. — Eu não quero que você fique aqui comigo!

O homem reagiu agitando-se de novo, tentando inutilmente alcançá-la.

Muito assustada, e com o coração batendo a mil, ela começou a chorar, sem compreender por que aquilo estava acontecendo com ela, *por quê?* Ela era só uma criança, e não devia estar ali. Era para ela estar com seu pai, feliz na companhia dele na casa do lago ou explorando a floresta, aventurando-se por lá, sem monstros nem pessoas ruins querendo machucá-la. Só que, em vez disso, ela estava ali, naquele lugar onde não queria estar, escuro, frio e feio, e não havia como fugir. Não era justo o que estava acontecendo com ela, simplesmente não era.

Ela fitou o cesto de vime que Catherine deixara perto da jaula, as esquisitas e brilhantes frutas azuis no seu interior, e também a jarra e o copo de cerâmica, e pensou em pegar um deles para jogar no homem mau, mas percebeu que ele poderia alcançar sua mão e puxá-la se tentasse fazer isso, e desistiu da ideia rápido.

Sem ter o que fazer senão gritar por socorro ou esperar que ele se cansasse e fosse embora, Emily fechou os olhos e cobriu seus ouvidos outra vez, abafando os sons que vinham dele e o barulho que ele produzia com suas tentativas de pegá-la. E então lembrou-se do dia em que seu pai e sua mãe lhe ensinaram a pedir alguma coisa, sempre que precisasse, a um homem bom que segundo eles morava lá no Céu, e ela lembrava bem Seu nome: Deus, ou Papai do Céu. Emily fez um pedido para Ele com muita vontade, como seus pais tinham lhe dito que devia ser feito, porque assim Ele a ouviria e a ajudaria. Ela sussurrou para que Deus fizesse seu pai aparecer depressa e tirá-la dali logo, e assim que terminou, outra lembrança lhe veio: ela acordando pela primeira vez do pesadelo recorrente com sua mãe morrendo e em seguida aparecendo em seu quarto, saindo surpreendentemente de um raio luminoso branco que Emily ainda não entendia o que era. Sua mãe havia lhe dito que estava lá para visitá-la, porque tinha muita saudade dela, e que se um dia precisasse muito de ajuda, a chamasse também com muita vontade que ela iria auxiliá-la. Emily então a chamou com o máximo de vontade que conseguiu, e ficou esperando que ou seu pai ou sua mãe aparecesse, ou os dois, mas parecia que nenhum deles estava por perto e que seus pedidos não iriam funcionar.

Ela sentiu uma leve brisa passar e abriu os olhos a tempo de ver as chamas das duas tochas presas nas paredes oscilarem. O homem feio e mau prosseguia com seu ímpeto de tentar pegá-la, revezando inutilmente entre forçar as barras da jaula e esticar seus braços pelos espaços entre elas, abrindo e fechando suas mãos como um caranguejo cujas pinças haviam enlouquecido.

Houve outra brisa, um pouco mais forte que a anterior, e então mais outra. As chamas das tochas dançaram perigosamente dessa última vez e quase se apagaram, e Emily chegou a pensar que ficaria no escuro com aquele homem idiota amolando ela. Ela não queria ficar no escuro, porque tinha medo de quando tudo ficava preto e seus olhos não enxergavam nada. Descobriu seus ouvidos no exato instante em que um rugido alto e assustador reverberou de novo lá fora, muito próximo dali, e sentiu seu coração quase parar ao perceber que a coisa ou monstro de antes estava vindo. Emily achava que o barulho causado pelo homem feio e mau estava atraindo o monstro, e isso era muito ruim. Ela pediu para o homem ficar quieto, *por favor ficar quieto*, ou o monstro iria vir pegá-los. O homem, no entanto, não a escutava, e a única coisa em que parecia interessado era colocar suas mãos nojentas sobre ela.

De repente, houve um estrondo muito forte de alguma coisa naquele lugar se partindo. Um sopro gélido de ar penetrou a câmara com Emily e o homem desfigurado-apodrecido fazendo as chamas das tochas dessa vez se apagarem. Emily gritou de susto, e um arrepio gelado de medo subiu por sua espinha. Seu coração jovem disparou de novo, e o homem que a atormentava ficou repentinamente mudo e parou de chacoalhar as barras da jaula.

E então o rugido alto que Emily ouvira lá fora ecoou ali dentro, alto, potente, e muito assustador — o monstro tinha chegado. Emily, na escuridão completa, entrou em pânico, pensando que ela não veria mais seu pai e nem sua mãe indo visitá-la em seu quarto na casa em Edmonton. Ela tremia e quis chorar, mas não teve tempo de deixar que as lágrimas viessem. Uma ventania e um rugido bestial anunciaram que o monstro estava naquela câmara, fazendo-a quase congelar de frio, perder o equilíbrio e cair no chão. Ela ouviu o homem feio e mau ser atacado, ouviu ele guinchar de dor, e fechou os olhos e apertou-os certa de que seria a vítima seguinte do monstro.

Mas não foi.

O monstro arrebentou sua jaula e, antes que a pegasse, Emily tomou coragem para abrir os olhos e enxergar algo dele. No escuro, só pôde notar seus olhos vermelhos, *vários* deles, grandes e malignos, perturbadores e temíveis, fitando-a. Ela tornou a fechar os olhos, apertando-os ainda mais, e seus braços e pernas ficaram moles.

Sentiu mãos pequenas dominarem seu corpo e a suspenderem no ar. Ela soltou outro grito, mais agudo e estridente do que antes. Um por um, seus sentidos foram se desligando, como as luzes da casa em Edmonton sendo apagadas por seu pai na hora de dormir. E em questão de segundos ela foi para bem longe e não sentiu mais nada.

Capítulo 14

Jack estacou com o rugido do monstro adiante na floresta. Catherine e Sophia, de mãos dadas, também pararam, interrompendo todas as novidades que contavam uma para a outra agora que finalmente tinham se reencontrado. Elas olharam para Jack, preocupadas.

— É ele de novo, não é? — perguntou Jack para as duas, um pouco mais para Catherine, na verdade, o olhar tenso. — Aquele monstro.

Catherine assentiu com firmeza.

— Sim, é ele.

— Meu Deus... O que será que chamou a atenção dele desta vez? — Jack não queria imaginar, mas a imagem daquela coisa encontrando e pegando sua filha, ou pior, *matando* ela, passou à frente de seus olhos por um instante. — Será que ele encontrou sua caverna e...

— Não. Isso *nunca* aconteceu em todos os meus anos neste lugar. Talvez ele já tenha notado a entrada da minha caverna, é bem possível que sim, mas por alguma razão que eu desconheço, ele sempre a ignorou e me deixou em paz.

O que não quer dizer que ele deixaria Emily em paz lá dentro também, Jack quase disse em voz alta para ela, porém deixou guardado esse pensamento.

— Ele deve ter achado outros podres — disse Sophia. E acrescentou: — E deve estar atacando eles como tentou atacar a gente, Jack.

— Então ele sai matando todos aqueles pobres homens e mulheres que também vieram parar neste mundo por causa dele próprio que cruzam seu caminho? Ele os mata afogados no mundo normal e depois os mata aqui também? E volta a fazer mais vítimas para que depois possa matá-las novamente?

— Não é bem assim — a voz suave de Catherine interveio. — Ele não tem o costume de matar o *tempo todo*. Eu conheço o comportamento dele.

— Bem, algo claramente deixou ele furioso outra vez. Quanto falta para chegarmos à caverna, Catherine?

— Não muito.

— Então é melhor a gente se apressar. Eu não quero que nada de mau aconteça com minha...

Um barulho de rochas sendo partidas por algo poderoso, que para Jack só podia ser o monstro, fez-se ouvir pela floresta. Não muito longe, como a distância que segundo Catherine faltava para a sua caverna. Jack ficou apreensivo de que aquela coisa tivesse encontrado Emily antes dele, e sentiu sua espinha gelar quando ouviu um grito de uma garotinha vindo de algum lugar adiante.

Catherine e Sophia olharam para a direção da qual vieram os sons. Quando Catherine virou seu rosto para Jack outra vez, ele notou que ela estava com uma expressão bastante alarmada.

— É ela! — disse Jack, tão alarmado quanto Catherine ou Sophia. — É Emily! Minha filha! Ela está em perigo! Temos que correr!

Ele começou a correr, mas parou quando passou por suas companheiras e ouviu outro rugido feroz, tentando evitar, mas não conseguindo, pensar no pior. Jack olhou para elas com os olhos enormes e aflitos, e elas devolveram para ele o mesmo tipo de olhar.

Eles ouviram o som de vendaval e mais outro rugido, e Jack forçou-se a mudar seu semblante para um de pura determinação.

Ele se dirigiu a Catherine e Sophia com a maior bravura de toda sua vida:

— Vamos! Catherine, me mostre o caminho!

Catherine, agora não mais de mãos dadas com Sophia, tomou a dianteira e correu, mostrando o caminho. Jack e Sophia foram logo atrás.

Capítulo 15

A caverna de Catherine ficava na encosta de um pequeno monte. A entrada dela, que Jack supôs que devia ser bem menor antes, talvez bem estreita e difícil de se ver, agora se tornara uma bocarra aberta do tamanho exato do monstro que atacara ele e Sophia no lago. Eles começaram a entrar na caverna, Jack à frente ansioso para verificar se, por um milagre, Emily ainda estava lá dentro. No fundo, ele sabia que ela não estaria.

— Ah, não... — ele murmurava desviando dos pedaços de rochas que havia pelo caminho. — Ah, não...

O interior da caverna era pequeno, e estava completamente escuro. Catherine pediu alguns segundos para acender uma tocha e Jack e Sophia aguardaram ela fazer isso. Catherine sumiu na escuridão, mas logo retornou com a tocha acesa em sua mão. Eles adentraram mais a caverna, Catherine à frente agora, e rapidamente chegaram a uma câmara na qual Jack avistou barras de ferro quebradas e espalhadas em uma algazarra pelo chão. Seu cenho franziu ao vê-las.

O que significa isso?

Ele também viu o corpo inerte e sem vida de mais um homem podre caído ali. Jack notou que esse podre estava com cada um dos seus membros nos seus devidos lugares, mas tinha várias perfurações feitas por garras em sua roupa e em sua pele. Era mais um que não teve um final feliz, do mesmo modo que os outros podres com os quais o monstro cruzara anteriormente com Jack e Sophia como testemunhas não tiveram.

Jack viu ainda um cesto de vime virado para baixo, um copo e uma jarra de cerâmica da qual a água de seu interior escorrera para fora tombados de lado, além de uma porção de frutas azuis esquisitas e brilhantes que o fizeram entender a situação em que Emily estivera antes de ser, pela segunda vez em tão pouco tempo, raptada: Catherine a prendera em uma jaula e deixara meios à disposição dela para que pudesse saciar sua sede e se alimentar. O homem podre morto talvez estivesse ali por ter ouvido sua filha pedir socorro, depois de Catherine tê-la deixado sozinha e justamente quando o monstro passava.

Sim, é isso. Tenho certeza de que foi isso o que aconteceu. Mas quero ouvir as explicações da boca de Catherine. Quero ver se ela vai mentir mais uma vez para mim, assim como mentiu que minha filha estava aqui segura e que ninguém ia achá-la!

Após o momento deles de observação, Jack voltou-se para Catherine e falou, zangado:

— Você disse que minha filha estava protegida aqui, que *ninguém* a acharia. Você foi irresponsável e *mentiu* para mim!

— Mas ela *estava* segura aqui! — ela falou com uma clara expressão de culpa e agitando a mão que não estava com a tocha. — E eu *não* menti para você! Nada parecido com isso havia acontecido durante todo o tempo em que eu vivi neste lugar!

— Você por acaso já ouviu falar que existe a primeira vez para tudo? — Jack zangou-se ainda mais com a fala dela. Sophia, ao lado de sua mãe, encolheu os ombros com a reação dele. — E o que significam essas coisas espalhadas pelo chão? O que tinha aqui? Deixa eu adivinhar: uma jaula? Com água pra ela beber e essas frutas estranhas pra se alimentar? Ela estava em cativeiro, como se fosse um animal?

— Me desculpe! — Catherine também se exaltou, e lágrimas saíram dos olhos dela. — Eu não queria ter que fazer isso, mas era o único jeito! Se eu não a trancasse de alguma maneira enquanto eu fosse te procurar, ela fugiria, e alguma coisa terrível poderia acontecer com ela!

Jack sabia que era verdade; afinal, ele já tivera amostras o suficiente dos perigos daquele outro mundo para uma noite só, e ele tinha uma faca sob seu domínio para se defender e a ajuda de Sophia, que tinha um bom conhecimento sobre aquela diferente realidade, detalhes dos quais Emily não dispunha, e não tinha como negar que as chances de sobrevivência de uma garotinha de apenas sete anos de idade solitária lá fora seriam muito baixas.

Mesmo assim...

— Mesmo assim — Jack insistiu, balançando a cabeça em reprovação —, você devia ter conversado com Emily, devia ter tentado fazê-la *entender* que ela precisava ficar aqui com você até que eu as encontrasse e...

— E se você não nos encontrasse? Eu não podia ficar esperando! Eu não tinha outra opção a não ser garantir que ela não sairia daqui, e as minhas chances de encontrar você eram mais altas do que as chances de você nos encontrar, pois eu sabia onde você saiu após a travessia e eu conheço este mundo mais do que você!

Outra verdade, e Jack estava ficando sem argumentos contra os fatos expostos por Catherine. Só que o plano dela não havia funcionado, e isso também era um fato com o qual ela não tinha como discordar.

Ele ficou em silêncio e ouviu o que mais ela tinha para falar.

— Eu queria trazê-lo até aqui, Jack, para te contar minha história e explicar *por que* eu fiz o que fiz. Eu queria que você me ouvisse e *compreendesse* a minha complicada situação, na qual estou presa há muitos e muitos anos. A situação de *todas* essas pessoas — Catherine apontou para o homem podre no chão —,

inocentes que se tornaram vítimas e prisioneiras daquele ser maligno que você e Sophia enfrentaram e que decerto agora está com sua filha, o Afogador.

— *O Afogador?* — Jack franziu a testa ao ouvir pela primeira vez o nome do monstro que habitava o Outro Lado, ou pelo menos o nome que Catherine em particular o chamava.

— Isso mesmo. É assim que chamamos ele. Eu e outros afogados que ainda têm consciência como eu.

— *Afogados...* — Jack repetiu lentamente. Os nomes faziam sentido para ele, considerando o que aprendera sobre o que o temido monstro fazia com as pessoas que escolhia no mundo normal para matar, e a forma como suas vítimas, a exemplo da própria Catherine, morriam.

— Exato — Catherine assentiu, e tanto ela como Jack já tinham se acalmado. — É assim que nós nos chamamos porque...

O motivo era bem óbvio.

— ... vocês morreram nas mãos dele, do Afogador — Jack concluiu para ela.

— Sim. Afogados por ele em diferentes lagos do mundo normal.

Jack olhou para Sophia, que também olhou para ele e acompanhava a conversa entre os adultos com atenção. Depois voltou a olhar para Catherine e assentiu.

— Estou sabendo um pouco do que o Afogador faz e de como você e essas pessoas vieram parar neste mundo, que Sophia chama de “O Outro Lado”. Ela e eu conversamos sobre isso depois que escapamos de um grupo de afogados — Jack achava surpreendente como já estava usando todos aqueles termos com tanta naturalidade — que nos perseguiram na floresta lá atrás, antes de atravessarmos o lago.

Catherine e Sophia se entreolharam e sorriram de forma contida uma para a outra.

— “O Outro Lado” — disse Catherine para sua filha. — É um nome que combina com este lugar.

— Como vocês o chamam, mãe? — perguntou Sophia, curiosa.

— Nós nunca demos um nome para este mundo, minha querida.

— Não? Por quê?

— Eu não sei. Acho que nunca sentimos necessidade de fazer isso. Muitos de nós estão tristes aqui há tanto tempo que é como se a gente não quisesse nem pensar neste lugar. E se conseguirmos sair daqui — Catherine desviou o olhar para Jack —, e acredito que conseguiremos se Jack nos ajudar — ela voltou a fixar Sophia —, também não iremos querer nos lembrar dele.

— Ah, entendi — disse Sophia.

Catherine voltou a olhar para Jack.

— Como eu disse antes, eu queria contar a história da minha família para você.

— Sophia já me contou algumas coisas. Ela me contou que vocês moraram na casa do lago onde eu estava com minha filha, e que vocês eram uma família feliz até o comportamento do seu marido começar a mudar. Eu encontrei vários desenhos que pertenciam a Sophia em um baú no porão da casa que retratavam essa mudança do pai dela e como vocês estavam assustadas com isso.

— Oh, você os encontrou? Eu me lembro bem da época em que Sophia começou a fazê-los. Não demorou muito até Thomas ficar irreconhecível e... — A voz de Catherine falhou, e ela ficou repentinamente abatida. — Bem... eu presumo que Sophia também te contou o que ele fez comigo.

— Contou, sim. Sinto muito.

Um silêncio pesado pairou entre os três. Jack o quebrou dizendo:

— Mas Sophia acredita que Thomas não estava consciente de suas ações quando te afogou no lago. Ela acha que ele foi *controlado* por alguma coisa, provavelmente por esse Afogador.

— Sim — Catherine anuiu —, agora eu sei disso. Foi exatamente isso que aconteceu. Thomas foi *possuído* por ele. O Afogador tem esse maldito poder, e essa é uma das razões pelas quais ele é tão perigoso.

Jack não acreditava que alguém pudesse ser possuído de verdade. Ele só tinha visto isso em alguns filmes hollywoodianos de terror, e duvidava muito que possessões verdadeiras já tivessem ocorrido ao longo de toda a história da humanidade. Ele sabia de casos em que de início acreditavam se tratar de possessão, mas em muitos deles as pessoas que os investigaram bem de perto descobriram que se tratavam apenas de esquizofrenia, por exemplo. Só que ali, no Outro Lado, muitas coisas impossíveis já tinham se mostrado ser possíveis, e Jack achava que não ficaria tão surpreso se testemunhasse que possessão também era uma delas. Ele não queria nem imaginar o que o Afogador poderia fazer com Emily, ou mandar ela fazer a si mesma, caso resolvesse controlá-la.

Ele empurrou esse medo para fora da mente e retomou o ponto no qual precisavam focar.

— Catherine, eu compreendo que você e Sophia precisam da minha ajuda para que possam se libertar deste lugar e partirem para o outro no qual deveriam estar, e que os demais afogados como você também precisam da minha ajuda, e que eu preciso da ajuda de vocês para resgatar minha filha e fazer tudo isso funcionar. Mas as dúvidas que eu tenho são: por que eu sou, aparentemente, a grande esperança de vocês? E o que teremos que fazer para dar um fim definitivo ao Afogador? Sophia me disse que acha que teremos que matar ele de alguma maneira, mas que não sabe se há como fazer isso, e ela esperava que você tivesse a

resposta para essa questão. Eu consegui acertá-lo com esta faca — Jack a ergueu para mostrá-la melhor para Catherine, que a fitou sem nenhuma reação — quando ele avançou sobre mim e Sophia na jangada no lago lá atrás, mas eu acho que ela não será muito útil para nós contra ele.

Catherine olhou para Sophia, que disse:

— Eu dei essa faca pro Jack pra que ele pudesse se defender dos podres, mãe. — E como se sua mãe não fosse entender quem eram os tais podres, ela acrescentou: — Dos afogados maus.

Catherine sorriu e acariciou o cabelo dela.

— Você fez bem em fazer isso, querida. — E voltando-se para Jack, séria: — Talvez eu tenha as respostas que você precisa. Ou pelo menos quase todas elas. E é quase certo que essa faca não será de grande ajuda para lidar com nosso inimigo. — Ela fez uma pausa. Jack esperou em silêncio pelo que mais ela ia dizer. — Você é nossa maior esperança porque você não é nenhum de nós. Você não está como nós estamos. Você está *vivo*. E somente alguém vivo pode derrotar o Afogador. Pelo menos nós, os afogados, acreditamos que sim. Nenhum afogado pode. Nenhuma pessoa morta pode. Apenas alguém que esteja vivo.

— E por que isso? — O cenho de Jack estava franzido outra vez. — Por que vocês não poderiam derrotá-lo?

— Porque é muito difícil atacá-lo aqui, e é preciso atravessar dois portais para chegar ao covil dele. Nós já o vimos atravessar o primeiro portal. E nós não somos capazes de atravessá-los.

Jack não captava muita lógica na explicação dela. Então perguntou:

— Mas se vocês não conseguem atravessar nem um portal, como vocês sabem que existem dois?

— Nós sabemos porque outra pessoa viva como você, uma jovem mulher, veio parar neste mundo muito tempo atrás em busca de seu namorado, que foi trazido para cá pelo Afogador após ele ter sido pego na frente dela em algum lago. Eu e mais alguns afogados a levamos até o local onde fica o portal. Ela já estava procurando por seu namorado aqui havia dias, e pensamos que as chances de ele ter sido levado para o covil do Afogador eram grandes. Como nós já tínhamos tentado atravessar o portal algumas vezes e nunca conseguimos, nós pedimos para que ela tentasse. E foi assim que finalmente alguém conseguiu. Ela voltou para nos contar o que tinha visto do outro lado dele, e nos disse que havia outro portal, só que um bem maior, e no chão, ao invés de um em pé. Nós desejamos sorte a ela, e ela partiu rumo a esse segundo portal. Infelizmente, ela nunca mais voltou, e desde então nós chamamos esse portal de “O Abismo”.

— Então quer dizer que eu terei que ir até o primeiro portal com vocês e terei que seguir meu caminho sozinho depois que atravessá-lo? Eu vou ter que

basicamente “mergulhar” nesse tal de “O Abismo”, que na realidade ninguém sabe ao certo aonde leva, correndo o risco de nunca mais voltar e também de nunca mais ver a minha filha?

— Sim, Jack — Catherine anuiu.

Uma raiva súbita de Catherine começou a efervescer de novo dentro de Jack, mas ele cerrou os dentes e a reprimiu.

— Você acha mesmo que Emily pode estar lá? O que o Afogador pode querer com minha filha? E por que ele aparentemente poupou a vida dela? Por favor, seja sincera comigo. Mais sincera do que você jamais foi.

— Eu realmente não sei o que ele quer com sua filha, e também não sei dizer por qual motivo ele a poupou. Mas se o Afogador levou ela para algum lugar, e tudo indica que sim, só pode ter sido para lá.

— Certo. E se lá for realmente o covil dele, você tem alguma ideia do que eu posso tentar fazer para matá-lo?

Os olhos mortiços de Catherine o fitaram com lamentação. A chama da tocha dançou neles por um instante.

— Eu gostaria de ter, mas não.

Jack inspirou fundo o ar gélido da caverna e o soltou de seus pulmões. Uma ardência suportável o incomodou ao dar de ombros e dizer:

— Bem, eu já cheguei até aqui mesmo, e não é como se eu tivesse muito mais a perder. Me leve até o portal *agora*, Catherine. Você me deve isso, e você sabe.

— Sim, eu sei.

Ele se virou fazendo menção de retornar para sair da caverna, mas uma nova punhalada de dor em seu ombro ferido o paralisou. Agachou-se apoiando um dos joelhos de sua calça no chão e pousou a mão que estava livre sobre o ponto de origem da dor, os dentes trincados, sangue manchando seus dedos com um preocupante tom vermelho-vivo que o fazia relembrar-se da necessidade de cuidar-se. Algo importante que Catherine havia lhe dito que talvez poderia fazer por ele quando chegassem àquela caverna foi resgatado em sua mente.

— Jack! — Sophia correu, parando ao lado dele. Catherine também se aproximou e se agachou.

— Não se preocupe, Sophia — ele disse com uma pequena careta. — Eu estou bem. — E pensou: *Talvez não tanto quanto eu gostaria, na verdade, mas acho que consigo suportar. E acho que vou ficar legal se sua mãe puder me dar uma forcinha.*

Ele virou o rosto para a mãe dela.

— Catherine, você me disse que achava que poderia aliviar a minha dor aqui na sua caverna.

— Sim, eu acho que sim.

— Como?

Ela pegou uma das frutas azuis brilhantes no chão e a ofereceu para ele.

— Com isto.

Jack encarou a fruta com desconfiança.

— Essa fruta vai tirar a minha dor?

— Deve tirar. Ou amenizá-la bastante, pelo menos. Vamos, coma. Não precisa ficar receoso. Este é o único alimento que há neste mundo, e ele possui certas propriedades medicinais. Outros vivos já comeram dele. Prometo que não te fará mal.

Você garantiu que nada de ruim aconteceria com Emily, e veja no que deu, pensou Jack.

Ele se perguntou se esses outros vivos que ela mencionou tinham por acaso tentado ajudá-la antes dele, se por acaso tinham atravessado os portais que ele em breve atravessaria em busca de sua filha e da libertação dos afogados que estavam presos naquele lugar e se eles nunca haviam retornado. Considerou perguntar a ela sobre eles, mas será que o final que eles tiveram realmente importava? Ele decidiu que talvez não, que o que importava era o presente e que, independentemente do que tivesse ocorrido àqueles que já tinham arriscado suas vidas no Abismo, o provável reduto do Afogador, ele iria em frente com o que precisava ser feito, pois a salvação de sua filha e de muitos outros estava em suas mãos.

Ele aceitou desconfiado a fruta que Catherine lhe oferecera, sentou-se e começou a comê-la. O gosto era bom. Bastante adocicado. Parecia uma mistura dos sabores de uma pera e de uma maçã. O efeito atenuante de dor, bem como o efeito de saciar um pouco da fome, começou a ser sentido por Jack imediatamente após terminá-la. Ele reparou que o sangramento em seu ombro parara, e indagou Catherine se aquela fruta bonita, mas esquisita e misteriosa, era alguma espécie de fruta milagrosa.

— Às vezes, elas parecem ser — ela disse.

Jack voltou a ficar de pé e descobriu que se sentia ótimo. Ele agradeceu à Catherine e pediu novamente que ela o guiasse até o primeiro dos portais que o levariam para confrontar a criatura maligna chamada Afogador, pois estava pronto para sua próxima missão. Catherine informou a ele que a caminhada rumo ao local duraria cerca de meia hora, mas não tinha problema para Jack; o importante era que partissem logo.

Sem mais delongas, Catherine passou à frente dele e eles saíram da caverna. Lá fora, diante da entrada, ela tomou o cuidado de apagar sua tocha para não atrair afogados maus para eles e de deixá-la em um canto onde mais tarde, quem sabe, eles poderiam reutilizá-la.

Eles se afastaram do que fora o solitário lar de Catherine por tantos e tantos anos e embrenharam-se na floresta escura outra vez.

Capítulo 16

Durante os breves instantes em que a consciência de Emily foi retomada e seus olhos se abriram para o mundo, ou para algum lugar sinistro que fazia parte dele, ela sentiu-se quase como uma pássaro a toda velocidade flutuando sobre chão. Só que ela não tinha asas; o que a fazia voar eram dezenas de pequenas mãos que a seguravam, dotadas de uma firmeza impressionante e das quais ela não conseguiria escapar nem se estivesse com o domínio pleno de suas faculdades físicas e mentais. Ela tentou registrar o que ficava para trás, mas seu raptor estava indo rápido demais, e nos primeiros segundos pós-inconsciência dela o mundo não passara de um emaranhado de formas pretas e desconexas que não tinham significado algum. Ela sentia um gelo aflitivo em sua barriga, seu coração batendo forte no peito, uma vontade de gritar para seu raptor parar e colocá-la no chão. Seus cabelos castanho-claros voavam ao vento, e seus olhos piscavam em reflexo, querendo se manter abertos para identificarem sua localização.

Depois de cerca de um minuto de percepções confusas, as formas escuras e irreconhecíveis ao redor dela começaram a entrar em foco, e Emily percebeu que estava sendo levada por uma trilha fracamente iluminada pela luz da lua em uma floresta. Que floresta era aquela? Ela forçou um pouco a memória e lembrou da floresta da casa do lago, na qual ela tinha ido passear com seu pai. Mas onde *ele* estava? E por que ela estava sendo carregada por seja lá o que fosse que a carregava? Para onde estava sendo levada?

Emily forçou um pouquinho mais sua memória, e começou a se lembrar de tudo.

Com as memórias recompostas e observando uma infinidade de árvores e galhos e folhas e gravetos secos ficando para trás, Emily tornou a se sentir tentada a encarar o monstro, assim como fizera na escuridão da caverna. Ela resistiu por um tempo, apenas por alguns segundos, nos quais tentou pensar em seu pai, que ele estava indo salvá-la, em sua mãe, que também poderia aparecer a qualquer hora para ajudá-la, ela sabia, e em sua boneca de pano Lily.

Quando a resistência de Emily falhou e ela se viu olhando novamente para aqueles olhos grandes e vermelhos, ela sentiu seu autocontrole escapar e o medo puro dominá-la outra vez. Ela não queria que seus sentidos se desligassem como antes, que sua consciência se esvaísse e ela resvasse para a escuridão vazia e dormente. Ela queria ficar acordada, queria ser mais forte que seu medo, queria lutar contra ele e contra aquele monstro.

Mas seu medo a venceu.

Emily sentiu seus olhos se fechando e o mundo indo embora, indo embora com muita rapidez.

E tudo tornou a ficar preto e mudo para ela.

Capítulo 17

A lua cheia no céu oferecia um pouco de alento para Jack, Catherine e Sophia enquanto eles seguiam até o portal que deveria levar Jack para o covil do Afogador. Ela lançava uma luz pálida e leve sobre a floresta, que continuava bastante fria e, como de costume desde que Jack tinha chegado àquele mundo diferente, tomada por uma névoa branca e fina. Não se podia enxergar direito o que havia ao longe, em qualquer direção, mas eles já haviam caminhado por cerca de dez minutos e não captaram nenhum sinal de perigo. Sophia e Catherine iam lado a lado novamente, conversando de vez em quando. Jack as acompanhava bem de perto, só que um pouco para trás.

A certa altura do trajeto, uma dúvida lhe veio à mente, e ele quis fazer uma pergunta para suas companheiras.

— Catherine, Sophia, posso fazer uma pergunta pra vocês? Pode ser que seja algo bobo, mas é que eu nunca imaginei que conheceria pessoas que não estão mais vivas, quero dizer, não como antes, pelo menos, e...

— É claro, Jack — disse Catherine. — Pode perguntar.

— Vocês não deveriam estar em forma de espíritos ou algo assim? Não deveriam poder atravessar objetos e paredes, por exemplo? Vocês sabem, coisas desse tipo?

— Não é bem assim que as coisas funcionam com a gente — Catherine começou a explicar. — Comigo, pelo menos. Aqui neste mundo, nós, os afogados, realmente não somos assim, e não podemos fazer nada disso. — Ela olhou para Sophia. — E você, querida?

— Eu também não, mãe.

— E vocês acham que vai ser diferente quando estiverem juntas fora daqui, no lugar pra onde os mortos vão para passarem toda a eternidade?

— Eu não sei — Catherine respondeu.

Sophia comentou:

— Se a gente pudesse atravessar paredes seria bem legal. Você não acha, mãe?

Catherine pensou a respeito e concordou sorrindo.

— É. Eu acho que sim.

O cheiro ruim que emanava não só de Catherine, mas de todos os afogados que Jack tinha encontrado até então, assim como a aparência apodrecida deles e a aparência das casinhas e da cabana que ficaram lá atrás, também eram outros mistérios para ele. Perguntou sobre isso para ela, tentando entender o motivo pelo

qual tudo ali no Outro Lado estava apodrecendo e por que aquele cheiro desagradável estava sempre pairando no ar.

— Isso eu também não sei explicar — disse Catherine. — E para ser sincera, já faz tanto tempo que estou presa aqui que eu nem percebo mais esses detalhes. Há muito eles não me incomodam. Mas eu adoraria recuperar minha aparência de antes... — Ela fez uma pausa. — E meu cheiro normal de antes...

Se fosse eu no seu lugar, também desejaria isso de volta, Jack pensou, solidarizando-se um pouco com ela.

Catherine continuou:

— Eu acho que a própria atmosfera deste lugar transforma quem ou o que quer que fique aqui por muito tempo. Talvez haja alguma coisa nela que não podemos ver. Provavelmente há.

— O que quer dizer que, se uma pessoa entrar aqui, é bom ela sair o quanto antes — disse Sophia. — Não é mesmo, mãe? Por isso eu nunca fui afetada; porque sempre que vim te procurar, eu tomei cuidado e não demorei muito para ir embora.

— É isso mesmo, querida. Você foi uma menina muito inteligente. E sei que continuará sendo, independentemente do que vier a acontecer com a gente daqui pra frente.

— Obrigada, mãe — Sophia sorriu, e Catherine retribuiu seu sorriso fazendo um carinho breve em seus cabelos.

Eles caminharam mais quietos nos minutos seguintes pela floresta, Jack cem por cento consciente agora de que não seria bom para ele e para Sophia permanecerem por tempo demais naquele mundo se não quisessem que seus corpos também comesçassem a mudar — ainda que muito lentamente — para algo feio e indiscutivelmente asqueroso, e voltaram a ouvir o familiar som dos afogados indicando a presença deles pelas redondezas.

Jack firmou o aperto de sua mão sobre o cabo da faca, preparando-se para possíveis novos conflitos que poderiam pintar... e pintaram, menos de um minuto depois.

Quatro afogados maus surgiram das sombras da floresta, e correram para cima de Jack, Sophia e Catherine. Elas se encarregaram de distrair três deles enquanto Jack dava cabo de um que fora com os braços esticados em sua direção. Depois de eliminá-lo, ele partiu para cima dos restantes, que perseguiam Catherine e Sophia. Elas faziam eles correrem atrás delas em grandes círculos, sempre atentas às árvores no caminho, uma estratégia de Sophia para evitar que atacassem Jack enquanto ele se ocupava com o que jazia agora morto no chão. Jack alcançou o primeiro dos dois que perseguiam Catherine e usou sua faca para dar um fim também a ele, depois a usou de novo no segundo. Catherine então pegou o que

corria atrás de sua filha e o segurou pelos braços para que Jack, com uma facada certeira em seu peito, o silenciasse. Sophia parou de correr, novamente sem nenhum sinal de cansaço, e retornou para perto dele e de sua mãe ao ver que o local se encontrava temporariamente mais seguro outra vez.

Jack falou, olhando para a faca suja com o sangue de piche (uma gota pequena caiu da ponta da lâmina para o chão) e depois para os corpos sem vida dos afogados:

— Caramba, eles bem que poderiam deixar a gente em paz. Eu detesto ter que fazer isso sabendo o porquê de eles estarem desse jeito.

— Eu também me sinto mal com isso — disse Catherine, também observando com pesar os afogados mortos. — Mas é quase certo que nossa única opção era essa. Se a gente despistasse eles, poderíamos ser encontrados de novo e eles poderiam nos atrapalhar, ou melhor, *te* atrapalhar, a usar o portal. Eu acho que fizemos a coisa certa. Fizemos o que tinha que ser feito.

— Eu espero que sim.

Catherine voltou-se para Sophia e lhe perguntou, como todas as mães preocupadas com seus filhos perguntavam:

— Você está bem, querida?

— Sim, mãe. Eu sei me cuidar contra os podres. Aprendi sozinha nas vezes que vim procurar por você neste lugar. — Sophia falava orgulhosa de seu feito, e Jack já tinha comprovado que era a mais pura verdade.

Catherine sorriu.

— Que bom que você aprendeu a se cuidar. Fico mais tranquila em saber disso.

— Catherine? — Era Jack. Ela olhou para ele.

— O que foi?

— Os outros afogados como você, os bons, os que ainda são racionais... a gente não os encontrou ainda. Nenhum deles.

— Eles estão vivendo por aí. Da melhor e mais segura maneira que podem. E não são muitos, infelizmente. A maioria sucumbiu a este lugar.

— Eu entendo. Mas o que eu não entendo é *como* todos eles ficarão sabendo que o Afogador não existe mais, *quando* e *se* eu conseguir matá-lo. A gente não teria que avisá-los de alguma maneira? Para que eles não continuem pensando que permanecem presos aqui?

— Eles vão saber, confie em mim. A maior parte deles, pelo menos. Eles não ouvirão mais os rugidos do Afogador, nem os vendavais que às vezes ele provoca, e entenderão que alguma coisa aconteceu com ele, e certamente tentarão fugir pelos lagos onde foram afogados e conseqüentemente aprisionados. E enfim serão capazes de sair, de ir embora para sempre deste mundo amaldiçoado.

— Mas e se alguns jamais saírem? — Jack a questionou. — A gente não sabe qual é o tamanho deste mundo... — E então, uma possibilidade inédita e simultaneamente terrível ocorreu a ele: — E se houver *dois* Afogadores? Ou três ou quatro ou cinco... ou *dezenas* deles espalhados por aí?

Catherine deu de ombros e respondeu:

— Bem, eu nunca *vi* outro Afogador e não posso afirmar com certeza absoluta que outros não existem, mas pelo menos ajudaremos alguns afogados, uma boa quantidade deles, creio eu, a escaparem daqui. E nós também escaparemos, e com as pessoas de nossas famílias que mais amamos, o que é o mais importante.

Jack concordava; para ele, a família vinha sempre em primeiro lugar, e ele estava ali principalmente por causa de Emily.

— Você tem razão — disse ele, e se abaixou para limpar a faca no chão. Aproximou-se de Catherine e Sophia em seguida, parando ao lado delas. — É melhor continuarmos, pois há muitas pessoas dependendo da gente, e se tem uma coisa que eu já aprendi sobre esses afogados é que os sons que eles emitem atraem mais deles se estiverem por perto. E eu não quero ter que enfrentá-los de novo.

— Nem eu — disse Sophia.

Catherine balançou a cabeça para Jack, concordando, e os três seguiram adiante rumo ao portal, com Catherine na liderança de mãos dadas com sua filha.

Capítulo 18

O portal era uma estrutura ovalizada, grande e de pedra, em pé e contendo um tenebroso vórtice negro que girava vagarosamente com altura e largura suficientes para o Afogador passar por ele. Despontava solitário além da floresta, cujo final estava próximo. Sophia apontou para ele e anunciou:

— Mãe! Jack! Vejam, o portal!

— Estamos vendo, querida — disse Catherine, e Sophia correu. — Espera! Não corra!

Isso fez Jack se lembrar de quando chegara com Emily à propriedade da casa do lago e ela saíra correndo do carro para ver o lago de perto. Ele se preocupara que ela caísse e se machucasse, ou que caísse no lago, e ficara nervoso, e identificava-se com Catherine aflita com Sophia agora. Mesmo depois de morta, o instinto maternal dela continuava lá, vivo, forte e atuando, e Jack achou isso bonito de se ver.

Ele correu com Catherine e eles passaram pela última fileira de pinheiros. O ambiente abriu-se em uma gigantesca área plana com um vasto gramado e a névoa branca que se espalhava livremente por todas as direções, esta tornando-se mais tênue do que na floresta e possibilitando enxergar melhor ao longe. A luz pálida da lua cheia banhava o local, e Jack só identificava três opções possíveis a serem seguidas ali: tentar atravessar o portal e ir (se Catherine estivesse certa) para o tal de Abismo; voltar para a floresta; ou seguir para as montanhas escuras que se erguiam no horizonte, o que não parecia atraente e não teria finalidade alguma para eles, até onde Jack sabia. Retornar para a floresta também estava fora de questão no momento, já que também segundo Catherine, Emily não estava lá. Só sobrava de útil, então, o portal.

Alcançaram Sophia, que tinha parado a uns três metros dele e o observava, curiosa.

— Nossa! Eu nunca vi isso nas vezes que vim procurar por você, mãe. Esse portal sempre esteve aqui?

— Sim, meu amor — disse Catherine. — Ele sempre esteve aqui.

— Ah... Eu acho que não vi ele porque nunca me afastei tanto da minha saída deste mundo. Eu tinha medo de que acontecesse alguma coisa ruim e que eu nunca mais conseguisse voltar pro mundo normal.

— Você fez bem em não ir muito longe. — Catherine pousou as mãos sobre os ombros de Sophia, também fitando o portal. — Há muitos perigos aqui, e por mais que você seja uma garota esperta, não é bom se meter com eles.

Jack, que estava um passo para trás e ao lado delas, deu três passos adiante, aproximando-se mais do portal. O vórtice negro na estrutura ovalizada, que emitia um zumbido fraco e contínuo, agitou-se e começou a girar mais rapidamente. O zumbido aumentou e se tornou um som estranho que parecia subir e descer, subir e descer, semelhante ao de uma brisa chegando ali e indo embora repetidas vezes, só que não havia brisa alguma.

— É impressão minha ou ele está reagindo à minha presença? — perguntou, voltando-se para Catherine.

— Ele está, sim, reagindo à sua presença. Como eu expliquei antes pra você, somente pessoas que ainda estão vivas são capazes de atravessá-lo, além do Afogador. Se você chegar ainda mais perto dele, ele ficará ainda mais agitado.

Jack deu mais dois passos à frente para experimentar. O vórtice negro tornou a agitar-se e seus giros ficaram ainda mais rápidos. O som esquisito que lembrava o de uma brisa chegando ali e indo embora repetidas vezes intensificou-se.

— Tenho que admitir que estou com um pouco de medo dessa coisa — disse Jack. Ele olhou para Catherine e Sophia, que o fitavam silenciosas. — Catherine, você não quer tentar? Quem sabe desta vez você consiga atravessá-lo?

Catherine balançou a cabeça em negação.

— Se eu ou Sophia tentarmos, sairemos atrás dele. Tenho certeza disso.

Jack tornou a encarar o portal, que parecia convidá-lo a adentrar nele. Gostaria de dizer *Não, obrigado*, mas não podia. Ele mordeu o lábio inferior e assentiu.

— Tudo bem. Certo. — Virou-se para Catherine e Sophia novamente e falou, primeiro aceitando de vez que estaria por conta própria a partir do instante em que atravessasse o portal e depois com uma ferrenha determinação: — Então não vai ter outro jeito mesmo. É melhor eu ir em frente e acabar logo com isto.

— Sim, Jack — Catherine concordou também com voz firme.

Sophia também balançou a cabeça, deixando claro que o apoiava e que torcia para que ele derrotasse o Afogador e salvasse a todos. Ele se aproximou dela, fitou-a com um olhar simpático, colocou a mão livre sobre seu ombro e sorriu sem mostrar os dentes, porém um sorriso que também era simpático. Por fim, disse:

— Sophia, se por algum motivo eu não voltar, se a gente não se vir mais, eu quero que saiba que foi legal conhecer você. Você é uma boa menina, e eu fico feliz por ter te acompanhado até aqui e ter presenciado você reencontrar sua mãe. Eu espero ter êxito no que terei que fazer em breve, mas se eu não tiver, deixo meu desejo de que você, sua mãe e todos os afogados que estão presos neste mundo consigam encontrar uma outra maneira de se libertarem daqui de uma vez por todas. Você me promete que, independentemente do que vier a acontecer comigo lá

no Abismo, continuará sendo uma boa menina e que será sempre obediente à sua mãe?

Lágrimas se formaram nos olhos de Sophia conforme Jack lhe dizia aquelas palavras. Quando ela respondeu a ele, uma lágrima solitária escapou e rolou devagar por seu rosto, deixando uma trilha molhada no pequeno trajeto que percorrera, e caiu no chão.

— Eu prometo. — Sophia assentiu, e sua voz saiu emocionada por um instante. — Mas não diga que você não vai voltar e que a gente não vai se ver mais. Porque eu sei que você vai conseguir, e que você vai voltar com a Emily, e que a gente vai sair daqui junto.

Jack aumentou seu sorriso, agora sim mostrando os dentes.

— Eu gosto do seu otimismo. E quer saber? Você tá certa. Eu vou voltar com minha filha, e então iremos embora pros nossos lugares, pra onde devemos ficar. — Ele deu dois tapinhas no ombro dela e o apertou de leve, e ela sorriu para ele. Jack apreciou vê-la sorrir antes de partir.

Ele olhou para Catherine.

— Obrigado pelas coisas que você fez por mim. Por ter me protegido pra que eu não me afogasse lá no lago, quando eu e Sophia estávamos sendo atacados pelo Afogador, e também por ter me secado depois. Sem dúvida eu estaria morrendo de frio agora, e poderia ficar doente muito em breve, o que seria péssimo. E obrigado também por ter aliviado a dor no meu ombro. Aquelas frutas azuis brilhantes podem ser esquisitas, mas não são nada ruins.

— Foi bom tê-lo ajudado. — A voz dela virou algo parecido com um murmúrio. — E me perdoe por ter perdido a Emily... Não era pra ter sido assim.

Não, não era, e Jack não tinha mudado de opinião sobre a maneira como Catherine decidira manter Emily em sua caverna, presa em uma jaula. Ele não tinha gostado daquilo e continuava não gostando, porém eram águas passadas, e não resolveria nada trazer seu descontentamento à tona novamente.

— Eu *vou* encontrá-la — disse, resolutos —, e *vou* recuperá-la. Nem que eu tenha que ir até o Inferno pra isso.

— Sei que vai.

Ele se voltou para o portal e parou a menos de um metro dele. O vórtice negro girava com muita rapidez, e o som que ele gerava ficou mais alto do que antes.

— Bem, chegou a hora. Nossos caminhos se separam por aqui, pelo menos por enquanto. Me desejem sorte, ok? Acho que vou precisar.

— Jack, espere!

Era Sophia. Ela foi até ele e entregou-lhe Lily.

— Leva ela com você. Eu acho que a Emily vai ficar muito feliz quando tiver sua boneca de volta. Eu ficaria.

Jack sorriu outra vez para ela e pegou a boneca.

— Obrigado. Ela vai ficar muito feliz, tenho certeza. Vou contar para ela que você cuidou da Lily enquanto a gente a procurava.

Sophia anuiu, animada, e voltou a ficar ao lado de sua mãe.

— Agora eu só preciso amarrar Lily em mim de um jeito que não me atrapalhe.

Jack prendeu a boneca no passante de sua calça jeans, amarrando-a com dois nós usando as marias-chiquinhas dela.

— Pronto. — Ele virou o rosto para elas. Catherine e Sophia assentiram, um gesto que dizia *Vá, Jack, torcemos por você!* Ele assentiu de volta e, tornando a olhar para o portal, esticou seu braço livre e se aproximou dele devagar e cautelosamente, enfim tocando o vórtice negro. A superfície tremeu e ondulou, e Jack sentiu sua mão e seu pulso esquerdos serem envolvidos por uma substância que lembrava gelatina, só que muito mais mole, quase líquida ao invés de plasmática, e que era muito fria. Não houve qualquer outra sensação a não ser essa.

Ele inspirou fundo e, sem hesitar, foi em frente.

Capítulo 19

Jack se viu em um lugar completamente distinto do mundo anterior, o que não significava que tinha ido parar em outro mundo, ele sabia, mas que lhe causava essa sensação mesmo assim. Parado no novo ambiente, com o portal atrás de si agitado por estar próximo dele, observou o cenário à sua frente antes de dar seus primeiros passos para procurar pelo segundo portal que Catherine dissera existir.

Ele estava agora em um corredor comprido e com teto alto, largo o suficiente para uma criatura como o Afogador passar por ali, em uma espécie de ruínas. *Talvez este seja um lugar subterrâneo.* Ele não sabia se ainda era noite, pois não havia como ver, mas achava que devia ser. Ele também não sabia se portais alteravam algo no tempo e no espaço, mas não duvidava que coisas assim poderiam — naquela realidade, fosse ela qual fosse — acontecer. Não mais, depois de ter visto tantas coisas que ele jamais imaginara um dia ver, que ele jamais imaginara que pudessem ser possíveis. Ele viu dois suportes presos nas paredes no final do corredor, um de cada lado, nos quais tremulavam suavemente chamas azuis semelhantes à cor da fruta estranha que ele comera na caverna de Catherine. Jack deduziu que se tratavam de tochas, mas de um tipo igualmente estranho que ele nunca tinha visto. Elas clareavam um pouco o corredor, e permitiam enxergar alguns metros após elas o contorno de uma passagem em arco que devia dar ou para outro corredor, ou para uma sala ou câmara, ou para algum recinto desse tipo. Estava escuro lá, e Jack não era capaz de enxergar além do arco de onde estava. Começou a caminhar e se perguntou como as chamas daquelas tochas não tinham se apagado supondo que o Afogador de fato passasse por ali.

Pode ser que ele passe devagar por este caminho, ponderou, e que ele não produza aquele vendaval quando não quer. Talvez aquele vendaval seja uma espécie de poder que ele tem e que controla a seu gosto, uma arma muito útil para situações em que precisa atacar e ao mesmo tempo um mecanismo de defesa bastante eficiente quando precisa se defender. Isso explicaria por que essas tochas estão intactas aqui, o que é sem dúvida algo bom pra mim.

Bom mesmo, pois Jack estaria na mais completa escuridão se aquelas fontes de luz não estivessem ali, a não ser que ele desse a sorte de encontrar uma lanterna funcionando, e nem era preciso vasculhar muito bem o ambiente para constatar que de jeito nenhum haveria um objeto como esse esperando por alguém que se tornasse seu novo dono.

Ele continuou andando e, conforme se aproximava da passagem em arco, as formas e o conteúdo do próximo ambiente foram se tornando mais visíveis em seu campo de visão. Era outro corredor, e quase igual ao que ele acabara de percorrer,

só que com uma extensão mais longa. Jack o adentrou e pôde ver que havia mais uma passagem em arco no final dele, só que as chamas que possibilitavam notar isso — provavelmente do mesmo tipo de tocha do corredor anterior — vinham de *dentro* do próximo local, e não desse corredor pelo qual ele passava agora. O próximo local estava, sem dúvida, melhor iluminado do que os corredores que o antecederiam.

Quando Jack se aproximou da nova passagem em arco, ele avistou o que estava procurando: o segundo portal, aquele que Catherine dissera que estaria de forma horizontal, no chão, e ela estava correta quanto a essa informação. A suposta entrada para o Abismo, o lar do Afogador, era um grande vórtice negro que lembrava um lago bem sinistro, só que um lago estranhamente vivo, que transmitia uma sensação de grande incômodo mesmo à distância, um horripilante frio na espinha. Jack passou pelo arco e chegou ao local que, também segundo Catherine, outras pessoas vivas como ele já tinham entrado, e do qual nunca haviam retornado. *Como a jovem mulher que veio até aqui para salvar seu namorado*, lembrou, torcendo para que não acabasse tendo o mesmo final que ela. Parou a cerca de três metros do portal, em um ponto onde se sentia relativamente seguro, vendo as chamas azuis das tochas ao redor reluzirem nele, e observou ao redor antes de mergulhar.

O local era bastante amplo, um salão quadrado em vez de um corredor, e não havia nenhuma saída nele. O teto tinha a mesma altura que os corredores que o antecederiam, e quatro tochas podiam ser vistas solitárias uma em cada parede. A temperatura ali estava baixa, como desde que Jack chegara ao Outro Lado, talvez até um pouco mais, e ele sentia seu corpo tremer levemente. Tornando a fixar o portal, deu seus últimos passos antes de dar seu mergulho — acreditava ele — derradeiro.

O vórtice negro, a exemplo do primeiro portal que ele atravessara, agitou-se como uma enorme entidade consciente, tremeu e ondulou, depois passou rapidamente a oscilar com muita força, a girar com muita força, e a roupa e o cabelo de Jack sacudiram com o vento que esse movimento produzia. O zumbido calmo que o vórtice emitia antes da total aproximação dele se transformou em uma onda sonora potente que seria ininterrupta — Jack tinha certeza disso — até que se afastasse daquela coisa louca ou se jogasse em seu interior.

Sem mais nem um segundo a perder, incentivado pela urgência de resgatar sua filha que talvez estivesse correndo perigo em algum lugar após aquele portal, ele abriu os braços esticando-os para os lados e fechou os olhos, reunindo coragem dentro de si para fazer o que tinha que ser feito, lembrando de tudo que estava em jogo, de tudo que estava em suas mãos.

Ele pensou em Catherine e Sophia, viu elas assentindo de novo para ele quando estava prestes a entrar no primeiro portal, e assentiu para si mesmo em resposta a essa lembrança.

Inspirou profundamente, estufando o peito, mais profundamente do que jamais inspirara, sentindo o coração pular, e inclinou-se para a frente o suficiente para que o peso de seu corpo fizesse o resto.

Capítulo 20

A queda parecia com as quedas de sonho que Jack tivera algumas vezes na vida — agonizante e quase interminável, daquelas das quais ele acordava abruptamente com um sobressalto.

Ele abriu os olhos após passar pelo portal e, enquanto caía, viu que tudo estava preto à sua volta. Mas, como as diversas outras coisas estranhas que ele vira desde que deixara o mundo normal para trás, essa escuridão que o cercava não estava exatamente escura; havia uma claridade natural nela, pois Jack podia enxergar se mantivesse os olhos abertos. Se os fechasse, ele testou para verificar, não era capaz de ver nada, como esperado. Ele os manteve abertos, e sentiu o vento frio açoitá-lo principalmente seu rosto conforme afundava-se em queda livre em direção a um solo que se revelava pouco a pouco lá embaixo.

Suas entranhas contorciam-se como um emaranhado de serpentes gélidas e alvoroçadas em seu ventre, e um pensamento catastrófico passou por sua cabeça: e se seu corpo todo se quebrasse ao final da queda, quando o momento do impacto com o solo chegasse? Ele ficaria completamente arruinado lá no chão, sozinho, e teria uma morte longa, lamentável e horrível. Isso se não morresse direto no momento do impacto, o que seria mais provável acontecer. Teria a jovem que se arriscou por aquele caminho para resgatar seu namorado morrido de alguma dessas maneiras? Estaria o corpo dela apodrecendo — ou já todo apodrecido — em algum lugar lá embaixo? Bem... talvez esse fosse o preço que ele pagaria por ter adentrado cada vez mais toda aquela loucura. Ou será que ele seria surpreendido positivamente por outro evento milagroso, assim como fora quando perseguira Catherine e Emily até o fundo do lago e ele temera que tanto ele como sua filha não resistiriam embaixo d'água e se afogariam? Eles não tinham se afogado, e talvez houvesse alguma esperança de que o pior fosse evitado para ele outra vez. Jack se agarrou a essa pequena esperança e ficou à espera do momento decisivo, sem nada poder fazer para escapar dele.

Finalmente, o solo lá embaixo começou a ficar mais e mais claro, e Jack percebeu, conforme sua aproximação dele avançava em uma velocidade muito grande, que não se tratava bem de um solo, que, na verdade, não se tratava de solo algum, mas de algo líquido, um líquido escarlate que formava uma piscina vasta e horrenda na qual ele afundaria. *Sangue*, pensou imediatamente com asco ao dar-se conta disso. *É uma piscina de sangue que me espera lá embaixo*. Era nojento, sem dúvida que sim, e ele ficaria encharcado com algo muitíssimo pior do que a água do lago com a qual ficara antes, além de não poder contar com Catherine e a habilidade esquisita, porém ótima, que ela possuía para secá-lo. Mas como sempre

era bom tentar olhar o lado positivo de cada situação, pelo menos ele passara a ter uma chance muito maior de sobreviver. Ele fechou os olhos e os cobriu com a palma da mão que não estava ocupada com a faca para protegê-los do impacto grotesco, e prendeu o máximo de ar em seus pulmões.

Splash!

Jack afundou na piscina de sangue, esforçando-se para não descobrir seus olhos e permitir que o líquido vital de sabia-se lá quem ou o que os invadissem. Funcionou por poucos segundos, até que seus braços entraram em ação para levá-lo até a superfície e procurar uma saída. Ele chegou à superfície e, com um alívio imenso, voltou a respirar. Tentou observar ao redor, mas o sangue em sua vista atrapalhava. Jack teve que usar os dedos para retirá-lo. Olhou a área, agora com a visão quase restaurada, e conseguiu determinar a direção em que havia um caminho. Viu um corredor estreito, rochoso e escuro, mas novamente a escuridão não era completa. A mesma claridade incompreensível que houvera durante toda sua queda também havia naquele corredor, e não deveria ser um problema enxergar ao andar por ele. Jack movimentou-se a fim de alcançar a borda daquela piscina e deixá-la, esperava ele, eternamente para trás. Alcançou a borda rochosa não muitas braçadas e pernadas depois, que não era alta, e subiu sem dificuldade por ela.

De pé no novo corredor, comprovou que de fato podia enxergar nele, o que era bom. Como não era hora de tentar entender como isso era possível, e mesmo que ele tentasse era provável que não chegaria à resposta, deu seus primeiros passos para a frente, mas estacou ao identificar membros de corpos humanos espalhados pelo caminho. Braços, pernas, dedos avulsos, pés, mãos... e cabeças de homens e mulheres. Pelo menos não havia membros de crianças ali, o que ele achava que não suportaria, mas nada impedia que tivesse mais adiante, e por tudo que havia de mais sagrado, que não fossem os de Emily! Havia também um cheiro horrível no ar, um cheiro de morte, pior que o cheiro de podridão dos afogados que ele tivera de aguentar até adentrar o primeiro portal.

São vítimas do Afogador, ele pensou, o estômago embrulhando numa onda de choque com toda aquela barbárie. Fitou a piscina de sangue envolta por paredes rochosas que subiam inclinadamente até sumir de vista, horrorizado com a certeza de que o líquido vermelho-vivo que o cobria agora era das pessoas inocentes assassinadas pelo monstro. Quantos corpos e pedaços de corpos devia haver lá embaixo, no fundo, onde os olhos não podiam ver? Vários, Jack achava, a julgar pelas evidências. Era triste e revoltante ao mesmo tempo, saber que tantas famílias foram destruídas por uma criatura de outra realidade sedenta por morte e destruição. Ele afastou esses pensamentos, pois precisava se concentrar em Emily. Emily era o que importava.

Seguiu pelo corredor, banhado em sangue e cada vez mais certo de estar em um lugar subterrâneo, incontáveis metros abaixo da superfície.

Agora eu sei como a Carrie se sentia, pensou ele, recordando-se com uma pontada de afeto a quantidade absurda de vezes que havia lido o clássico de Stephen King.

Chegou a uma curva para a direita e percorreu-a, seguindo reto depois por outro corredor com membros humanos pelo chão. Outra curva, agora para a esquerda, apareceu. Jack também a percorreu. Saiu em outra reta, essa bem longa, que culminou em uma bifurcação. Direita ou esquerda, ele tinha que escolher. Jack, de modo geral, não era supersticioso, mas escolheu o caminho da direita. Entrou nele, esperando que o levasse até o Afogador e à sua filha. Só que novas bifurcações surgiram, e Jack pensou que devia estar na merda de um labirinto. Já não bastava todas as dificuldades que havia enfrentado e ainda estava enfrentando, e ele teria que encontrar a maldita saída de um maldito labirinto embaixo da terra? Pensou então que devia ter previsto algo assim. As coisas não seriam fáceis se quisesse destruir o Afogador e salvar Emily e os afogados do Outro Lado que dependiam dele. Não, não seriam.

Seguiu a intuição nas bifurcações que surgiam, algumas delas contendo três caminhos, torcendo para que estivesse escolhendo os certos. O tempo estava passando, e se Emily ainda estivesse viva (*Ela está viva, caramba! Ela está viva!*, ele repetia mentalmente, negando-se a aceitar o contrário), ele precisava chegar até ela o quanto antes.

Serpenteou a passos rápidos pelo ambiente, uma caverna, talvez, por longos e intermináveis minutos. Continuava escuro, sem tochas ou qualquer outra fonte de iluminação, mas seus olhos prosseguiram enxergando a tudo, e ele não tinha o que reclamar sobre isso. Também era um alívio que, conforme ele progredia, os membros humanos pelo chão foram diminuindo em quantidade, até que não houvesse mais nenhum deles para olhar.

Mas um pressentimento assombroso crescia a cada segundo dentro de si, e ele não se deixaria enganar. Algo decisivo se aproximava.

Capítulo 21

Emily abriu os olhos, sem entender onde estava. Lentamente, notou que era um lugar estranho em que nunca estivera antes. Era enorme, muito, muito grande, com um formato redondo, e que tinha um teto alto cujo material que o compunha ela jamais saberia dizer o nome, e era diferente de tudo que ela já tinha visto.

Mas o detalhe principal que mais chamava sua atenção era uma estrutura grande que havia no meio do cenário, uma superfície elevada com alguns degraus nos quatro lados dela, contendo um casulo cor de sangue fechado e conectado ao teto que se expandia e se contraía repetidamente e que parecia poder abrigar alguma coisa também grande. Da conexão desse casulo ao teto saíam algumas tubulações finas também cor de sangue, compostas do mesmo material do casulo, que chegavam a algo extremamente desagradável que a estava incomodando: um tipo de dispositivo de metal inteiriço apertado e preso no chão, que tinha o formato de um corpo humano em pé no qual seu corpo inteiro estava inserido, com exceção de sua cabeça, que era a única parte que ficava fora dele e podia mover-se com bastante liberdade. Emily estava presa outra vez, mas agora em algo muito pior do que uma jaula. As outras tubulações que saíam do casulo que ela via no centro do local davam em outros dispositivos do mesmo tipo que o dela, só que maiores, para adultos, nos quais havia mais pessoas presas. Essas pessoas pareciam estar desacordadas. Ela contou os dispositivos que ficavam ao redor do grande casulo e, apesar de não poder enxergar tão bem os que estavam atrás dele, calculou que eram seis no total.

Havia luz, uma luz azulada que vinha de tochas que Emily também nunca tinha visto espalhadas pela parede circular, que a impedira de apavorar-se ao tentar movimentar seus braços e pernas dentro do dispositivo e perceber que não podia fazer isso muito bem. Ela grunhiu e tentou de novo e de novo e de novo, sem melhores resultados. Olhou ao redor e tentou pensar em algo que pudesse libertá-la, mas não teve nenhuma ideia. Sentiu seus olhos umedecerem, uma vontade crescente de chorar surgindo por dentro. E se lembrou então de como devia ter ido parar ali, no que era sua segunda prisão.

O monstro, a mente dela disse.

Ela controlou a vontade de chorar. Talvez seu pai estivesse indo salvá-la, e ela precisava manter a esperança de que logo ele viria. Talvez a mulher que a prendera na jaula — Catherine, Emily também lembrou o nome dela — tivesse encontrado seu pai, a mulher tinha dito que ia procurá-lo para que ele a ajudasse a encontrar sua filha que estava sem ver havia muito tempo, e talvez eles estivessem a caminho juntos para resgatá-la, pois era provável que eles tivessem ido até a caverna de

Catherine e tivessem visto que ela não estava mais lá. Portanto, Emily não tinha que chorar. Só tinha que ficar calma, e tudo em breve se resolveria. Além do mais, ela tinha rezado para Deus ajudá-la, como seus pais haviam lhe ensinado, e podia ser que a ajuda Dele também estivesse vindo.

Ela observou o ambiente, e viu que havia uma porta dupla bastante larga e alta atrás do casulo diretamente à sua frente. Até onde ela podia ver, parecia ser a única entrada/saída do lugar. Virou o pescoço ao máximo e verificou atrás de si, mas a visão não era perfeita, e não dava para ter certeza se havia outra porta daquela lá ou não.

Tornou a olhar para a frente e para os lados, e focou no dispositivo à sua direita. Um homem muito velho, com cabelos e barba muito longos e brancos e a face enrugada muito magra, os ossos das maçãs do rosto bastante visíveis sob a pele também branca, dormia nele. Ela ameaçou chamá-lo, mas não o fez, e tentou observar os outros adultos.

Havia uma mulher e mais três homens, todos eles com menos idade que o homem velho próximo a ela. Eles também dormiam, ou estavam mortos, e Emily achava que estavam meio longe para tentar contato com eles. Ela viu o casulo medonho se expandir e se contrair, se expandir e se contrair, sentindo um frio na barriga com a certeza de que havia algo vivo lá dentro, talvez o monstro, e voltou-se para o homem muito velho. Resolveu chamá-lo, mas com cuidado para não atrair a coisa no casulo.

— Senhor — ela se lembrou de ser educada —, você tá me ouvindo?

O homem muito velho continuou imóvel, mas Emily insistiu:

— Senhor? Eu preciso falar com alguém. Fala comigo, por favor.

Nenhum movimento.

A vontade de chorar voltou, mas ela segurou as lágrimas de novo.

— Senhor... *por favor*... Eu tô com muito medo... Conversa comigo se você me ouve!

A cabeça dele se mexeu. Só um pouco, mas se mexeu. Ele abriu os olhos, como que saindo de um sono profundo, e olhou na direção de Emily. Seu rosto era o de um homem cansado, abatido.

— Ah, não... — ele murmurou, depois falou um pouco mais alto, mas ainda num tom baixo de voz, uma voz arrastada e completamente desprovida de ânimo: — Pobre garotinha... Você não devia estar aqui.

Emily podia ser só uma criança, mas sabia que a aparência e a voz monótona daquele homem não eram coisas boas.

Ele perguntou:

— Como é o seu nome?

Ela hesitou, lembrando de novo do que seus pais lhe ensinaram sobre conversar com estranhos.

— Você não precisa ter medo de mim — disse o homem. — Eu também estou preso, e mesmo que eu não estivesse eu não lhe faria mal algum.

Emily levou mais alguns segundos para dizer:

— É Emily. E o seu?

— Thomas. — A voz dele estava meio rouca e parecia vir das profundezas de sua garganta. Ele virou o pescoço vagorosamente de um lado para outro, como se estivesse exercitando os músculos que talvez tivessem passado horas parados.

— Onde a gente tá, Thomas? — Emily quis saber.

Ele fez uma careta ao voltar a olhar para ela e respondeu:

— Bem... me desculpe pela palavra que vou usar, pois você é pequena e não deveria ouvir algo tão ruim... mas eu diria que estamos no Inferno.

— No *Inferno*? — Agora foi ela quem fez uma careta, sem compreender. Ela já tinha ouvido aquela palavra, e sabia que era feia. Tinha alguma coisa a ver com a palavra *Céu* e com Deus, só que na verdade era um lugar muito ruim. Era um lugar que não era de Deus, um lugar seus pais tinham lhe dito que ninguém queria estar.

— Isso mesmo — o homem chamado Thomas reafirmou, sério.

— E como você veio parar aqui? Eu acho que eu fui trazida pra cá pelo monstro. Ele é horrível. Ele me pegou e me prendeu aqui. Só pode ter sido ele. — Ela olhou para o casulo bizarro pulsante no centro e voltou a olhar para Thomas. — É ele quem tá lá dentro daquela coisa esquisita, não é? O monstro.

— Ah, sim. É ele, sim. Lamento muito que ele tenha te pegado. Eu também fui pego por ele, mas faz muito tempo. Eu ainda era jovem quando isso aconteceu.

De repente, Emily se apavorou com a ideia de que ela também envelheceria ali como ele. Seus olhos se arregalaram.

— Então eu também vou ficar presa aqui até eu ficar velha?

O homem a fitou por um instante, mas não pareceu se ofender.

— Eu espero que não, garotinha. Emily. Tomara que você possa sair daqui de alguma maneira o quanto antes, embora infelizmente eu não acredite que isso vá acontecer.

— Meu pai está vindo me buscar — Emily disse assim que ele terminou de falar. Os olhos dela já tinham voltado ao normal.

— Está?

— Está.

— Que bom pra você. — Thomas parecia não crer muito nisso, e Emily percebia. — Ninguém nunca veio tentar me salvar.

— Ele vai me salvar, e vai salvar você também.

O esboço de um sorriso se formou no rosto do velho.

— Para ser sincero, eu já perdi todas as minhas esperanças há muito tempo. Mas me alegra um pouco ver que você ainda tem. Ver que alguém neste mundo maldito ainda tem. Vai ser ótimo se seu pai de algum modo conseguir chegar aqui, mas ele vai precisar de muita sorte para nos ajudar.

Eles ficaram em silêncio. Thomas desviou seu olhar do de Emily, soltou um suspiro cansado e a fitou de novo.

— Como você e seu pai acabaram aqui?

Emily balançou a cabeça como que querendo dizer que não compreendia bem por que ela e seu pai estavam naquela situação.

— A gente não fez nada. A gente tava numa casa perto de um lago, meu pai tinha me levado lá pra gente passar uma semana junto, e eu fiquei chateada com ele porque eu vi uma menina na floresta e queria encontrar ela, e ele achava que era tudo invenção minha e não queria tentar encontrar ela. Eu fiquei muito brava com ele e saí correndo, e eu escorreguei e caí no lago. Uma mulher que tava dentro dele me puxou, e me levou pra um buraco no fundo dele. Eu fiquei com medo de me afogar, mas eu conseguia respirar na água, e eu não sabia como que eu conseguia.

Um brilho repentino surgiu nos olhos do homem velho.

— Essa menina que você viu na floresta e essa mulher que estava no lago, como elas eram? A aparência delas, quero dizer. Por favor, me conte.

Emily respondeu sem precisar se esforçar para lembrar. Estava tudo muito fresco em sua mente.

— Elas tinham cabelos compridos e pretos e a pele muito branca, só que a menina usava um vestido preto, e a mulher usava um vestido branco. Mas o rosto da mulher não estava normal. Estava bem feio. Eu pensei que ela tava doente, mas ela me disse que não tava, então eu acho que o rosto dela só estava estragado.

O brilho nos olhos de Thomas havia aumentado.

— Então você conversou com essa mulher? A que te puxou para dentro do lago?

— Conversei. Quando eu acordei depois do que aconteceu no lago, eu tava em uma caverna, presa em uma jaula, e ela tava lá. Ela me disse que não era uma pessoa má, e que tinha me prendido porque precisava que meu pai ajudasse ela a encontrar a filha dela. Meu pai tinha pulado no lago depois que eu caí nele, ele tava indo me salvar. Ele viu a gente indo pro buraco no fundo do lago. A mulher pensava que ia achar ele, e disse que tinha que me deixar presa enquanto o procurava. Isso foi antes do monstro aparecer na caverna dela e me pegar.

— Como era o nome dessa mulher? E onde fica a casa do lago que você estava com seu pai?

— Era Catherine. E a casa do lago fica numa cidadezinha que meu pai me disse que se chama Winte... — Emily pensou um pouco, puxando o nome pela

memória — ... Wintermore.

— Ah, Deus... Ah, meu Deus...

— O que foi, Thomas?

— É minha esposa... e essa é a casa do lago onde eu morei com ela e minha filha. Catherine estava com o vestido branco favorito dela no dia em que eu... no dia em que eu...

— Em que você o quê?

— No dia em que eu fiz uma coisa terrível com ela...

Como se isso tivesse sido ouvido pelo monstro, Emily e Thomas perceberam um movimento no casulo e ouviram um ruído dentro dele, como o de alguém sentindo-se irritado por ter seu sono perturbado. Thomas fez shiu com a boca para Emily, e ela entendeu que devia ficar quieta para não irritar mais o monstro. Eles esperaram um pouco e, quando Thomas sinalizou para Emily que era seguro voltar a falar, ela perguntou, retomando o assunto que fora interrompido:

— O que você fez com a Catherine?

— Não fui exatamente eu. Foi *ele*. O monstro. Ele entrou em mim de alguma forma, na minha cabeça, e me controlou. Me fez afogar minha esposa no lago. Depois me fez correr atrás de minha filha para tentar matá-la também, mas ela caiu em um buraco na floresta perto da casa do lago e eu não a vi mais, porque aquele monstro me fez vir para cá.

Emily tentou se retrair no dispositivo que a confinava, e se tivesse como se mexer bem ali ela o teria feito. De repente, sentiu muito medo de Thomas, pensando que podia ser que na verdade ele fosse um homem mau, mesmo lembrando do que ele lhe dissera que se não estivesse preso também não faria mal algum a ela.

Ele percebeu o olhar amedrontado dela e perguntou:

— O que foi? Ah... Eu te assustei com esse pedaço da minha história, não é mesmo? Me desculpe, mas como eu disse, foi o monstro que me fez fazer essas coisas horríveis... Eu *já* machucaria minha esposa e minha filha se eu não fosse controlado por ele.

Emily ficou durante alguns segundos em dúvida, mas então pensou que Thomas podia estar falando a verdade. Ela tinha visto como o monstro era mau, e Thomas não parecia um homem mau.

— Eu quase caí em um buraco na floresta — ela disse, lembrando-se da ocasião. — Meu pai viu o buraco primeiro, porque eu estava distraída, e me avisou antes que eu caísse.

— Deve ser o mesmo — Thomas falou, intrigado com a inesperada coincidência. — Catherine te disse o nome da filha dela?

— Aham. É Sophia.

— Deus do Céu, é minha filha mesmo! A descrição da menina que você viu na floresta bate com a aparência da minha filha. Sophia estava com um vestido preto no dia terrível em que o monstro me fez persegui-la. Será que ela também acabou morrendo de alguma maneira? — Após uma pausa na qual pareceu a Emily que ele lamentava essa triste possibilidade, ele disse: — Você encontrou minha família, o que eu pensava não ser possível. Ou o... *espírito* delas... talvez... e isso é muito inesperado e incrível. Elas pareciam estar bem?

— Pareciam. Só que a Catherine estava muito esquisita.

— Ah, pobre Catherine... — Thomas balançou a cabeça, claramente sentindo-se mal por ela. — Este maldito lugar fez isso com ela. Mas pelo menos nós realmente temos, então, uma chance de sermos salvos. Se Catherine e seu pai se encontrarem e *nos* encontrarem, eles poderão tentar alguma coisa. Eu só tenho medo do perigo que eles vão correr se de fato vierem em nosso resgate.

— Não se preocupe. Meu pai sabe se cuidar e...

De repente, o grande casulo se expandiu e se contraiu bruscamente, e Emily sentiu algo semelhante a várias agulhadas ao mesmo tempo originarem-se em sua barriga e subirem muito rápido até sua cabeça. Houve um estalo lá, dentro de sua mente, e um conjunto de imagens que lhe causavam tristeza começou a passar diante de seus olhos como um filme de terror.

— Ai! Ai! — ela deu um gritinho meio fraco quando sentiu as agulhadas e outro mais forte quando houve o estalo. Seus olhos viram imagens desagradáveis — algumas de cenas que ela tinha presenciado e outras que sua mente criara baseadas em coisas que ouvira — relacionadas à sua mãe.

— O que foi? Qual é o problema? — perguntou Thomas, e ela notou o tom alarmado na voz dele.

Mas Emily estava ocupada com o filme de terror em sua mente e não podia responder agora.

Ela viu sua mãe discutindo com seu pai, dizendo que ia sair, ah, sim, ela ia sair, sim, para buscar seu irmão. Ela viu sua mãe dizer que não podia deixar o irmão dela sozinho na chuva, que precisava ajudar ele. Viu seu pai tentar convencer sua mãe a não sair, que era perigoso, pois estava chovendo e o asfalto estava escorregadio, e que não deveria deixar ela e ele e ir atrás de seu irmão. Ela viu sua mãe pegando as chaves do carro e saindo brava pela porta da frente, já de roupa trocada, preparada para partir. Viu seu pai insistir que sua mãe não fosse, que ficasse em casa com ele e com ela. Teve um corte brusco e ela viu sua mãe sozinha dirigindo o carro anterior da família, um carro preto que ela não sabia qual era mas que seu pai gostava bastante, em uma rodovia à noite, e estava chovendo forte. Ela viu sua mãe perder o controle do carro, viu ele capotar, o automóvel girando no ar e depois girando e atingindo o chão várias vezes com sua mãe dentro dele até os

giros terríveis finalmente pararem. Todos esses barulhos foram ensurdecedores em sua cabeça, os piores barulhos que ela poderia ouvir. Outro corte brusco e seu pai contava a ela que sua mãe sofrera um acidente, e que não ia mais viver. Nunca mais. Ela viu seu pai chorando, e se viu chorando também. Viu o velório com seu pai e a maioria dos familiares, mamãe serena e muito pálida com os olhos fechados dentro de um caixão, e sendo enterrada no cemitério depois. Um novo corte e ela estava em casa, com seu pai mas sem sua mãe, e o peito doía de saudade dela. Ela viu seu pai se esforçando para alegrá-la e deixá-la feliz, mas a verdade era que nenhum deles estava feliz. Ela viu as fotos dos dias bons espalhadas pela casa, eles três juntos e sorrindo, e um nó invisível apertou seu coração. Ela viu sua boneca Lily, que ganhara de presente em seu aniversário de cinco anos de sua mãe, o objeto que mais a fazia lembrar dela depois que se fora. Ela se viu desenhando si mesma, seu pai e sua mãe em seu quarto, na sala e na mesa da cozinha, seus lugares preferidos para desenhar, mas seus desenhos feitos com lápis de cor e sempre no estilo “palitinho” não eram mais felizes, mas destituídos da alegria que antes transmitiam. E finalizando a sequência de imagens ruins, Emily se viu acordando assustada em sua cama várias vezes após ter pesadelos, pesadelos que ela sabia que também eram ligados à sua mãe.

Ela voltou para a realidade, o cenário amplo de outro planeta com o casulo vivo e os dispositivos de metal com pessoas presas neles entrou em foco em sua visão outra vez com a mesma rapidez com que tinha dado lugar às imagens terríveis. A voz de Thomas perguntando novamente qual era o problema com ela, que até segundos atrás soava de muito longe, agora tinha voltado a soar mais de perto, como era o certo.

— Eu não sei — disse Emily, tentando entender o que se passara consigo. — Eu senti uma agulhada na minha barriga, não, um *montão* de agulhadas, e senti uma dor na minha cabeça, e então eu vi coisas que eu não queria ver, coisas que eu não gosto de ver.

— Coisas ruins que aconteceram com alguém que você ama?

Emily assentiu, pois era exatamente isso.

— É... Como você sabe?

Thomas soltou um suspiro cansado.

— Eu sei porque faz uma eternidade que estou vivenciando isso. Essas tubulações que chegam até nós e que partem daquela coisa ali no centro onde fica o monstro é que carregam as “agulhadas” que você sentiu. O monstro envia essas agulhadas por essas tubulações pra que a gente sinta dor e nossas piores memórias e pensamentos sejam liberados para ele consumi-las. Ele se alimenta disso, das nossas maiores dores. Sempre que eu recebo essas agulhadas, eu penso no mesmo

instante na minha esposa e na minha filha, nas coisas ruins que ele me obrigou a fazer e a tentar fazer com elas. Em quem ele fez você pensar?

— Na minha mãe. Ela morreu em um acidente de carro, e eu sinto muito a falta dela. Meu pai acha que tem um pouco de culpa pelo que aconteceu com ela, mas eu acho que ele não tem.

— Por que ele acha que tem culpa?

— Porque ele não impediu que minha mãe saísse sozinha de carro na noite em que ela morreu. Minha mãe quis ir buscar o irmão dela em outra cidade, e meu pai dizia que o irmão dela era proble... — Emily fez um esforço para se lembrar da palavra e a disse bem devagar em seguida, soletrando cada sílaba com cuidado para não errar — ... *problemático*. O irmão da minha mãe tinha fugido de um lugar onde ele ficava para se cuidar. Ele tava morando nesse lugar, mas eu acho que ele não gostava de lá. Por isso ele fugiu.

— Entendo.

— Thomas, aquelas outras pessoas não vão acordar?

— Eu não sei. — Thomas lançou uma olhadela para os dois homens imóveis nos dispositivos nas laterais do casulo e para os que estavam atrás dele, os que Emily não conseguia enxergar com perfeição. Em seguida, voltou a olhar para Emily. — Minha suspeita é que eles não resistiram e morreram. Infelizmente. Ou felizmente. Pois devem estar livres agora, onde quer que suas almas estejam. — Ele fez uma pausa e disse: — Faz bastante tempo que um deles acordou pela última vez. Semanas, eu acho. O monstro traz pessoas para cá, e algumas não aguentam. Os que aguentam, como eu, nunca saem daqui. Ficam vivendo um pesadelo sem fim. Eu acho que só aguentei porque o monstro me leva com frequência para andar acorrentado em uma sala lá embaixo. E porque ele deixa água lá para eu beber, e umas frutas azuis brilhantes que, de alguma maneira, não deixam meu corpo definhando e morrer, e nem minha cabeça enlouquecer completamente. — Thomas riu baixinho, e o riso que saiu dele não tinha nenhuma emoção. — Eu sei... isso é muito estranho, mas é o que ele faz comigo, e não dá para fugir dele. Eu só queria morrer para que meu sofrimento acabasse, mas, em vez disso, eu continuo vivo, e o maldito fez de mim seu prisioneiro favorito, sua fonte de alimento predileta. — Ele virou o rosto por alguns segundos e voltou-se para Emily já sem nenhum riso, e perguntou: — É triste isto, não é?

— É. — Emily disse com um leve balançar de cabeça.

Eles ficaram em silêncio, o assunto parecendo ter se encerrado, quando outra expansão e contração brusca do casulo perto deles enviou novas agulhadas para o dispositivo de Emily. Ela gritou de dor. As mesmas imagens da vez anterior surgiram em sua mente — uma reprise do mesmo filme de terror.

Thomas pediu para ela aguentar, ser uma menina forte e aguentar, mas Emily não podia ouvi-lo por causa da dor e dos pensamentos horríficos que a afligiam.

Quando as agulhadas em Emily passaram, outra onda delas foi enviada pelos tubos até Thomas. Emily via o casulo inflar e desinflar, inflar e desinflar, e o monstro dentro dele se regozijava com o sofrimento do velho homem emitindo ruídos de prazer. Ela gritou por Thomas, e, àquela altura, tanto ela como ele já tinham abandonado todo e qualquer cuidado com o tom de voz que usavam. As agulhadas em Thomas deram uma trégua, e então recomeçaram em Emily.

Ela recomeçou a gritar.

Capítulo 22

Jack ficou agradecido quando os corredores cavernosos e labirínticos acabaram e um único corredor que parecia ser a saída daquele tenebroso local se revelou à sua frente. Em sua estimativa, ele devia ter levado cerca de quinze minutos no labirinto, e para ele já bastava daquela merda. Ele correu rumo à suposta saída esperançoso de que poderia topar com algum tipo de pista relacionado ao paradeiro de sua filha, e o que viu quando passou por ela foi algo que o deixou completamente embasbacado.

Ele tinha chegado agora a um lugar enorme e aberto com solo rochoso, escuro como os anteriores, porém podia enxergar tudo ao redor graças à estranha iluminação natural que também havia nessa escuridão. Um caminho estreito e sinuoso — uma ponte rochosa — se desenhava adiante, por muitos e muitos metros, e culminava em uma torre altíssima com formato circular cujo topo com estruturas que lembravam enormes estacas parecia querer espetar o céu inexistente acima dele. Mesmo de longe, dava para perceber que a torre era feita com algum material bizarro, quem sabe até alienígena, e podia muito bem abrigar a criatura maligna que ele aprendera ser chamada de O Afogador. De onde tudo aquilo havia saído ou como e por quem tudo aquilo fora construído, Jack não fazia a menor ideia, mas era a única opção visível que ele tinha a explorar. Se o Afogador maldito estivesse lá, Emily provavelmente também estaria. Ou pelo menos isso era o mais óbvio a se conjecturar.

Ele deu alguns passos para a frente, aproximando-se da ponte sinuosa, e deu uma olhada para trás. Uma enorme montanha contendo a caverna pela qual ele acabara de passar agigantava-se rumo ao firmamento preto a exemplo da torre, mas não tão alto quanto ela. Jack, que não sentia nem um pinga de vontade de voltar para lá dentro, balançou a cabeça em um gesto de *não, obrigado* e voltou a focar no novo caminho que devia seguir. Ele parou a um passo de começar a percorrê-lo, olhou para baixo e viu somente escuridão, e os pilares de sustentação que em determinado ponto sumiam nela, onde a escuridão não possuía nenhuma estranha luz natural. *Um abismo. Não é à toa que deram esse nome para este lugar.*

Ele deu o passo que faltava para a ponte sinuosa e fitou a torre, seu objetivo atual, e inspirou o ar frio para revigorar seus pulmões. Estava um pouco cansado, e ainda todo melecado de sangue, mas não deixaria o cansaço vencê-lo, não com Emily perdida por aí.

Ele firmou o aperto sobre o cabo da faca em sua mão direita e tocou na boneca Lily pintada num tom escarlate presa em sua calça jeans. Pensando em Emily, falou:

— Aguenta firme, querida. Papai está indo te salvar. E mesmo que você não esteja naquela torre esquisita, eu não vou desistir de procurá-la. *Não vou.*

Ele deu novos passos adiante, dirigindo-se depressa para a torre que o chamava.

Mais alguns minutos e eu estarei lá, ele disse em sua mente. E repetiu: *Mais alguns minutos e eu estarei lá.*

Jack chegou ao final da ponte e foi recebido por uma porta dupla alta e larga que encontrava-se fechada — a entrada da torre. A porta tinha tamanho suficiente para o Afogador, e a imensidão daquela construção, olhando para cima agora bem de perto, chegava a ser assustadora. Jack, ainda a alguns metros da porta, reparou que não visualizava mais o topo da torre, que desaparecera lá em cima. Reparou também que o material bizarro que a compunha era cinzento e maciço, e que havia umidade nele. A porta também era cinzenta e maciça, e não possuía aldravas e nem maçanetas, muito menos um buraco onde pudesse ser inserida uma chave. Ele se perguntou como faria para abri-la e o que tanto encontraria além dela caso conseguisse fazer isso.

— Bem, só há um jeito de descobrir.

Aproximou-se dela a fim de verificá-la melhor e, para sua surpresa, a porta começou a se abrir sozinha. As duas partes dela deslizaram devagar para os lados com um zumbido suave, suave até demais para portas daquele tamanho, como se acionadas por algum sensor de aproximação e se movimentando sobre trilhos (só que Jack não via sensor nem trilho algum), revelando uma abertura grande para o interior da torre. Ele viu as chamas azuis de mais daquelas tochas que tinha visto anteriormente tremeluzindo em vários pontos da parede circular lá dentro, mas ficou estupefato ao adentrar a construção e registrar que o que havia lá, pelo menos na parte térrea, era um imenso espaço vazio com apenas uma escadaria em espiral, que começava na parte mais distante da parede circular com relação à entrada e que subia acompanhando o formato redondo da torre aparentemente até o topo. A escadaria tinha degraus largos, centenas deles que cansavam só de olhar, e Jack achou inusitada a existência dela ali, já que para o Afogador ela decerto era inútil porque — até onde Jack acreditava que sabia — ele não tinha pernas e podia flutuar, como Jack tivera a oportunidade de ver com seus próprios olhos e em primeira mão. A certa altura da escadaria, longe de sua posição, ele podia ver o que achava ser um recuo na parede e imaginou que devia haver uma passagem lá ou alguma porta, mas só teria certeza do que havia lá de fato se se aproximasse mais para olhar.

Com zero de interesse ali e concluindo que se Emily estivesse naquela torre só poderia estar lá em cima, Jack correu pelo espaço amplo e vazio do térreo se dirigindo para a escadaria, a porta dupla fechando-se sozinha quando ele se afastou também dessa vez. A subida seria cansativa, sem dúvida seria, mas ele tinha de encará-la de qualquer maneira. Era isso ou voltar para trás. E voltar para trás, para a caverna com o labirinto e os pedaços de corpos espalhados pelo chão e a maldita piscina de sangue, como ele já havia determinado em sua mente e em seu coração, estava fora de cogitação.

Jack subiu o primeiro degrau e em seguida outro, e continuou subindo.

O recuo na parede da escadaria que Jack tinha visto lá de baixo ficava numa pequena parte plana que ele calculava estar próxima da metade do caminho até o topo da torre, e, quando lá chegou, ele já estava bastante exaurido, e todo o sangue da piscina na qual se encharcara já havia secado. Com exceção de boa parte de seu rosto, de um pouco de seu cabelo e de mais algumas partes de seu corpo que ele dera uma limpada após aquele mergulho nojento, Jack era um homem tingido de vermelho e que exalava um cheiro nauseante. Ele olhou para cima e, vendo que ainda faltavam muitos degraus a serem vencidos, soltou um suspiro impaciente e murmurou:

— Ah, Deus, não dá para acabarmos logo com isto?

Não dava. E ele sabia. Ele dobrou o corpo para a frente e colocou as mãos nos joelhos da calça por um instante, a cabeça inclinada para baixo — uma posição de quem precisava de um descanso. Sentia suas pernas pesando pelo menos o dobro do que pesavam, e elas imploravam por uma trégua antes de continuarem a trabalhar na próxima grande leva de degraus. Jack atendeu ao pedido delas, pois temia que o mal estar de suas pernas acabasse se espalhando para o resto de seu corpo se continuasse rumo ao topo sem tomar um fôlego primeiro.

Empertigou-se e olhou para o recuo na parede. Como ele suspeitava, havia uma porta lá, igual à da entrada da torre. Caminhou até ela e a porta abriu-se sozinha, ambas as partes dela deslizando para os lados com um zumbido suave. Jack viu um aposento amplo e quadrado sem janelas nas paredes, que eram compostas pelo mesmo material cinzento, maciço e úmido do exterior da torre, e as únicas coisas que havia no interior dele o deixaram bastante intrigado: uma corrente extensa presa a uma das paredes, que terminava em uma alça de metal de abrir e fechar cuja circunferência parecia encaixar em um pescoço humano, talvez para manter uma pessoa presa ali; uma vasilha de madeira contendo água próxima à corrente; e outra vasilha de madeira também próxima à corrente com várias

daquelas frutas azuis brilhantes que ele vira na caverna de Catherine e das quais ele comera uma que lhe fizera muito bem. Ele entrou no aposento frio (a porta dupla fechou-se atrás dele sozinha) e olhou ao redor, mas não havia nada além daqueles itens para olhar.

Ele pensou: *Será que alguém estava sendo mantido preso aqui?*

Aqueles objetos indicavam que aparentemente sim, mas quem?

Bem, não importa. Contanto que não seja alguém ruim com quem eu possa me deparar, eu não preciso saber. E acho que nem quero.

O pensamento de que alguém que não fosse o Afogador é que estivesse em alguma parte daquela torre e que esse alguém fosse o único alguém que havia naquela construção o deixou seriamente preocupado por um instante, pois poderia significar que Emily, na verdade, não estaria por perto, e que Jack teria que dar um jeito de descobrir onde sua filha poderia realmente estar e como faria para ir ao seu encontro. Mas Catherine parecia tão certa quando lhe disse que se havia um lugar para onde o Afogador devia ter levado Emily só podia ser o Abismo... Aquele aposento praticamente vazio devia ter uma explicação. Jack só não sabia como iria desvendá-la, ou se alguém alguma hora lhe forneceria ela, mas ele sentia, no fundo, que estava procurando por sua filha no lugar certo. Devia ser só uma questão de tempo até ele...

De repente, Jack ouviu um grito agudo vindo de longe. De cima. De lá de cima. O grito chegara fraco aos seus ouvidos, mas sim, chegara. Ou será que não, e que ele tinha imaginado aquilo?

Alguns segundos se passaram, ele ficou concentrado e imóvel à espera de mais daqueles gritos, e os ouviu de novo. Gritos agudos, femininos. Acompanhados de ruídos grotescos de prazer de algo que não era humano. *Será o Afogador?*, perguntou-se, convicto de que não era sua imaginação. Esperou mais uma vez — uma terceira captação daqueles sons bastaria para convencê-lo de que os gritos eram reais —, tentando aguçar seus ouvidos ao máximo, e novos gritos foram pegos por sua audição. E, Deus do Céu, eram os gritos de uma criança! Uma menina!

— Emily? — Jack disse para a sala vazia, como que chamando por ela, como se ela pudesse ouvi-lo de lá de cima.

Seus músculos cansados, principalmente os das pernas, se puseram em ação de imediato, impulsionando-o na direção dos gritos que ele ouvira, que agora tinham cessado. Aqueles sons, que pareciam de dor e que na mente de Jack eram de sua filha, de sua querida e amada Emily, fizeram-no esquecer qualquer dor ou incômodo que sentia, e ele se virou para a porta e correu na direção dela, confiante de que ela abriria sozinha novamente.

Ela abriu, depois fechou-se por conta própria quando ele se afastou e retomou a longa subida pelos incontáveis degraus da torre, uma urgência explosiva em seu peito de chegar ao topo dela rápido, o quanto antes, ou aonde quer que Emily estivesse na parte superior dela para socorrê-la.

A hora de salvar sua garotinha estava muito próxima, Jack tinha certeza, e, por um curto período de tempo, ele conseguiu subir os degraus da escadaria de dois em dois. Ele sentia dores muito incômodas (porém suportáveis) de vez em quando, sendo as mais intensas nas pernas, e sentiu um ou outro pequeno latejar no ombro que havia melhorado, o que o preocupou um pouco e o fez pensar se não devia ter guardado uma daquelas frutas azuis milagrosas com ele, mas não voltaria para trás e se manteve nesse ritmo o máximo que pôde. Os gritos talvez de Emily voltavam a ressoar em intervalos não muito regulares, e gritos bem mais graves que só podiam ser de um homem também surgiram em um revezamento espantoso com os gritos da menina. O que estava acontecendo lá em cima? Que porra de lugar era aquele? Jack continuou avançando, dizendo para si mesmo para se concentrar em Emily, para se concentrar nela que ele conseguiria fazer o que tinha de ser feito.

Ele se concentrou, mas a dificuldade da subida não diminuiu nem um pouco. Era difícil, continuava difícil, e continuaria difícil até aquilo terminar, o que não era nada além do esperado. E ninguém, absolutamente ninguém, havia dito a ele que seria fácil.

Capítulo 23

A certa altura da subida rumo ao topo da torre, os gritos agudos de menina e os gritos graves de homem pararam. Jack perguntou-se o que houve, e pensou com um temor profundo e inevitável que o pior talvez tivesse acontecido — que o Afogador tinha matado o homem e sua filha. Seja lá o que fosse, aquele silêncio parecia ainda pior do que os gritos que ele ouvira, e ele precisava apertar o passo se quisesse ter uma chance de salvar aqueles que deviam estar sofrendo.

Ele subiu a escadaria o mais depressa possível, e finalmente chegou a uma nova parte plana iluminada por tochas com chamas azuis, onde havia outra daquelas portas duplas do tipo que ele já tinha encontrado. Ele estava no topo da torre, e considerou olhar lá para baixo para ter uma noção real da altura em que se encontrava, mas descartou essa ideia um segundo depois por ser muito perigosa. Além do mais, ele sabia que estava nas alturas, então para que arriscar?

Ele parou a uma distância da porta que ele presumiu que não a abriria ainda, considerando que ela fosse automática como as anteriores, sentindo as pernas novamente pesadas e outro latejar em seu ombro ferido. As frutas azuis brilhantes tornaram a surgir em sua cabeça, e ele pensou com arrependimento que devia ter pegado ao menos uma antes de sair em disparada do aposento lá embaixo. Que droga. Visto que elas possuíam propriedades medicinais no mínimo milagrosas, era provável que diminuiriam suas dores, que talvez tirariam até mesmo o peso em suas pernas, mas Jack não tinha esse recurso à sua disposição agora e não estava disposto a fazer o que seria preciso para mudar isso.

Inspirou fundo o ar gélido três vezes, que naquela altura estava claramente mais frio do que em todos os lugares pelos quais ele já tinha passado, e firmou o aperto de sua mão direita sobre a faca, preparando-se para atacar, se fosse necessário, qualquer inimigo com o qual pudesse se deparar atrás daquela porta. Ele pediu a Deus que ficasse do seu lado e o protegesse, e que Emily estivesse lá dentro e estivesse bem, e deu alguns passos para a frente, fazendo-a se abrir.

O que Jack viu assim que o ambiente atrás da porta se revelou para seus olhos e ele o adentrou era absurdamente inacreditável: uma câmara muito grande com formato redondo (as tochas com chamas azuis também estavam lá), com teto muito alto composto de um material desconhecido que o fez pensar outra vez em coisas alienígenas (*É daí que partem as estruturas em forma de estacas que eu vi lá de fora*, pensou ele), e com uma coisa grotesca ainda mais inacreditável bem no centro do local, rodeada por outras coisas inacreditáveis nas quais estavam presas... pessoas! A coisa grotesca no centro era uma superfície elevada com degraus em seus quatro lados onde havia um imenso casulo vermelho-vivo, da cor

inconfundível de sangue, um casulo que podia abrigar, a julgar por suas dimensões, o Afogador. As outras coisas nas quais pessoas estavam presas eram dispositivos inteiriços aparentemente de metal com o formato de um corpo humano em pé, dispositivos que deixavam somente a cabeça dessas pessoas livre, para fora deles. Tubulações finas e estranhas da mesma cor do imenso casulo saíam desses dispositivos e serpenteavam até a parte superior dele, que estava conectada ao teto. Jack não era nenhum gênio, mas podia deduzir só de olhar para aquilo tudo que se tratava de uma estrutura que talvez retirasse ou sugasse algo das pessoas nos dispositivos e mandava diretamente para seja lá o que fosse que estivesse dentro do casulo, ou o contrário, a coisa no casulo (*Talvez o Afogador, acho que é ele*, Jack pensou) enviava algo para as pessoas nos dispositivos. Ou ambas as possibilidades.

Não havia movimento por ali, nem um sequer, tanto do casulo quanto das pessoas nos dispositivos. Jack caminhou até o dispositivo mais próximo dele com passos silenciosos, pois não queria despertar o que havia no medonho casulo e nem assustar os pobres prisioneiros que talvez dormiam (ou estavam mortos). De longe, Jack percebera que eram seis dispositivos, mas o casulo encobria um pouco sua visão e não lhe permitia determinar com precisão quem eram as pessoas que estavam nos dois mais distantes, atrás do casulo.

Havia um homem jovem que devia ter uns vinte e poucos anos, trinta no máximo, no que Jack se aproximou. A cabeça dele estava inclinada para baixo, o queixo tocando o metal, os olhos fechados de forma serena como se ele de fato estivesse num sono bem tranquilo. À direita desse dispositivo, separada desse homem por bons metros, havia uma mulher também jovem na casa dos vinte, sua cabeça também pendendo para baixo e um pouco para a esquerda, a pose de um sono talvez forçado, mas plácido. Jack imaginou se aquele não seria, por acaso, o casal da história que Catherine tinha lhe contado, daquela na qual uma jovem fora até o Outro Lado e adentrara sozinha o Abismo para resgatar seu namorado do Afogador. Podia ser, e se fosse, era evidente que eles não tinham tido um final feliz. Mas, se estivessem vivos, talvez ainda poderiam ter, desde que Jack conseguisse descobrir uma maneira de ajudá-los. Os gritos que ele tinha ouvido, entretanto, não haviam sido emitidos por essas duas pessoas; talvez os gritos masculinos tivessem sido emitidos por aquele homem, mas os femininos definitivamente não por aquela mulher, Jack tinha certeza disso. Ele ouvira gritos de criança, gritos que aparentavam ser de dor e que sua mente achava que eram os de sua filha, então em qual dos outros dispositivos Emily estaria?

Jack viu outro homem, um de meia-idade, em um dispositivo que ficava mais alguns bons metros distante daquela jovem mulher, na lateral direita do casulo do seu ponto de vista. Ele voltou para perto do primeiro homem do qual tinha se aproximado e verificou o dispositivo na outra lateral do casulo. Ali estava mais um

homem desacordado: um ruivo com cabelos curtos e sardinhas no rosto, a pessoa mais jovem do sexo masculino que Jack vira naquele ambiente até então. Nada de Emily, e ela só poderia estar, portanto, em um dos dispositivos atrás do casulo, então ele seguiu para lá, ansioso para encontrá-la.

Jack viu, nos dois últimos dispositivos que havia ali para ele olhar, um homem com barba e cabelos muito longos e brancos, a pele também branca e enrugada, os ossos das faces visíveis por baixo dela, um homem que por certo estava muito magro e que talvez tivesse uns oitenta anos, e à direita dele, quem Jack estivera procurando pelo que já parecia uma eternidade: sua filha! Emily, sua querida e preciosa Emily! Seus olhos se arregalaram e sua boca de repente secou, seu coração disparou, martelando no peito, e ele passou a mão esquerda nos olhos para ter certeza de que não estava enxergando ela no lugar de outra pessoa, enxergando o que seus olhos queriam ao invés da realidade. Não estava, pois ao olhar para aquela direção novamente, Emily continuava lá, a cabeça e os cabelos castanho-claros lisos dela pendendo para baixo em um sono aparentemente tranquilo como o dos demais prisioneiros que faziam companhia a ela.

— Emily! — Jack quase gritou, por um segundo completamente esquecido de que poderia despertar o que quer que houvesse dentro daquele casulo bizarro e as outras pessoas nos dispositivos. Ele passou correndo pelo homem com cabelos e barba brancos querendo chegar à sua filha, querendo tirá-la dali e levá-la para casa, e a chamou outra vez: — Emily!

Mas ela não reagiu enquanto ele corria e quando ele se agachou diante dela.

Ele tentou de novo, passando uma mão nos cabelos dela e erguendo seu queixo com a outra:

— Emily, querida! Acorda, por favor! É o papai! O papai chegou pra te salvar e te levar pra casa! Acorda!

Por cinco ou seis segundos terríveis que pareceram a Jack muito mais, Emily continuou sem reação. Mas, após essa longa espera, Emily finalmente deu sinal de vida e seus olhos se movimentaram atrás das pálpebras. O nariz dela deu uma leve franzida e seus lábios também se moveram produzindo um murmúrio ininteligível. Era como se sua filha estivesse despertando de um sonho ruim, e Jack não duvidava que estivesse mesmo.

— Isso, querida! Olha pro papai, por favor! Eu preciso que você olhe pra mim!

O encorajamento de Jack surtiu efeito, e os olhos de Emily se abriram e encontraram os dele. Estavam confusos, e parecia haver neles uma marca de sofrimento recente, mas ela estava viva, graças a Deus, e isso era o que importava acima de tudo.

— Pa... Papai? É você mesmo? Por que você tá vermelho?

— Sim, meu bem, sou eu! — As palavras saíam metralhadas da boca sorridente de Jack, uma quase atropelando a outra enquanto ele acariciava os cabelos dela agora com ambas as mãos, cuidando para não machucá-la com a faca. — Eu estou aqui! Finalmente consegui te achar! Isto... Isto não é nada... É só sujeira.

— Você se machucou? Você tava sangrando?

Jack notou que Emily olhava para seu ombro ferido e quis tranquilizá-la.

— Eu me machuquei, sim, mas já passou. Eu estou bem.

— Eu tava vendo coisas muito ruins, papai... O monstro me fez sentir dor, e depois me fez ver umas coisas muito horríveis. E depois eu dormi. Ele tá bem ali no meio, e é muito mau. Eu acho que ele tá dormindo agora, mas toma cuidado com ele, por favor.

Jack deu uma olhada para o casulo cor de sangue, que permanecia imóvel, e voltou a se concentrar em Emily. Tinha que pensar em uma forma de tirá-la dali, e logo, de preferência. Também precisava pensar em como faria para matar o monstro ao qual Emily se referia, que ele tinha certeza de que se tratava do Afogador. Aquele era seu refúgio, seu núcleo de terror, Jack não tinha mais nenhuma dúvida quanto a isso, e o Afogador raptava pessoas para colocá-las ali e causar sofrimento a elas. O monstro tinha de ser detido para que todos naquele outro mundo fossem libertados, para que ninguém mais do mundo normal fosse raptado e para que toda aquela insanidade acabasse para sempre.

Jack disse, assentindo e agora acariciando a pele lisa e sedosa de sua filha:

— Eu vou tomar cuidado, meu amor, eu vou tomar cuidado. — Ele tinha abaixado seu tom de voz e fez uma pausa para admirar a menininha que era sua razão de viver, aquela pela qual ele acordava todos os dias disposto a fazer o melhor, a fazer a coisa certa, a ser uma pessoa melhor e a fazer o que fosse necessário para prover a ela. Poderia ficar olhando para ela por horas, não fosse a situação perigosa — provavelmente *perigosíssima* — na qual estavam metidos.

A voz ruim da consciência de Jack, que aparecia como de costume nos momentos mais inoportunos a fim de perturbá-lo, se pronunciou em sua mente, dizendo que sua filha ter ido parar ali era culpa dele, e ele sabia que a voz estava certa. Ouviu em seguida outra voz que vinha de seu coração lhe pedindo para se desculpar.

Ele passou a mão livre pela bochecha dela e disse:

— Me perdoa, isto tudo é culpa minha. Eu devia ter escutado mais o que tentava me dizer.

— E eu não devia ter corrido de você, pai.

— Bem... sim, mas... o importante é que eu estou aqui agora, e que vou levar você embora deste pesadelo. Eu só preciso descobrir como tirar você disto.

Jack se levantou e observou o dispositivo que envolvia Emily, mas não viu nenhuma maneira óbvia de abri-lo. Não pela frente, pelo menos. Só viu a tubulação fina cor de sangue que estava conectada na altura da barriga dela. Ele sentia uma revolta muito grande por dentro, por saber que aquele monstro prendia crianças para fazê-las sofrer. Adultos já era inaceitável, mas crianças... era muito pior.

Ele olhou para o dispositivo mais próximo do de Emily, o que continha o homem velho com barba e cabelos compridos e brancos, se perguntando se este sabia como toda aquela estrutura estranha funcionava e o que devia ser feito para tirá-los dali. Voltou-se para Emily e disse:

— Escute, querida. Aquele homem ali ou algum dos outros, eles conseguem acordar como você?

— Aquele homem velho, sim. Ele conversou comigo. O nome dele é Thomas. Ele disse que está preso aqui há muito tempo, e que já estava sem esperança de alguém vir salvar ele. Mas eu disse pra ele que você ia nos salvar. Ele ficou animado quando eu contei pra ele que conheci uma mulher chamada Catherine, que estava com um vestido branco. Ele disse que é a esposa dele. A Catherine é a mulher que me levou para dentro do lago, quando eu caí nele. Ela tinha me prendido na caverna dela, mas ela me disse que não é uma mulher má. Ela disse que só fez isso porque queria achar você pra que a gente ajudasse ela a encontrar a filha dela. Ela achava que tinha que me deixar presa até que você chegasse na caverna dela, ou até que ela te encontrasse.

— Eu também conheci ela, e ela mencionou esse nome, Thomas. E eu também conheci a filha deles, Sophia. É a menina com cabelos longos e vestido preto que você tinha visto na floresta. Ela é real, encontrou sua boneca Lily e cuidou muito bem dela, e estava procurando sua mãe. Eu estava com Sophia até não muito tempo atrás. Nós fomos atacados por esse mesmo monstro — ele indicou o casulo com o polegar por cima do ombro —, creio eu, e Catherine encontrou a gente e nos ajudou. As duas estão juntas agora, eu deixei elas para trás porque só eu podia vir até aqui. Elas precisam mesmo de ajuda para se libertarem do monstro e para irem aonde precisam ir. Não só elas, mas todos que vivem neste mundo. E eu vim aqui para salvar você e todas essas pessoas que precisam de ajuda.

— Então... a gente tá em outro mundo, pai?

— Sim. Estamos.

— E como vamos sair dele?

— Sophia me disse que temos que sair pelo mesmo lugar que usamos para entrar. Ela já veio para cá e voltou para o mundo normal várias vezes quando ainda procurava a mãe dela. Em outras palavras, teremos que passar pelo mesmo buraco no fundo do lago pelo qual passamos para chegarmos aqui. Mas o grande problema

é como faremos para sairmos *daqui*. A gente tá numa torre muito alta, no topo dela, e eu cheguei a esta parte atravessando dois portais. Mas não podemos usar eles pra voltar. Teremos que achar outra forma. Outro portal, talvez.

Jack estava ciente de que precisava encerrar o quanto antes suas explicações, de que devia guardar o que mais tivesse para conversar com Emily para quando estivessem seguros, longe daquela torre. Ele estava prestes a dizer para ela que ia tentar acordar o homem velho no outro dispositivo quando uma voz desgastada e cansada soou perto deles.

— Você é o pai dela?

Jack e Emily voltaram-se para o homem. Jack respondeu:

— Sim, sou eu.

— Que bom que você chegou — disse Thomas. — Sabe, eu não acreditava que algo assim um dia poderia acontecer, mas sua filha me disse que você viria, e aí está você. — Ele fez uma pausa e perguntou: — Você por acaso sabe do perigo que está correndo? Bem, é uma pergunta tola. É claro que sabe, já que chegou até aqui.

— Faço o que for preciso pra salvar minha filha — disse Jack com firmeza.

— Sei que faz. Eu também tinha esse espírito quando era livre e vivia em paz com minha família. Eu sou Thomas, a propósito.

— E eu sou Jack. Lamento pelas circunstâncias em que estamos nos conhecendo.

— Oh, não lamente. Talvez você possa nos tirar daqui. Você vai tentar, não vai?

— É o que pretendo fazer.

— Fico aliviado em saber disso. Jack? Você por acaso não encontrou minha esposa e minha filha por aí? Emily disse que as viu, e que estavam bem. Minha esposa se chama...

— ... Catherine — Jack concluiu para ele —, e sua filha se chama Sophia. Elas falaram de você pra mim. Me contaram um pouco sobre o que houve com sua família.

— Isso mesmo! Então você as encontrou!

— Eu as encontrei, sim, e elas estão bem. Catherine, na verdade, está... — Jack quase disse *apodrecida*, mas achou que seria indelicado usar essa palavra e escolheu outra mais leve para descrever a atual condição da mulher que fora a esposa daquele pobre homem quando ainda estava viva — ... um pouco diferente, mas tirando isso, ela está bem.

— Ah, obrigado! Obrigado por essa notícia! Lamento muito o que aconteceu com ela... com *nós*... e por você ter ouvido uma parte triste de nossa história... Mas essa é a melhor notícia que recebo desde...

Houve um som de movimento atrás deles. Jack virou-se e viu o casulo se contrair e se expandir abruptamente, com violência, e então Emily gritou, o mesmo grito que o alarmara antes de ele retomar a subida rumo ao topo da torre.

— Emily! O que foi? O que tá acontecendo? — perguntou para ela, o rosto já contorcido de tensão.

Mas Emily não respondeu. Ela continuou a gritar. Jack viu o casulo se contrair e se expandir outra vez.

— Ele acordou de novo! — Thomas disse, aflito por ver Emily sofrendo. — A coisa acordou e está se alimentando das dores dela! Você tem que fazer isso parar!

— Ok! Mas como? — perguntou Jack, movendo-se em desespero à procura de algo que pudesse fazer para interromper a tortura de sua filha. — Pelo amor de Deus, me diga rápido!

A essa altura, Jack já havia abandonado qualquer cuidado que estava tendo com o tom de voz que usava para falar com o velho, e o velho também para com ele. O monstro — o Afogador, aquele maldito desgraçado raptor de pessoas inocentes — despertara, estava agindo e Jack precisava reagir. Que se danasse a cautela agora; era hora de enfrentá-lo e de dar o fora dali o quanto antes.

Thomas gritou enquanto Emily berrava:

— Corte a tubulação! A que chega na barriga dessa coisa que está prendendo ela!

Jack baixou os olhos para a tubulação cor de sangue, que também pulsava, ele reparou, pois estava enviando algo que causava toda aquela dor em sua filha. Era fina, a faca que Sophia lhe dera no que agora parecia ser um tempo muito distante deveria dar conta do recado. Ele pegou no final da tubulação com a mão esquerda e posicionou a faca sobre ela, pronto para começar a cortá-la. Jack pediu para Emily aguentar firme e começou a fazer movimentos rápidos de vai e vem com a lâmina. Um líquido igual ao que saía dos homens e das mulheres podres do Outro Lado começou a vazar e a pintar a lâmina com um tom muito escuro no mesmo instante, e a coisa dentro do casulo rugiu de dor.

— Isso! — gritou Thomas com animação, esperançoso de que Jack talvez salvaria a todos daquele inferno. — Você está conseguindo! Está machucando ele! Continue, Jack!

Jack continuou, os músculos tensos, o cenho franzido e os dentes mordendo o lábio inferior, suando principalmente na testa e nas mãos mesmo no frio daquele ambiente. A coisa no casulo tornou a rugir seu lamento de dor, e Jack gostou daquele som. Ele gritou bem alto para a coisa ouvir:

— *Você não está gostando nem um pouco disso, não é, seu desgraçado de merda? Você não vai ficar com a minha filha, NÃO VAI, e eu espero que esteja sentindo tanta dor quanto já causou a ela!*

Jack tinha cortado quase a metade da tubulação. O sangue escuro melecava a faca, o chão e até um pouco de suas mãos. Ele queria que o processo fosse mais rápido, mas o material cor de sangue bizarro do qual a tubulação era composta era um pouco mais duro do que ele imaginara que seria. Ele continuou com o vai e vem da faca, para a frente e para trás, para a frente e para trás, pensando *Vai droga! Vai droga!* com os gritos motivadores de Thomas e os gritos de dor de Emily (ela também tinha começado a chorar, o que serviu para aumentar seu ímpeto) e do Afogador ao fundo, reverberando em segundo plano em sua mente concentrada. Ele tinha voltado a morder o lábio inferior e nem percebera, tamanha era sua concentração. Mais um pouco de pressão neles com os dentes e talvez sangrariam. A coisa no casulo se movimentou e tentou enviar outra leva de agulhadas em Emily, mas a ação de Jack na tubulação havia claramente afetado a capacidade da coisa de causar mal à sua filha por esse meio.

De repente, houve um estalo dentro da cabeça de Jack, e ele se viu parar os movimentos de vai e vem com a faca na tubulação. Algo o interrompera, um comando muito forte feito um freio supereficiente. Uma sensação estranha, invasora, adentrou cada uma das partes de seu corpo, começando pelas mãos e espalhando-se com uma rapidez impressionante pelos outros membros, como uma infecção que logo se tornara generalizada.

As mãos de Jack recuaram, soltando a tubulação, cessando a ação de cortar. Quando seu olhar confuso e agora impotente se encontrou com o de Thomas, o velho disse:

— Jack! Você está me ouvindo? O monstro no casulo está te dominando! Você precisa lutar contra ele! Você me entendeu? Você precisa ser mais forte do que ele! Não deixe ele dominá-lo!

Só que Jack parecia não estar ouvindo o que Thomas lhe dizia, ou estava, mas não assimilava nada. A verdade era que as palavras de Thomas chegavam como um idioma desconhecido aos seus ouvidos.

O olhar de Jack voltou-se para Emily, que tinha parado de gritar mas ainda chorava. Ele reajustou e ergueu a faca com a lâmina negra devido ao líquido do interior da tubulação acima de sua cabeça, de algum lugar nos recônditos de sua mente percebendo o que fazia, porém sem conseguir se refrear, e ficou por um momento parado nessa posição, pronto para abaixá-la em um arco descendente de modo que a ponta da faca perfurasse a cabeça de sua filha.

Thomas gritou:

— Jack, não faça isso, por favor! É *sua filha*! Você *tem* que se controlar!

Os olhos úmidos e cheios de incompreensão de Emily fitavam os de Jack. Ela só conseguiu dizer, a voz trêmula e repleta de medo:

— Papai?

Jack ouviu a voz dela, apesar dos esforços empregados pela força maligna que o controlava de tentar bloqueá-la, e compreendeu a expressão de puro terror nos traços de Emily. O comando para o golpe fatal ainda não tinha sido dado, e Jack buscou dentro de si com uma determinação sobrenatural a força de que precisava para reverter aquela situação, para parar com aquela loucura. Suas mãos começaram a tremer, depois seus lábios e então todo o seu corpo conforme ele lutava silenciosamente contra o domínio do Afogador, que era muito intenso. A mão de Jack que segurava a faca desceu um centímetro e parou. Jack lutava, tentando expulsar o monstro de si, enquanto o monstro não desistia de apropriar-se dele por completo. Um movimento brusco e tanto Emily quanto Thomas gritaram — a faca havia descido mais cinco centímetros em direção à cabeça da filha de Jack. Emily gritou de susto e tornou a chorar, dessa vez copiosamente, e Thomas a gritar para que Jack não deixasse o Afogador vencê-lo. Os tremores pelo corpo de Jack tinham aumentado e, quando ele sentiu que sua mão estava prestes a descer ainda mais, talvez definitivamente até o alvo do Afogador, uma voz doce e familiar surgiu do fundo de sua mente para ajudá-lo, uma voz que ele adorava e da qual sentia muita saudade.

Pare com isso, lollipop. Não machuque nossa menininha, não deixe ele machucar nossa menina. Você é mais forte do que ele, do que essa coisa má, e você consegue vencê-la. Eu sei que sim. Você precisa proteger Emily, precisa salvá-la, e está em suas mãos tirá-la deste lugar e levá-la para casa. Para a nossa casa, para o nosso lar, onde vivemos tantos momentos alegres e felizes juntos e onde vocês ainda terão muitos momentos assim a serem vividos juntos. Seja forte, Jack querido, seja o homem que você precisa ser neste momento. Mande a coisa má embora de você e aja. Por Emily, por mim, por nossa família. Você consegue. Aja e não deixe que o mal nos vença.

Hannah!, Jack conseguiu pensar, e uma lágrima solitária rolou por sua bochecha.

Reajustou outra vez o modo como segurava a faca e, com um movimento forte, certo e súbito, cortou o restante da tubulação ligada ao dispositivo de Emily de uma vez só.

A coisa no casulo soltou um urro estrondoso, Jack viu o casulo começar a tremer loucamente e ficar assim por alguns segundos, e então ficar imóvel para depois inflar e desinflar pesadamente por vezes seguidas como os pulmões de um paciente num hospital com dificuldade para respirar.

Thomas disse:

— Você atordoou ele, Jack! É a sua chance de tirar sua filha daqui! Mas você tem que agir rápido! Logo ele vai recuperar seus movimentos e sentidos!

Emily ainda chorava, e Jack, munido com a determinação que a voz de Hannah em sua cabeça e a de Thomas ali próximo lhe transmitiram, voltou-se para ela e falou com a voz tensa, o coração a mil com a preocupação de que o Afogador voltasse a tentar impedi-lo de libertá-la antes que sequer começasse a fazer isso:

— Eu vou tirar você daí, querida! Eu só preciso de um segundo para descobrir de que maneira!

Ele procurou algum ponto na parte da frente do dispositivo inteiriço de Emily onde houvesse uma abertura, algum botão ou uma trava ou coisa parecida que servisse para abri-lo, mas não havia nada. Deu a volta nele e passou os olhos e as mãos apressadamente na parte de trás, e lá também não havia nada. Sentindo um desespero iminente querer dominá-lo conforme os segundos preciosos passavam sem ele descobrir como abrir aquela droga de estrutura que prendia sua filha (*Meu Deus, por favor me ajude, eu não posso perder esta chance!*), Jack gritou para Thomas, mas sem olhar para ele, ainda verificando o dispositivo com suor nervoso brotando agora por cada um dos poros de seu corpo:

— Thomas, como eu abro esta coisa? Pelo amor de Deus, me ajude!

— As laterais! Você não procurou nas laterais!

Era verdade. Jack estava tão mergulhado em seu nervosismo que não tinha feito isso. Algo tão simples que ele tinha deixado passar.

Deslizou seus dedos por ambas as laterais

(*Rápido, lollipop, rápido! Salve nossa menininha! Tire ela daí!*)

ao mesmo tempo até sentir, no lado esquerdo e na altura da cintura, uma pequena elevação na superfície de metal — *Um botão!*, pensou ele sentindo uma animação repentina sobrepor-se à tensão que o acometia. Ele não perdeu tempo e o apertou, e um clique metálico se fez ouvir, um inconfundível som de uma trava se abrindo. Em seguida, uma pequena fresta — suficiente para colocar os dedos das mãos dentro dela — abriu-se na lateral esquerda do dispositivo. Jack observou o local do botão e notou que ele ficava na lateral da parte dianteira do dispositivo. Na lateral da parte traseira, agora separada da outra, havia duas travinhas de metal que se alojavam em um encaixe na lateral da parte dianteira — era desse modo que as partes se uniam e aprisionavam pessoas naqueles dispositivos. Quem havia criado aquele sistema e como tudo aquilo fora parar ali, Jack mais uma vez não fazia ideia. Aquele mundo estava repleto de loucuras, e era melhor aceitar que as coisas ali eram como eram. Ele viu que a parte traseira do dispositivo podia ser aberta como uma porta, largou a faca no chão por um momento e usou as mãos para abri-la. E lá estava Emily livre, sem mais barreiras entre ele e ela, com sua roupa e suas botinhas cor-de-rosa, finalmente ao seu alcance.

— Meu amor! — Ele se apressou em começar a retirá-la de seu confinamento com lágrimas de emoção umedecendo os olhos, mas tomando cuidado para não

machucá-la. — Venha comigo! O papai vai te tirar daqui, e você vai ficar bem agora! O monstro não vai mais incomodá-la! Eu prometo!

Ele a pegou em seus braços pensando: *Coitadinha... Ficou nesse aperto por quanto tempo?* Pensou em Thomas e nos outros que aparentemente não acordariam nunca mais e também sentiu pena deles. Sem dúvida tinham virado prisioneiros do Afogador muito antes de sua filha.

Colocou Emily no chão (ela havia parado de chorar), agachou-se de frente para ela e lhe deu um breve abraço, pois não tinha tempo a perder e precisava tentar libertar Thomas. Não podia deixá-lo ali daquele jeito.

Um filete de lágrimas escorreu pelas faces de Jack enquanto abraçava Emily. A alegria que ele sentia era imensa. Ele a fitou quando terminou de abraçá-la e disse:

— Meu anjo, temos pouco tempo e precisamos sair daqui antes que o monstro tente atacar a gente. Você está bem para andar?

— Sim, papai. Eu acho que sim.

— Certo. Então me siga e fique atrás de mim, ok? Eu vou te proteger. Preciso libertar o Thomas.

— Está bem.

— Depressa, Jack, por favor! — Era Thomas, que revezava com um olhar arregalado de tensão entre observar Jack e Emily e o casulo que permanecia sem mover-se.

Jack pegou a faca no chão, levantou-se e correu em seguida para cortar a tubulação que chegava ao dispositivo de Thomas. Posicionou a faca sobre ela e começou a fazer os mesmos movimentos rápidos de vai e vem, porém com ainda mais vigor — libertar Emily lhe dera uma injeção de ânimo incrível e seu corpo funcionava a pleno vapor agora —, a fim de cortar uma boa parte dela para depois aplicar um golpe que a romperia por completo. Jack mordida seu lábio inferior novamente, quase fazendo ele se abrir e sangrar. O casulo voltou a emitir sons de movimento, mas Jack não se permitiu olhar na direção dele. Tinha que continuar com seu trabalho sem nenhuma distração.

Thomas disse:

— Mais rápido, Jack! Ele acordou! Eu não quero sentir dor de novo! Por favor!

— Estou tentando! Estou tentando!

Jack franziu a testa e aumentou a velocidade de seus movimentos para o máximo que conseguia enquanto o enorme casulo voltava a pulsar. Ele já tinha passado um pouco da metade do diâmetro da tubulação quando decidiu dar a facada final. Ergueu a faca lambuzada com o líquido negro acima de sua cabeça

(uma gota repugnante caiu em seu cabelo) e desferiu o golpe no exato instante em que ouviu o casulo inflar perigosamente prestes a fazer alguma coisa.

A tubulação do dispositivo de Thomas caiu no chão e o Afogador guinchou de dor outra vez. Jack viu o casulo retrair-se e tremer, e por fim ficar imóvel — o Afogador ficara atordoado novamente. Ele foi para trás do dispositivo de Thomas e, já sabendo o que tinha de ser feito para libertá-lo, procurou a superfície elevada com um botão na lateral dele. Encontrou-o e o apertou. Houve um clique metálico das travas se soltando e uma fresta no lado esquerdo do dispositivo se abriu. Jack enfiou as mãos nela, dessa vez sem soltar a faca, e terminou de abrir a parte traseira. Thomas agora também estava livre de sua prisão, e ele mesmo começou a sair dela antes que Jack fizesse menção de auxiliá-lo.

— Obrigado! Muito obrigado! — Thomas deu um abraço em Jack após sair e se virar para ele e recuou rapidamente. Seu cheiro era ruim, seu rosto e seu corpo todo estavam mesmo muito magros, *exageradamente* magros, e sua roupa, uma camiseta xadrez de mangas compridas e uma calça jeans, estava muito velha e surrada. Era a consequência de tê-las usado por décadas naquela prisão, Jack pensou ao registrar esses detalhes. Os pés de Thomas encontravam-se descalços e muito sujos. — Nós temos que sair daqui *urgente*. A coisa vai voltar a si de novo, ela sempre volta, e com certeza tentará nos pegar.

— E para onde vamos? — perguntou Jack. — Quer dizer, estamos no alto de uma torre, o único caminho é ir até lá embaixo por uma escadaria enorme, e eu cheguei até aqui usando um portal que não dá para atravessar de novo.

— Por que não dá, pai? — Foi a vez de Emily perguntar, entendendo perfeitamente a necessidade de fugirem imediatamente do monstro perto deles.

— Porque ele fica num lugar muito alto que não dá pra gente alcançar de nenhuma maneira — Jack respondeu fitando tanto ela quanto Thomas.

Durante três segundos, nenhum deles disse nada. Thomas parecia estar pensando sobre a pergunta que Jack fizera. Jack focou nele e perguntou:

— Thomas, você é quem está aqui há mais tempo entre a gente. Você conhece uma outra saída daqui? Deste mundo?

Ele balançou a cabeça.

— Não. Mas quem sabe tenha uma lá fora?

— Não tem — Jack disse. — Não na parte anterior a esta torre, pelo menos. Mas eu não procurei atrás dela.

— Talvez tenha uma lá — Thomas sugeriu e Jack assentiu.

— Sim. Acho que é nossa única opção no momento. Descer até lá e verificar se há uma saída. Um portal ou algo do tipo.

Thomas concordou. Emily, que queria loucamente sair de perto do monstro ameaçador no casulo, também.

— Então vamos — disse Jack, e se virou para sua filha. — Segure firme na minha mão, querida. A gente vai ter que correr agora, ok?

— Ok.

Ela pegou na mão esquerda de Jack (a direita continuava ocupada com a faca) e lançou um olhar de confiança para ele que fez seu coração encher-se de coragem e determinação. Sua filha estava ao seu lado, e isso significava que quase tudo no universo estava certo para ele agora. Só faltava darem o fora dali e do Outro Lado e retornarem para suas vidas normais, e então todas as coisas ficariam melhores.

Ele acenou para Thomas, que lhe acenou de volta. Fez uma última pergunta para o velho antes de correrem para a porta dupla de entrada/saída da câmara ampla e redonda:

— E quanto a essas outras pessoas?

— Estão mortas. Nenhuma delas acorda há muito tempo. Não resistiram, infelizmente.

Jack tinha que acreditar nas palavras de Thomas por duas razões: não podiam perder nem mais um segundo ali e nenhuma daquelas pessoas tinha reagido de forma alguma até então ao que estava acontecendo à sua volta. Estavam, sem dúvida, cem por cento inconscientes e sem vida.

Finalmente, os três puseram-se a correr aproveitando que o casulo continuava imóvel. A grande porta dupla deslizou sozinha para os lados quando eles se aproximaram dela e eles saíram na parte plana que antecedia as centenas de degraus largos que acompanhavam as paredes escadaria abaixo. Antes que comessem a descê-los, um rugido alto se fez ouvir dentro da câmara, e Jack pediu que parassem.

— Eu tenho que voltar para lá — anunciou.

— Não, papai! — Emily protestou. — A gente precisa fugir do monstro! Ele é muito perigoso e vai te machucar!

— É justamente por ele ser muito perigoso que eu tenho que voltar e enfrentá-lo, querida. Ele vai sair e vai nos alcançar se algo não for feito para impedi-lo de fazer isso. Ele pode nos matar.

Não houve objeção por parte de Thomas, e Jack achou que ele sabia que o que estava dizendo era verdade. O plano inicial deles era arriscado, e o repentino de Jack agora era muito mais, mas um fim tinha que ser dado àquela coisa maligna de algum jeito, ou eles não sairiam vivos daquele mundo e mais pessoas inocentes morreriam no futuro. O ciclo de dor e sofrimento jamais terminaria.

— Você tem alguma ideia do que eu posso tentar para destruí-lo, Thomas?

— Não, Jack. Me desculpe. Gostaria de ter algo útil para dizer, mas não tenho. Só... tome cuidado.

— *Não, papai!* — Emily tornou a protestar, com lágrimas nos olhos. — *Não vá! Por favor, não vá!*

Jack se agachou diante dela e acariciou seu rosto amedrontado, olhando com firmeza nos olhos azul-claros dela.

— Não se preocupe, ok? Eu vou ficar bem, e voltarei logo, são e salvo. E o monstro não será mais uma ameaça pra nenhum de nós. Eu só preciso que você confie em mim. Você consegue?

Emily nada disse ou fez por um instante, mas balançou a cabeça devagar e positivamente para ele em seguida, os olhos marejados mas delineados de compreensão e confiança.

— Esta é a minha garotinha — disse Jack sorrindo.

— Papai, eu quero a Lily. Quero chamar a mamãe pra ela ajudar a gente. Lembra de quando eu acordava assustada dos sonhos ruins que eu tava tendo com ela? Ela me visitava quando os pesadelos terminavam e me dizia que se um dia a gente estivesse em perigo e precisasse muito da ajuda dela, era só chamar ela com muita vontade que ela apareceria. Ela viria nos ajudar.

Os pesadelos. Sim, Jack se lembrava muito bem. E se lembrava disso que Emily lhe contava todas as vezes que ia até o quarto dela às pressas acudi-la. Ele não acreditava que Hannah apareceria para ajudá-los, nunca tinha visto Hannah após sua morte, ao contrário de Emily, que alegava com a mais pura convicção que a vira. Mas não custava nada passar a boneca de pano para sua filha, já que pertencia a ela e se tornara o maior elo entre Emily e Hannah depois que sua esposa falecera. E que utilidade poderia ter uma simples boneca contra o Afogador? Certamente nenhuma.

— Está bem. — Desatou os nós que havia dado nos cabelos louros de Lily no passante de sua calça jeans e a entregou para Emily. — Aqui. Pegue-a. Faça o que seu coração lhe diz que você tem que fazer.

Emily pegou a boneca, ergueu-a na altura dos olhos e a observou por um instante, aparentemente analisando se tudo estava certo com ela. Estava toda vermelha com o líquido vital seco da piscina de sangue em que Jack caíra, mas talvez uma boa lavada quando voltassem para casa resolveria aquele problema. Ela abraçou a boneca contra o peito, como era seu costume fazer.

Jack ficou de pé e disse para sua filha e Thomas:

— Muito bem. Desçam a escadaria agora e me esperem lá embaixo. Há uma sala esquisita mais ou menos na metade dela onde vocês podem ficar seguros, eu a vi enquanto subia até aqui. Ou desçam até a saída e esperem por mim lá fora. Assim, vocês ficarão longe de qualquer perigo. Thomas, cuide da minha filha por enquanto, por favor.

— É claro, Jack.

— E se você não voltar, pai? — Emily estava visivelmente preocupada com essa possibilidade. Perder o pai também seria demais para uma garotinha com apenas sete anos de idade e uma vida toda pela frente. Ela precisava dele, não podia perdê-lo de jeito nenhum.

— Eu *vou* voltar, querida. Eu *prometo* que *vou*. Agora vão. Vocês precisam se proteger, e eu tenho um monstro feio e idiota pra matar.

Thomas ofereceu a mão para Emily, que pegou nela após Jack sinalizar que era seguro e que ela podia fazer isso. Os dois começaram a descer a escadaria sob o olhar dele, que os viu se afastar enquanto terminava de preparar seu coração e sua mente para o confronto final com a coisa, a criatura, o monstro maligno Afogador.

Armado e preparado, Jack respirou fundo e se virou, todo o seu cansaço anterior extinguido, e partiu para a grande batalha.

Capítulo 24

A visão que Jack teve assim que entrou na câmara era aterradora: o casulo estava vivo, muito vivo, movendo-se agitado, emitindo um gemido alto e hediondo, talvez só um lamento pelos prisioneiros que perdera, talvez de fúria ou dor, oscilando para cima e para baixo e de um lado para outro, e ele estava se abrindo, revelando devagar o que Jack sabia se tratar do inimigo com o qual se deparara antes. Jack parou distante o suficiente da porta dupla para que ela se fechasse atrás de si e ficou esperando a coisa grotesca revelar-se, analisando o ambiente à procura de ideias de como poderia derrotá-la. Para seu temor, mas não desespero, pois se sentia resoluto o bastante para evitar ficar desesperado, não parecia haver nada efetivo que pudesse fazer. Mas não deixaria isso abalá-lo; ele daria um jeito, de uma forma ou de outra.

Ele firmou o aperto sobre o cabo da faca sentindo o ar gélido que envolvia sua pele, estufou o peito e gritou:

— E aí, seu desgraçado de merda? Eu voltei pra te enfrentar, e somos só nós dois agora! Só eu e você! Eu ainda não sei como vou te matar, mas sei que vou! *Juro* que vou! E o seu reinado de terror vai terminar para sempre! Aqui e agora! Está me ouvindo?

O casulo continuava a se abrir, uma casca ascosa e escarlate que se retraía para os lados, inúmeros olhos vermelhos e pequenas mãos dotadas de garras afiadas surgindo de seu interior escuro e úmido, e do Afogador partiu um sopro de ar forte que fez as chamas das tochas atrás de Jack tremerem e um rugido em resposta: *ROOOAAARRR!!!*

Jack se equilibrou como pôde para não cair, depois ajustou sua pose para uma de ataque e gritou mais alto por cima do rugido dele:

— É isso aí! Pode vir! O que você tá esperando? Não é de humanos que você gosta de se alimentar? Então saia daí e venha me pegar!

O casulo abriu-se bastante, mas não inteiro, e uma surpresa ruim que Jack não esperava saltou para fora dele, uma arma que Jack não poderia ter imaginado que o Afogador possuía. Primeiro houve uma sequência de sons de um membro brotando de dentro do corpo do Afogador, sons úmidos e que ao mesmo tempo lembravam os de pipocas estourando, e depois o membro novo deu as caras, flutuando no ar e dançando feito uma naja. Era um tentáculo grande, também da cor de sangue, munido com uma única garra muito pontuda e afiadíssima. Essa surpresa fez a barriga de Jack congelar por um momento, mas ele se esforçou para não perder a compostura e manter-se pronto para qualquer ataque.

O Afogador soltou outro rugido e, de súbito, lançou o tentáculo sobre Jack, que conseguiu se esquivar pouco antes de ser atingido (não sem sentir um enorme frio percorrer sua espinha) com um mergulho para a direita no chão imediatamente ao seu lado. A garra do tentáculo cravou a superfície dura com um estrondo na posição em que Jack estava antes de esquivar-se, fazendo voar lascas de concreto e lançando partículas de poeira no ar. Jack se pôs rapidamente de pé, a barriga gelada outra vez. Enquanto o Afogador emitia um lamento horrendo (talvez por ter errado sua investida ou devido à garra de seu tentáculo ter ficado presa no chão) e tentava retrair a garra para lançar um novo ataque ao seu alvo humano, Jack teve tempo de pensar: *Esse tentáculo é mais grosso que as tubulações dos dispositivos, mas talvez eu consiga cortá-lo. Se o Afogador atacar mais vezes desse jeito e eu conseguir desviar e me manter vivo, eu posso ir cortando ele aos poucos. Eu só preciso tentar fazer com que o tentáculo fique preso de novo em outros lugares.* Era um plano, o único que Jack podia conceber no momento, e era bastante arriscado, mas o que é que não havia sido perigoso para ele durante toda sua jornada no Outro Lado? Ele olhou para o dispositivo mais próximo, onde estava o homem jovem que poderia ter sido aquele raptado pelo Afogador e cuja namorada tinha tentado resgatá-lo, e posicionou-se atrás dele no exato instante em que a garra do tentáculo mortal se desprendeu do chão e retornou ziguezagueando pelo ar para perto de seu dono. Jack disse baixinho para o rapaz:

— Me desculpe, mas já que você e os outros aqui não irão mais acordar, e eu espero que Thomas esteja certo quanto a isso, eu vou precisar de uma ajudinha de vocês para derrotar aquele cara grande ali. — E para o Afogador, bem alto e em tom de desafio, saindo de trás do dispositivo e ficando ao lado esquerdo dele para se certificar de que o monstro o visse bem: — Isso é o melhor que você consegue fazer? Por que você não tenta de novo, só que com mais empenho da próxima vez?

Como se percebendo sua provocação, o Afogador soltou outro rugido de fúria e lançou mais um ataque com o tentáculo. Foi rápido, Jack até ouviu o zunido que percorreu o ar chegar aos seus ouvidos quando se jogou para trás do dispositivo do rapaz inconsciente, mas o monstro não o acertara. Por pouco, a nova sensação de gelo na espinha de Jack admitia isso. O chão estrondeou, e mais lascas de concreto e partículas de poeira voaram pelos ares. Jack virou o rosto para ver o resultado da investida de seu adversário e viu que seu plano parecia estar funcionando.

Deu certo! O tentáculo ficou preso no chão outra vez! Eu preciso começar a cortá-lo agora!

O Afogador rugia, lamentava seu novo erro e o fato de que sua garra grande e mortal ficara presa novamente. Ele a remexia, não com muita violência ainda, o que era bom para Jack, a fim de desprendê-la, e se balançava dentro do casulo,

fazendo seu refúgio, seu centro de alimentação a partir do qual infligia dor em pessoas inocentes, oscilar de um lado para outro.

Jack disparou até o tentáculo, agachou-se diante dele, segurou com sua mão esquerda o melhor que pôde nele e, com a direita, começou a fazer o movimento de vai e vem que fizera nas tubulações dos dispositivos que prendiam Emily e Thomas, o coração batendo a mil, a testa franzida, uma veia saltando em um dos cantos dela. O Afogador reagiu imediatamente à dor que Jack lhe causava aumentando a intensidade de seu balançar, o que atrapalhava a importante ação de Jack.

Jack pensou, sem se deixar ser interrompido, tentando acompanhar o tentáculo maldito que não cooperava:

Vamos, Jack! Corta essa merda agora! Você não pode deixar ele escapar! Você não pode deixar ele escapar!

A lâmina da faca provocava uma linha não muito reta, mas satisfatória, no tentáculo do Afogador, e o sangue de piche que também era o sangue daquela criatura maculava os dedos de Jack como uma praga infernal. Era repulsivo, nojento, mas ele já tinha passado havia muito do ponto de deixar-se incomodar com essas sensações. Continuou cortando, não conseguindo aprofundar a lâmina tanto quanto gostaria, mas um pouco era melhor do que nada, e foi interrompido quando o Afogador soltou outro sopro de ar potente e gélido em sua direção. Jack cambaleou para trás, caindo de bunda no chão. As chamas azuis das tochas na parede mais próxima atrás dele bruxulearam outra vez. A garra do tentáculo se libertou do interior do concreto todo quebrado e rachado, deixando uma pequena poça de seu sangue ao retornar novamente para perto do Afogador.

Jack levantou-se, analisou depressa a área à sua volta e determinou que não dava mais para usar a parte que já fora atingida pelo monstro. Estava bastante destruída, seria ruim movimentar-se ali. Decidiu atrair outra investida dele na parte imediatamente à direita do dispositivo do homem jovem, onde o chão ainda estava intacto e a garra do tentáculo poderia prender-se, considerando que o Afogador continuasse atacando-o da mesma maneira. *Tomara que continue*, pensou, indo para o próximo ponto onde aguardaria outro ataque.

Gritou mais provocações, e o tentáculo voou pelo ar em sua direção de novo, a garra letal tentando acertá-lo de cima para baixo exatamente como ele precisava. Esquivou-se antes que ela o acertasse, e a garra tornou a ficar presa no chão após estrondear contra a superfície de concreto, destruindo-a. Jack correu até o tentáculo para aproveitar o pouco tempo que ganhara.

Ele cortou, cortou e cortou, sempre tendo que fazer um enorme esforço para controlar o ímpeto do Afogador, que chacoalhava seu tentáculo para libertá-lo o mais depressa possível, urrando de dor e soltando sopros de ar para tentar

desestabilizar Jack e assim atrapalhá-lo. Quando o Afogador por fim conseguiu fazer isso, Jack foi obrigado a sair de perto para não ser golpeado de supetão.

Ele correu para perto de outro dispositivo, um que ficava nas laterais do enorme casulo, o que continha um rapaz ruivo com cabelos curtos e sardinhas no rosto, o prisioneiro mais jovem entre os atuais do Afogador. A casca protetora do casulo abriu-se mais para os lados, revelando quase toda a criatura e possibilitando que ela se virasse dentro dele, reajustando sua posição de modo que pudesse continuar atacando Jack.

Jack respirou fundo e repetiu o processo que estava funcionando: provocar, aguardar a investida do Afogador com seu tentáculo, esquivar-se, correr até o membro e cortá-lo. Conseguiu sem sofrer dano e correu para os dispositivos vazios que confinaram Thomas e Emily. Pouco mais da metade do tentáculo já tinha sido cortado, e o sangue do Afogador jorrava pelo ar conforme o monstro se movimentava e reajustava sua posição para acompanhá-lo, provocando pequenas chuvas negras que sujavam as superfícies que atingia — a maior parte caía em diversos pontos no chão, algumas voavam até as paredes e outras acertavam os dispositivos e os rostos das pessoas presas neles. Jack também foi atingido por algumas gotículas do líquido nojento, que se misturaram ao sangue seco em sua pele e em sua roupa piorando sua aparência.

Manteve-se concentrado enquanto usara o dispositivo de Thomas como proteção para se defender do Afogador e atacá-lo, sendo bem sucedido em aprofundar o corte no tentáculo até que faltasse cerca de apenas um dedo para finalmente decepá-lo.

O Afogador rugia como nunca, tomado por uma fúria e por uma dor que talvez nunca havia experimentado durante toda sua existência, e quando Jack partiu para o dispositivo em que Emily estivera, a criatura investiu contra ele de uma forma que ele não esperava. O tentáculo, cuja ponta contendo a garra grande pendia acentuadamente para baixo por estar quase se desprendendo de seu restante, cruzou a câmara em um movimento em forma de arco e completamente horizontal que devastou o dispositivo de Thomas e a tubulação conectada a ele (as chamas das tochas próximas oscilaram outra vez, e duas ou três se apagaram), atingindo Jack em cheio nas costas em seguida, que havia se virado a fim de correr para tentar escapar do impacto, mandando-o para longe, para além do dispositivo de Emily (que também foi destruído um segundo depois), fazendo-o cair de cara no chão e a faca sair de seu domínio, escorregando alguns metros para longe dele.

Uma dor lancinante explodiu no nariz de Jack e, por um momento, luzes dançaram diante de seus olhos. Um filete de sangue se abriu em seu queixo após o atrito dele com o chão. Suas costas estavam quentes e latejavam, pareciam ter sido chicoteadas. Levantou-se com rapidez, tentando ignorar a dor mas sentindo-a com

uma intensidade muito grande, seu rosto uma careta e certo de que havia quebrado as costelas. Notou que não era para tanto ao correr para pegar a faca e virar-se para ver o que o Afogador faria.

Bem, ele iria atacá-lo, sem dúvida, mas a questão era *como* ele iria atacá-lo. Seria com o golpe de cima para baixo que resultaria na garra de seu tentáculo ficando presa no chão? Ou outro golpe em forma de arco e na horizontal como o que acabara de dar? Jack torcia para que fosse a primeira opção, mas, quando o Afogador rugiu e seu tentáculo disparou no ar, ficou claro que o monstro havia escolhido a segunda.

Jack pensou, tentando achar algo que lhe conferisse uma efetiva proteção: *E agora, meu Deus? O que eu faço o que eu faço o que eu faço?*

O tentáculo estava vindo, e uma ideia de repente brilhou na mente dele. Não era segura, pois não tinha como ser, e ele correria o risco de sofrer outro impacto bombástico, mas se desse certo, se o resultado final fosse o que ele visualizava em sua mente nos segundos que tinha antes de agir...

Eu acabo com pelo menos uma das armas desse desgraçado.

Jack teria que acertar o Afogador no ponto certo, fazendo o movimento necessário para isso no instante perfeito.

Ele se preparou, prendeu a respiração e ficou à espera do momento exato em que agiria da maneira como imaginara. Seu coração parecia que ia atravessar sua caixa torácica em breve, de tão acelerado que estava, de tão enérgico e frenético que batia. Sua mão doía devido ao aperto intenso no cabo da faca.

O tentáculo cresceu velozmente diante de Jack, chegando até ele quase como um raio, e no átimo de segundo que antecederia o impacto que sofreria, Jack se jogou de costas para o chão e desferiu um golpe com toda sua força para cima. O Afogador urrou; urrou como Jack não ouvira ele urrar até então, um grito grave e agonizante de dor, de lamentação pelo precioso membro perdido.

Consegui!, Jack vibrou em pensamento, ignorando a dor ao bater com as costas e a nuca no chão. *Eu consegui!*

O tentáculo fora acertado em cheio no ponto cortado que Jack tentava terminar de decepar, e a ponta asquerosa contendo a garra caiu com um som úmido no rosto dele, felizmente não o machucando, e rolou para o chão, onde ficou se retorcendo como um peixe fora d'água por um tempo. Houve um barulho de lâmina se partindo no momento do impacto, anunciando que a faca de Jack quebrara. Por sorte, a parte da lâmina que se desprendera do restante não caíra diretamente nele. Sangue preto havia respingado nas faces de Jack, que instintivamente usou a mão esquerda para limpar-se. O que sobrara do tentáculo recuou e ficou se contorcendo pelo ar como uma coisa inútil e descontrolada,

fazendo jorrar seu líquido pelos arredores, maculando cada vez mais o cenário lamentável, desolador e parcialmente destruído.

Jack levantou-se enquanto o Afogador agonizava. Ficou esfregando a nuca com uma careta e assistindo àquela cena, apreciando seu feito. Ainda não pensava no que viria a seguir, no que faria para continuar vivo. Teria mais, ele sabia que teria, pois o inimigo ainda não estava derrotado. E ele não tinha mais a faca; apenas um toco imprestável com cabo em sua mão direita, além do fato de que dois dos dispositivos que lhe serviram de proteção agora estavam destruídos...

De súbito, o tentáculo parou de debater-se e retornou para dentro do casulo, que se abriu completamente, e o Afogador cessou seu pranto angustiante. A criatura estava livre para sair daquele útero escuro, úmido, horroroso. Jack compreendeu que o ato final de sua batalha contra o Afogador chegara, e seriam os próximos minutos que determinariam se ele sobreviveria e reencontraria Emily para que pudessem voltar para casa, além de libertar todos que estavam presos no Outro Lado, todos os reféns daquele monstro que não devia ser possível mas era.

O Afogador rugiu e começou a sair do casulo. Jack engoliu em seco enquanto o observava, sem conseguir bolar uma estratégia para a próxima etapa da batalha. Apesar de ter se livrado do tentáculo mortal dele, ainda havia todas as pequenas mãos munidas de garras que também eram mortais e que poderiam dar-lhe um fim.

O Afogador saiu completamente do casulo, e a visão daquela coisa grande e larga e repleta de olhos vermelhos e com sede de sangue unida à consciência de Jack de que sua única arma não mais o ajudaria fizeram ele pensar que estava ferrado. Se tentasse fugir daquela câmara, o Afogador o perseguiria, e a escadaria parecia um lugar muito mais propenso para morrer do que ali, no topo da torre. Além disso, Jack não queria que o Afogador visse sua filha e Thomas e os perseguisse.

Ele olhou para o que sobrara da faca em sua mão e decidiu jogá-la longe, depois voltou-se para o inimigo com as mãos vazias.

— Ei, Afogador! — gritou para a criatura. — É esse o nome que deram pra você, certo? Como está se sentindo agora que não tem mais sua arminha secreta e com seu sistema de alimentação pelo menos um pouco destruído? Furioso? Revoltado? Eu também não tenho mais a minha arma, mas sou mais inteligente que você! Estou curioso pra ver como vou me sair a partir de agora! Então por que você não para com esses rugidos ridículos e vem me enfrentar de uma vez?

Ao invés de parar com os rugidos, o Afogador, talvez compreendendo a nova provocação de Jack, rugiu com uma ferocidade impressionante, mandando uma rajada de ar gélido em sua direção e fazendo-o cambalear dois ou três passos para trás.

Jack recuperou o equilíbrio e gritou:

— Você está bravo mesmo, eh? Só que o seu repertório está muito batido, não acha? Que tal me mostrar um pouco mais dele, se é que você tem algo mais para mostrar?

O Afogador flutuou alguns metros para a frente e parou. Jack deu uma rápida olhada em volta, tentando forçar alguma ideia. Somente uma lhe ocorreu.

E se eu tentar deixá-lo ainda mais bravo para que ele faça aquela ventania acontecer? Desse modo, eu poderia atrair ele para os outros dispositivos, destruindo-os e as tubulações que ele usa para causar dor nas pessoas e se alimentar delas. Eu acabaria com todo o sistema dele.

Seria algo para comemorar, mas as pessoas nos dispositivos que continuavam de pé seriam violentamente afetadas, e se Thomas estivesse enganado e alguém ali ainda estivesse vivo...

Eu causaria a morte dessas pessoas.

Jack viu Thomas em sua mente, o homem muito velho que agora descia com Emily para a parte inferior da torre, e viu novamente em sua memória a certeza que havia nos traços dele quando dissera que nenhuma daquelas pessoas nos outros dispositivos sobrevivera. Jack já estava ali havia um bom tempo, e nenhuma delas tinha se mexido. Continuavam de olhos fechados, a cabeça inclinada para baixo, alheias a tudo que se passava em torno delas. *Estavam* mesmo mortas.

Jack decidiu tentar a ideia que lhe ocorrera, mas nem teve tempo de começar. Quando estava prestes a gritar mais alguma coisa e a se movimentar, ele viu os olhos vermelhos do Afogador reluzirem com um brilho sinistro — uma novidade que definitivamente o pegou de surpresa — e então o mundo todo ficou branco. *Flash!* Um clarão cegou seus olhos por um instante, deixando-o incapaz de enxergar qualquer coisa. O Afogador rugiu e uma nova baforada gélida chegou até ele, fazendo-o cambalear de novo para trás. Jack quase caiu, o mundo retornando lentamente ao normal em sua visão conforme se esforçava para manter o equilíbrio. Outro rugido, outra baforada (um pouco mais forte dessa vez), e Jack caiu sentado no chão. O mundo voltou a ter formas e cores além da branca para ele. Levantou-se depressa, seus membros e juntas e articulações protestando de dor, mas os olhos terríveis do Afogador brilharam outra vez quando o monstro aproximou-se mais, e o mundo tornou a ficar branco para Jack. O Afogador rugiu de novo, um rugido quase ensurdecedor, e Jack sentiu seu corpo congelar com o ar frio e voar pelos ares por alguns segundos. Ele fora arremessado para longe como um objeto muito leve, e sentiu uma dor lancinante explodir em suas costas e atrás de sua cabeça quando atingiu a parede circular da enorme câmara. Jack foi ao chão, atordoado, mas mãos pequeninas que tinham garras o ergueram um instante depois no ar. O mundo deixou de ser branco, Jack tentou se livrar de seu dominador, mas logo sentiu uma presença maligna começar a invadir sua mente, preenchendo-a

com pensamentos de morte — Hannah capotando um carro; Hannah dentro de um caixão; Emily caindo da escadaria daquela torre e se quebrando toda lá embaixo, no chão. O Afogador regozijou-se de prazer, soltando um gemido alto que ecoou por toda a extensão da câmara.

Jack conseguiu pensar: *Ele está se alimentando de mim! Está me fazendo ver coisas que eu não quero ver! Eu preciso expulsar ele da minha cabeça!*

Mas os pensamentos de morte subitamente sumiram, e foram substituídos por algo que não era melhor. Um comando silencioso ordenava que Jack fosse até um dos dispositivos e entrasse nele, que tomasse o lugar de uma daquelas pessoas mortas e inúteis que não tinham mais dor a oferecer para a criatura do mal. Jack não queria, mas o comando era mais forte do que ele e, quando a criatura o colocou de volta no chão, suas pernas começaram a mover-se imediatamente na direção do dispositivo mais próximo, concentradas em obedecer a ordem que lhes havia sido dada. Jack fechou os olhos, apertou-os bem, tentou bloquear o acesso do Afogador ao seu cérebro, gritou internamente para que o maldito o deixasse em paz, que *morresse* e deixasse todos em paz, mas não conseguiu bloqueá-lo, tampouco refreá-lo ou expulsá-lo.

Continuou andando até o que seria sua prisão, sua própria versão de Inferno que talvez seria eterna se um milagre não surgisse para salvá-lo.

Capítulo 25

Emily ouvira os rugidos, os gritos de seu pai e o barulho de destruição vindos do topo da torre e, após ignorar tudo isso por um tempo e continuar descendo a escadaria com Thomas devido à insistência dele de que não deveriam parar, estacou e disse afoita para o homem velho, que também tinha parado:

— Eu preciso pedir ajuda pro meu pai, Thomas!

— Pedir ajuda como? De quem? Seu pai ordenou que não parássemos enquanto não...

— Da minha mãe! Eu disse antes da gente sair do lugar do monstro que eu ia chamar ela usando a minha boneca. — Virou Lily para ele, para que ele a olhasse bem e entendesse o que queria dizer. — Eu ganhei a Lily de presente no meu aniversário de cinco anos, foi minha mãe quem me deu ela. A Lily me faz lembrar muito da minha mãe. E minha mãe me disse depois que ela morreu que se eu e meu pai precisássemos muito de ajuda algum dia, era só chamar ela com muita vontade que ela apareceria. Isso eu também disse antes da gente sair do lugar do monstro. Você ouviu. Eu acho que se eu chamar minha mãe bem forte usando a Lily, ela vai aparecer. E vai ajudar a gente!

— Mas seu pai... — Thomas recomeçou e foi interrompido quando novos rugidos da criatura maligna e gritos de Jack se fizeram ouvir vindos de lá de cima. Emily e ele ergueram a cabeça na direção dos sons inquietantes, depois voltaram a olhar um para o outro.

— Me deixa tentar, por favor! — Emily suplicou, tentando fazer com que Thomas não tivesse como recusar.

— Está bem, garotinha. Vá em frente. Chame sua mãe. Mas como você acha que ela vai nos ajudar contra o monstro?

— Eu não sei. Mas ela me disse pra chamar ela se eu estivesse em perigo, então é isso que eu vou fazer.

Thomas assentiu, e então ela fez um pedido para ele:

— Fica quieto pra eu me concentrar, tá bom?

— Prometo que vou ficar.

Emily abraçou Lily contra seu peito, como fizera tantas vezes antes desde que a boneca se transformara em seu brinquedo favorito, e fechou os olhos. Enrugou a testa em um esforço consciente de parecer determinada, uma menina muito forte e bastante esperançosa.

Começou a mover seus lábios, sussurrando palavras que somente ela podia entender e ouvir, chamando pela mãe.

Capítulo 26

Jack achava aquilo uma merda, e mal conseguia crer que estava acontecendo de verdade.

Suas pernas moviam-se decididas para onde o Afogador as mandava ir, e faltavam poucos passos para ele chegar ao dispositivo em que sua mente não queria e queria ao mesmo tempo entrar. Por fim, ele parou diante dele, e um comando forte lhe ordenou que o abrisse e retirasse a pessoa morta que havia lá dentro — era o homem de meia-idade que ele vira quando entrara pela primeira vez naquela câmara — e ficasse em seu lugar. A mão de Jack encontrou o botão na lateral do dispositivo e estava prestes a pressioná-lo quando um clarão seguido de um zumbido inédito eclodiu em algum ponto atrás de si.

De repente, o controle do Afogador sobre sua mente e seus movimentos foi interrompido, e Jack pôde virar-se para trás e ver o que tinha acontecido.

O que seus olhos viram foi algo que ele jamais esperava ver: uma espécie de portal que não era exatamente um portal, mas sim uma fenda um pouco maior do que uma pessoa adulta, que tinha sido aberta a uns dez ou doze metros de distância dele, e essa fenda ondulava como um organismo vivo no nível do chão. Quem será que a tinha aberto e o que sairia dela?, Jack se perguntou mas sem formular de verdade essas perguntas dentro de sua cabeça, apenas sentindo-as passar por ela. O Afogador, apesar de ter diversos olhos que lhe permitiam enxergar simultaneamente em todas as direções, também havia se virado para a fenda, esquecendo-se de Jack por um momento e soltando um rugido que demonstrava surpresa, mas uma da qual ele não gostara. Parecia estar pressentindo que alguma coisa ruim para ele estava vindo. Jack, ao contrário, sentiu uma centelha de esperança de que algum tipo de ajuda esquisita talvez estivesse chegando. Será que Emily tinha conseguido fazer algo para ajudá-lo? Seria possível que Hannah estivesse indo ao seu encontro? Ou talvez Catherine e Sophia? Talvez elas tivessem encontrado uma maneira de entrarem ali no Abismo, isso parecia um pouco mais plausível...

Uma pessoa com um já familiar vestido branco surgiu do interior da fenda saindo para a câmara enquanto Jack conjecturava essas possibilidades, e seus olhos se arregalaram ao vê-la.

— Catherine! — ele a chamou assim que ela parou um pouco à frente da fenda examinando onde se encontrava. Pareceu ficar rapidamente satisfeita e se voltou para ele.

— Jack!

Mais uma pessoa surgiu de dentro da fenda, uma com um vestido preto também familiar, e Jack ficou feliz com sua presença.

Já o Afogador, não. Ele soltou um rugido de fúria ao ver a menina.

— Sophia!

Ela parou ao lado de Catherine.

— Oi, Jack! Estamos juntos de novo!

Mas não era somente elas que viajavam por aquela fenda; mais pessoas saíam dela, uma após a outra, homens e mulheres, todos apodrecidos como Catherine, mas pessoas que eram do bem como ela. *Afogados*. Todas tinham sido vítimas do Afogador no passado, e estavam presas no Outro Lado por causa dele. E agora chegavam ali querendo acabar com aquele monstro para recuperar sua liberdade. E estavam armados, o que era ótimo. Traziam facas, estacas, machadinhas... e até lanças! Armas que podiam cortar e perfurar. Armas que, juntas, podiam causar uma dor excruciante e — Jack torcia e desejava — fatal no Afogador.

A coisa má rugia zangada com aquela intromissão a cada pessoa que chegava pela fenda, mas parecia tão surpresa quanto Jack e assistia a tudo sem sair do lugar como se incapaz de agir para impedi-la.

Quando o último dos afogados atravessou a fenda, o cheiro na câmara já estava bem ruim, mas Jack não se incomodou nem um pouco com isso; ele já tinha se acostumado bastante com o odor que exalavam. Sua concentração estava voltada apenas para o que eles — havia cerca de vinte afogados ali agora, excluindo Catherine — representavam: uma chance maior de sobrevivência.

E antes de a fenda se fechar, chegou alguém cujos olhos de Jack quase não acreditaram que estava vendo, alguém que ele amara muito e ainda amava. Alguém que jamais saíra de seu coração mesmo após alguns meses sem sua companhia, sem sua presença física e o som de sua voz por perto.

— Não pode ser... — ele sussurrou. — Eu tô imaginando isso... Ou alucinando... Eu devo estar...

Mas não era sonho, nem alucinação, muito menos imaginação.

Uma mulher com cabelos castanhos como os de Emily e com um belo par de olhos azul-claros como os de Emily correu para ficar à frente dos afogados e olhar para ele. O belo sorriso em seus lábios era o mesmo daquela tarde em que se conheceram em uma livraria, muitos anos atrás.

— Lollipop!

— Hannah!

O sorriso dela se ampliou.

— Mas como você... — A voz de Jack falhou, e as palavras ficaram presas na garganta. Ali estava sua esposa, com o mesmo casaco e a mesma calça jeans que usava na noite chuvosa em que saíra para buscar seu irmão que havia fugido de

uma clínica para dependentes químicos pela enésima vez, na noite chuvosa na qual capotara o carro e morrera.

— Emily! Foi ela! Eu ouvi ela me chamar, e consegui localizar vocês neste mundo. Eu não sei explicar por quê, mas posso abrir fendas para atravessar diferentes mundos se eu me concentrar bastante. Foi assim que eu visitei nossa Abelhinha em casa. Ela me indicou onde eu poderia conseguir ajuda. Onde exatamente está Emily?

O Afogador rugiu, cheio de ira. Preparava-se para agir contra eles.

— Descendo a escadaria! — Jack respondeu. — A gente está no topo de uma torre! Mandeí ela ir para algum lugar seguro lá embaixo junto com o marido da Catherine! — Ele disse isso supondo que ela e Catherine já tinham se apresentado uma para a outra, ainda que por certo muito brevemente, e falou em seguida: — Meu Deus... Eu não consigo acreditar que você está aqui! — E para Catherine: — Catherine, Thomas está bem! Está milagrosamente vivo e bem!

O Afogador soltou mais um rugido e flutuou alguns metros para a frente numa tentativa de intimidar todos ali presentes. Hannah, Catherine e Sophia, e também os afogados, deram passos para trás.

Catherine dirigiu um olhar momentâneo para Sophia, e o sorriso contido que trocaram indicava que estavam felizes pela notícia que Jack lhes havia dado.

Catherine disse:

— Fico feliz em saber disso, Jack! Mas agora não temos tempo para conversar! Temos que matar o Afogador!

Jack concordava totalmente. A hora de dar um basta naquilo tudo havia chegado, e ele se sentia agora mais pronto do que nunca para trabalhar com aquelas pessoas a fim de acabar com a criatura que tirara a vida e torturara um número de inocentes que ele não sabia precisar.

Antes que qualquer um deles pudesse dizer mais alguma coisa, o Afogador inflou e disparou uma baforada de ar na direção da companhia de Jack. Hannah e Catherine cambalearam para trás, mas se equilibraram e se mantiveram de pé; Sophia e alguns afogados caíram sentados no chão. Em seguida, recompuseram-se e se levantaram, apenas para serem atingidos por outra baforada do Afogador e cambalearem e caírem — todos dessa vez. Ergueram-se de novo, as armas em punho, e quando os vários olhos vermelhos da criatura brilharam, Jack apressou-se a avisá-los sobre o que deviam fazer para evitar seu próximo truque.

— Protejam seus olhos ou virem o rosto! Não olhem para ele agora!

Flash!

Um clarão percorreu todo o ambiente e, graças ao aviso de Jack, todos cobriram seus olhos a tempo de evitar que fossem atordoados, impedindo assim que ficassem à mercê do Afogador para que ele pudesse possuí-los. O Afogador

rugiu com toda sua potência, fazendo o chão sacudir e a enorme câmara tremer, depois deu a volta pelo ar para que ficasse às costas da companhia de Jack. Queria pegá-los de surpresa antes que se voltassem para ele, e Jack tinha percebido o que tramara. Gritou mais alto para todos:

— Cuidado! Ele vai atacar vocês pelas costas!

Todos viraram-se para o monstro, que investiu como um míssil lançado por um avião de caça. As mãos do Afogador atingiram de raspão alguns dos afogados, que gritaram de dor. O Afogador manobrou no ar para não atingir os dispositivos que ainda estavam de pé e o seu casulo, seu núcleo de alimentação. Estava claro para Jack que ele não queria destruir o que restava de seu precioso sistema que lhe garantia vida.

Sophia aproveitou esses segundos para correr até Jack e entregar-lhe a arma que empunhava. Era uma faca de novo, mas bem maior e mais afiada do que a anterior.

— Onde vocês conseguiram todas essas armas? — ele perguntou, agora com o facão em sua mão.

— Perto da cabana onde a gente se escondeu dos podres maus, lembra? — Sophia começou a explicar depressa, não se esquecendo de permanecer atenta a quaisquer movimentos do Afogador. — A Hannah criou uma fenda para lá depois que passamos pegar essas pessoas, que estavam próximas da gente, pra nos ajudar. Eu disse pra ela como era a cabana e o lugar onde a cabana ficava, e ela conseguiu imaginar e sentir o lugar e nos levar até lá. Os podres bons acharam um esconderijo subterrâneo cheio de armas na floresta, muito tempo atrás, onde elas ficam protegidas para quando precisarem. Foi nesse esconderijo que a gente pegou elas.

— Vocês foram rápidos. E chegaram na hora certa para me ajudarem aqui.

Sophia não pôde dizer mais nada. Jack viu os olhos do Afogador brilharem outra vez e alertou sua companhia para mais uma tentativa dele de atordoá-los para em seguida possuí-los.

Só que não houve nenhum clarão; só um barulho de lâmina penetrando em pele humana, ou melhor, em uma pele que já tinha sido humana e que tornou-se apodrecida. Um dos afogados que tinham chegado junto com Hannah, Catherine e Sophia para ajudar Jack, um homem cuja roupa estava cheia de rasgos e que devia ter em torno de quarenta anos quando fora afogado pelo Afogador, cravou sua machadinha no topo e no meio da cabeça de uma afogada que estava à sua frente, de costas para ele, matando-a instantaneamente. O corpo da afogada ficou mole e deslizou para o chão após o afogado possuído retirar com um som úmido a machadinha da cabeça dela, os olhos da afogada esbugalhados devido à reação de choque que tivera no momento em que fora atingida, uma poça negra de sangue viscoso se formando embaixo dela e manchando seus traços agora eternamente

desprovidos de qualquer tipo de vida. Após isso, o afogado possuído virou a machadinha segurando-a com ambas as mãos na direção de si próprio, o olhar apavorado por compreender o que estava prestes a acontecer consigo. Começou a desferir golpes com a machadinha em sua própria testa, abrindo um rasgo horrendo nela, berrando de dor, seu rosto apodrecido tornando-se preto, uma massa empestuada com o líquido grotesco, um rosto completamente irreconhecível. Só parou com os golpes e caiu apagado no chão quando sua cabeça se dividiu em duas partes e seus olhos quase saltaram de suas órbitas.

Todos ficaram horrorizados com a cena. Foi rápido demais, e ninguém conseguiu se mexer a fim de evitar aquela tragédia. Jack temeu especialmente por Sophia, em como ficaria a mente dela daquele momento em diante, pois era só uma menina e, para ele, se havia alguém ali naquela câmara que não devia ter testemunhado aquela desgraça, era ela. O Afogador, de uma só vez, havia provocado duas baixas na companhia de Jack, e isso era assustador. Precisavam agir rápido e de maneira eficiente, ou mais baixas ocorreriam nos próximos minutos — ou até mesmo nos próximos segundos.

Hannah perguntou, a voz estridente carregada de pânico e urgência:

— Jack, o que faremos? Temos que fazer algo para detê-lo!

Os pensamentos de Jack estavam a mil, mas era difícil focar em uma ideia que fosse boa. Uma ideia que os colocassem em vantagem contra o Afogador e lhes proporcionassem uma chance real de vencê-lo. Enquanto ele tentava enxergar essa ideia, o coração disparado como um metrônomo enlouquecido, outro afogado ficou sob o controle da criatura e atacou um de seus companheiros, atravessando sua lança no peito dele. Depois virou a ponta da lança contra si e a enfiou de baixo para cima em seu próprio queixo, fazendo a lâmina afiada atravessar sua cabeça e sair provocando um jorro de sangue preto pela parte de cima dela.

Mais perdas, e a situação que antes parecia um pouco controlada degringolava de maneira apavorante.

— Ele está matando a gente, Jack! — Catherine gritou, apavorada.

— Eu sei! — ele gritou em resposta, sentindo todo o peso do mundo sobre seus ombros, sentindo o peso da confiança que os outros depositavam sobre si. — Eu sei e tô tentando pensar em algo, mas...

E foi então que a ideia lhe ocorreu, e era tão óbvia que ele não compreendia como estava deixando-a passar. Talvez fosse o nervosismo, a adrenalina do momento. Sim, só podia ser isso. Se havia alguma maneira de desconcentrar o Afogador, era a na qual ele acabara de pensar.

— As tubulações! — gritou bem alto para garantir que todos ouvissem. — As tubulações que chegam a esses dispositivos! Ele não quer que elas sejam destruídas! Precisa delas pra se alimentar! Cortem elas! AGORA!

O próprio Jack foi o primeiro a correr até uma das tubulações, incentivando os outros a agirem conforme ele pedira. Sophia foi para um canto da câmara para que não corresse risco de machucar-se, distante da batalha, conforme Jack também pedira a ela que fizesse. Hannah, Catherine e os outros afogados se espalharam ao redor dos dispositivos que ainda permaneciam de pé com as pessoas mortas dentro deles, desviando dos destroços resultantes dos ataques do Afogador com seu tentáculo anteriormente contra Jack, e aqueles que empunhavam armas brancas cortantes desferiram golpes para cortar as tubulações cor de sangue. Jack trabalhou fazendo os movimentos de vai e vem e finalizou uma delas com um golpe único e forte. Catherine, Hannah e os afogados cortaram as outras, e o Afogador soltou um berro amplo de lamentação que fez o chão da câmara tremer. Com seu sistema de alimentação destruído, o Afogador desesperou-se e deu um voo rasante em uma direção aleatória a fim de atingir a companhia de Jack. Conseguiu acertar em cheio com suas garras dois afogados, abrindo a barriga de um (vísceras e sangue preto imediatamente começaram a escorrer para fora de seu corpo) e cortando a jugular de outro, que levou as mãos ao pescoço numa tentativa inútil e desesperada de estancar o sangue que começara a jorrar de si. O Afogador, em seu descontrole, não se atentou ao dispositivo do qual se aproximava e colidiu contra ele com um estrépito alto, quebrando a pequena base quadrada também de metal em que o dispositivo ficava e derrubando-o no chão. Era o do jovem ruivo, e o rapaz caíra sem qualquer reação. O impacto do Afogador contra o dispositivo o fez descer do ar e parar por preciosos segundos no chão, como se estivesse zonzo, e Jack enxergou uma chance de ouro para provocarem um estrago grande nele, para incapacitá-lo ao máximo de desferir novos ataques contra eles.

— *Cortem as mãos dele! Cortem as mãos dele!*

Todos dispararam de encontro ao Afogador. Jack cortou com um só golpe de facão uma das pequenas mãos da criatura, depois outra e mais outra e mais outra. Hannah, que também estava munida com uma faca, fez o mesmo. Catherine, com uma machadinha, cortou duas ou três. Os afogados que portavam facas também ajudaram, enquanto os que portavam lanças e estacas perfuravam o inimigo com golpes sequenciais rápidos e cheios de fúria descarregando sua revolta por terem ficado presos por tantos anos naquele mundo abominoso. Estavam literalmente extravasando sua raiva, e Jack também fazia isso lembrando das intenções daquele monstro para com sua filha, em como a escolhera para condená-la a uma eternidade de sofrimento e de subserviência a ele. O Afogador urrava de dor, e várias de suas mãos agora jaziam no chão da câmara. Litros de seu sangue escorriam pelas dezenas de ferimentos que nele foram infligidos e esparramavam-se embaixo e ao redor de seu corpo. Ele rugiu, mas o rugido não saiu com a potência que saía antes. Tentou suas baforadas, mas elas já não tinham muito

ímpeto. Provocou, finalmente, uma de suas ventanias, mas ela também não tinha força, e ninguém foi derrubado ou lançado para longe por ela. Estava fraco, cada vez mais fraco. Jack e sua companhia estavam vencendo o maldito monstro. A batalha estava terminando, chegando ao seu tão esperado final. O pesadelo logo acabaria.

Jack, Hannah, Catherine e os afogados continuaram cortando as mãos do Afogador e perfurando-o ao som satisfatório de seus lamentos, de sua dor, todos se sujando com o sangue asqueroso da criatura mas não se importando nem um pouco com isso. Só conseguiam pensar em matá-lo, em pôr um fim à vida daquele ser que jamais deveria ter existido. Só pararam de cortar e perfurar quando, de repente, o corpo fraco e deplorável dele começou a inflar e inflar e inflar, como uma bexiga sendo enchida por alguém com muita pressa, ao passo que um choro ululante que saía da criatura crescia e ecoava por toda a extensão da câmara, e isso despertou neles uma alarmante preocupação de que algo muito ruim estava prestes a acontecer.

Hannah perguntou:

— Jack, o que tá acontecendo?

— Eu não sei! Eu acho que...

— Parece que ele está... — começou a dizer Catherine, mas foi interrompida por Sophia, que se aproximou de todos correndo e expressou a sua teoria:

— Parece que ele vai explodir!

Jack virou-se para Sophia e para o Afogador outra vez, que inflava sem parar. Sophia estava coberta de razão, ele pensou, e eles precisavam dar o fora dali imediatamente.

— Para a porta! Corram! — ele gritou.

Partiu à toda velocidade em direção à porta dupla da câmara, tomando cuidado para não escorregar na enorme poça do sangue do monstro que continuava a se espalhar pelo chão, exortando todos os outros a segui-lo. A porta se abriu quando ele se aproximou dela e, um a um, eles se puseram a atravessá-la. Atrás deles, Jack virou o rosto por alguns segundos para ver, o Afogador já estava com mais do que o dobro de seu tamanho original, na verdade muito mais, talvez mais do que o triplo, e o monstro atingiu os dispositivos restantes, destruindo suas bases e fazendo-os cair, e também atingiu seu casulo, esmagando-o progressivamente, rompendo todas as tubulações (mais sangue negro escorreu delas para o chão) que até aquele dia haviam transportado seu alimento em forma de dor e de sofrimento alheio. Seu choro lamentoso se tornava mais intenso conforme seu corpo inflava cada vez mais, um lamurio extremamente perturbador, que provocava calafrios em Jack.

Quando Jack chegou ao começo da longa escadaria que descia para a parte inferior da torre, com Hannah, Catherine, Sophia e os afogados logo atrás, ele olhou lá para baixo à procura de Emily e Thomas e, para seu alívio momentâneo, os localizou. Estavam distantes e aparentemente bem, e estavam parados em certo ponto da escadaria. Emily abraçava sua boneca de pano Lily contra o peito, parecia concentrada. Thomas somente a observava. Jack compreendeu que ela devia estar chamando por Hannah, na esperança de trazê-la para aquele lugar para ajudá-los. Era provável que ela não soubesse ainda, mas tinha conseguido, e todos estavam sendo salvos. Jack estava orgulhoso de sua garotinha, e ansioso para ficar ao lado dela novamente. Mas os agradecimentos teriam que ser feitos depois; agora ele precisava dar um jeito de tirar todos da torre, pois a qualquer momento o Afogador explodiria e tudo ruiria.

Virou-se para Hannah e disse:

— Hannah, nossa filha, Emily, veja ela lá embaixo! — E apontou para onde Emily e Thomas se encontravam.

Os olhos de Hannah encheram-se de lágrimas ao vê-la. Lágrimas de alegria, de saudade, de uma mãe que mesmo não estando mais viva ainda amava sua garotinha com o maior amor do mundo.

— Oh, Emily... Minha Abelhinha... — Foram as únicas palavras que ela conseguiu balbuciar.

— Temos que pegar ela e o Thomas e escapar daqui! — Jack afirmou.

— Thomas? — Catherine viu o homem velho com cabelos e barba muito longos e brancos perto de Emily e indagou mais para si mesma do que para os outros, quase sem conseguir acreditar que aquele era seu marido. Sophia também olhava intrigada para aquele homem. — É você, Thomas?

Jack respondeu para ela:

— Sim, Catherine! Aquele é o seu marido!

Dentro da câmara, o lamento alto e ecoante do Afogador prosseguia, e a destruição do que quer que seu corpo em expansão atingisse também, lembrando a todos da necessidade de agirem com urgência, de fugirem da tragédia iminente que se aproximava.

Sophia falou para Jack:

— A gente tem que sair daqui agora, Jack!

Ele lembrou do que Hannah lhe dissera, algo sobre poder abrir fendas para atravessar diferentes mundos se se concentrasse bastante, e se voltou para ela para lhe fazer um pedido que ele esperava que ela pudesse realizar, uma ação que permitiria a todos eles escaparem do Abismo vivos.

— Hannah, meu amor, eu preciso que você crie uma fenda lá para baixo, para irmos aonde Emily e Thomas estão, e depois uma fenda para fora e para longe

desta torre, ou uma para o Outro Lado, o lugar onde você encontrou Catherine, Sophia e todos os outros! Ou uma fenda direto para o mundo normal! Você consegue fazer isso pra gente? Por favor, Hannah! Precisamos da sua ajuda de novo, e agora mais do que nunca!

— Eu posso criar uma fenda para alcançarmos Emily e Thomas, mas não sei se consigo criar outra tão rápido para fora daqui! Eu preciso recarregar minhas energias, e uma fenda para o mundo normal exigiria demais de mim! Eu não sei nem mesmo se consigo criar uma para esse Outro Lado que você falou!

Jack se aproximou de Hannah, parou diante dela e, cuidando para não machucá-la com o facão (era incrível poder tocá-la, e Jack não entendia direito como isso era possível e não sabia se poderia de fato machucá-la, já que ela não estava mais viva como antes), colocou as mãos em seus ombros e fitou-a com firmeza. Não só com firmeza, mas também com *confiança*. Uma confiança absoluta na capacidade dela de fazer o que tinha de ser feito.

— Você *consegue* — ele disse e assentiu para ela. — *Eu sei* que consegue.

Hannah olhou bem nos olhos dele e balançou a cabeça. Jack tirou as mãos dos ombros dela e recuou. Ela fechou os olhos a fim de concentrar-se.

Dentro da câmara, o choro persistente do monstro, o som ininterrupto de destruição, não cessava.

E então houve um clarão, e uma fenda se abriu perto de Jack, uma fenda que zunia suavemente e pela qual adultos e crianças poderiam passar. Lá embaixo, outras duas fendas também foram abertas próximas a Emily e Thomas, que tinham se voltado para eles lá em cima.

— Você conseguiu, lollipop, você conseguiu! — Jack comemorou enquanto ela abria os olhos. — Eu sabia que conseguiria! — E para todos: — Vamos, pessoal! Vamos pegar minha filha e de Hannah e pegar também o Thomas, e dar o fora deste maldito lugar para sempre!

Catherine, Sophia e todos os afogados vibraram com o vislumbre do que poderia acabar sendo uma fuga bem sucedida daquele mundo gélido, desesperançoso, perdido no tempo e espaço, desolador. Depois seguiram Jack e Hannah rumo à fenda na escadaria que havia sido aberta.

Em pensamento, antes de adentrar a fenda, Jack falou para Emily: *Mamãe e eu estamos indo, querida. Aguenta firme que vamos te salvar.*

E entrou na fenda para resgatá-la.

Capítulo 27

— Thomas! Emily! — disse Jack após sair por uma das fendas que Hannah abrira perto deles. — Graças a Deus vocês estão bem!

— O mesmo digo quanto a você, Jack! — disse Thomas alegremente.

— Papai! — Emily correu e deu um abraço muito apertado em Jack. Depois recuou e ficou com os olhos enormes de alegria e emoção por ver quem mais tinha chegado. — Mamãe! Você está aqui! Você me escutou e veio ajudar a gente! — E foi abraçá-la. Jack a deixou ir com um sorriso de felicidade no rosto.

— Sim, meu anjo! — disse Hannah com lágrimas nos olhos, envolvendo a filha em um abraço gostoso e forte, sem machucá-la com a faca numa das mãos. — Eu escutei você me chamar, e vim ajudar você e o papai a escaparem deste lugar horrível!

Catherine, Sophia e os afogados foram saindo pela fenda e se aproximando de onde Jack estava junto com Thomas, Emily e Hannah.

Emily falou ao vê-los chegando:

— E você trouxe mais pessoas pra ajudar a gente!

Hannah desfez o abraço, acariciou o rosto dela com a mão que estava livre e sorriu, olhando-a nos olhos.

— Trouxe, minha Abelhinha. Eu segui sua dica de onde poderia conseguir ajuda, e deu certo. Eu encontrei Catherine e Sophia primeiro, depois encontramos outra pessoa boa pra nos ajudar, e essa pessoa nos indicou onde a gente encontraria outras pessoas.

Elas sorriram uma para a outra, por um momento perdidas no êxtase que seu reencontro lhes proporcionava.

Thomas se aproximou de Catherine e Sophia, sua família que havia tanto tempo não via, certamente uma eternidade para ele, e se dirigiu a elas com a voz rouca de emoção, os olhos velhos e cansados marejados:

— Catherine? Sophia? São vocês mesmo? São vocês?

— Thomas! — Catherine pegou nas mãos dele e fitou seu rosto enrugado e muito magro, um rosto idoso com traços sem dúvida bastante diferentes de quando ele era um homem jovem e seu amado companheiro, de quando viviam em paz na casa do lago em que Jack e Emily tinham ido passar alguns dias juntos, um rosto quase irreconhecível agora com cabelos e barba longos e brancos. Ela fitou também a camiseta xadrez de mangas compridas dele e sua calça jeans, que estavam sujas e surradas, e a magreza de seu corpo. — Sim! Somos nós! E você está vivo! Eu mal consigo acreditar! Eu queria encontrar você e Sophia durante todo esse tempo que passou, queria reunir nossa família de novo e cheguei a pensar

que ficaria presa neste mundo para sempre e que não voltaria a vê-los... mas consegui encontrar vocês! Eu pensei... Eu pensei que você tivesse morrido!

— Eu também queria voltar a ver vocês, mas vivi um inferno aqui, um inferno do qual eu jamais sairia se Jack não tivesse aparecido em busca de sua filha, e confesso que perdi a esperança muitas vezes e desejei morrer para que meu sofrimento acabasse. Mas agora que vocês estão aqui, agora que estamos finalmente juntos de novo, eu me sinto grato por ter aguentado tudo que passei.

— Pai, por favor, me dá um abraço! — Sophia pediu, e Thomas atendeu seu pedido.

— Me perdoem pelo que fiz com vocês — disse ele após o abraço, fitando sua esposa e sua filha com o olhar sofrido e lágrimas deslizando pelas faces. — Eu não era exatamente eu quando aquelas coisas terríveis aconteceram com a gente... Uma criatura maligna se apossou de mim, a mesma que me aprisionou aqui e que me manteve vivo para se alimentar do meu sofrimento por todos esses anos, a que vocês viram lá em cima. Eu não queria fazer o que fiz com vocês, não queria causar o mal que causei a vocês... Eu jamais faria aquelas coisas horríveis se...

Como que para lembrar a todos de sua presença, de que ele ainda estava acima deles e era uma grande ameaça, o Afogador emitiu mais um de seus longos e apavorantes choros lamentosos, o mais alto de todos até então, e novos sons de estruturas sendo esmagadas e destruídas se fizeram ouvir. A torre estremeceu por um instante, e o tremor pôde ser sentido nos degraus da escadaria onde todos estavam reunidos.

— Pessoal — Jack falou em voz alta para todos ouvirem —, eu sei que alguns de nós temos muito o que conversar uns com os outros, mas agora não temos tempo para isso! Temos que fugir imediatamente daqui!

— O que tá acontecendo lá em cima, pai? — Emily quis saber. — Vocês não derrotaram o monstro?

— A gente machucou muito ele, querida — Jack disse voltando-se para ela. — Ele tá morrendo, mas tá muito bravo e a gente tá correndo muito perigo ficando aqui. A mamãe conseguiu abrir essas fendas pelas quais a gente passou pra chegar até você e Thomas, e agora temos que atravessar mais uma delas pra escaparmos daqui. Tudo bem pra você?

Emily balançou a cabeça positivamente (ela tinha voltado a abraçar Lily contra o peito) e Jack virou-se para os outros. Toda a estrutura da torre tremeu novamente com um ruído amplo e assustador.

— Muito bem! Chegou a hora de ir, pessoal! Nós vamos atravessar aquela fenda — Jack apontou para a fenda adiante na escadaria pela qual ainda não tinham passado — e ficaremos seguros, ficaremos bem, e ficaremos com as pessoas que

amamos! E todos vocês que ficaram presos neste mundo por tanto tempo poderão finalmente se tornarem livres!

Todos assentiram, olhando para Jack com semblantes confiantes, ansiosos pelos dias bons que, aonde quer que fossem passá-los se tudo desse certo, em breve viriam. Jack, que nunca fora líder de nada, achava que até que fazia um bom trabalho liderando e inspirando todas aquelas pessoas, e sentia-se bem por estar ajudando elas e tantos outros no Outro Lado que seriam salvos do Afogador.

Lá em cima, no topo da torre, o ser maligno lamuriou-se intensamente de novo, deixando ecoar a anunciação dos seus prováveis instantes finais de vida.

Jack perguntou para sua esposa:

— Hannah, pra onde aquela fenda vai levar a gente? Você disse que tem que se concentrar para abrir elas. Em qual lugar você pensou quando abria a que vamos atravessar agora?

— Em um lugar perto do esconderijo subterrâneo onde pegamos essas armas!
— Ela mostrou a faca que empunhava.

— Certo. E alguma vez já deu errado? Quer dizer, você já foi parar em um lugar que não era o que você imaginou?

— Já... Mas foram raras essas ocasiões.

Jack assentiu e não disse mais nada. Restava apenas torcer para que a travessia desse certo e eles saíssem onde Hannah dissera que sairiam.

Na câmara no topo da torre, finalmente, ocorreu uma explosão seca e muito poderosa.

BUUUMMM!!!

A torre inteira chacoalhou, tremeu, oscilou violentamente. A porta dupla da câmara lá em cima arrebentou-se, seus destroços saíram voando pelos ares, e uma avalanche do sangue negro do Afogador saiu por ela, jorrando para as partes inferiores da torre como uma tempestade maldita. Por um momento aterrador, Jack e todos os outros se desequilibraram na escadaria, alguns perigosamente a ponto de quase caírem dela, o que seria morte certa, mas recobram seu equilíbrio antes que isso acontecesse. Partes do teto da torre começaram a desmoronar. O material estranho do qual era composta era pesado, e um ou outro destroço que atingiu a escadaria provocou imediatamente buracos que poderiam engolir pessoas inteiras. Se um dos destroços atingisse a cabeça de algum deles... Jack não queria nem pensar nisso. Precisavam fugir. O tempo para qualquer outra coisa se esgotara.

Jack correu para a fenda e parou ao lado dela. Queria se certificar de que todos conseguiriam entrar, então seria o último. Hannah e Emily entraram primeiro de mãos dadas, mas uma após a outra (Hannah foi à frente), pois não era possível entrarem ao mesmo tempo. Depois foi a vez de Catherine e Sophia. Após elas, Thomas entrou. Em seguida, os afogados que sobreviveram à batalha contra o

Afogador. E, por fim, Jack, segundos antes de um dos imensos destroços da torre o atingir.

Ele não viu nem ouviu o que mais aconteceu no Abismo, mas sabia muito bem: a torre veio abaixo com um estrondo infernal, lançando uma nuvem gigante de poeira em todas as direções e rumo ao céu escuro, infinito, sem nuvens e estrelas daquela dimensão, onde sumia de vista e se perdia. E depois, quando a torre terminou de ruir e ela passou a não mais existir, só restou o silêncio. O silêncio absoluto e o frio gélido de um ambiente escondido, desolado e sem vida. Um ambiente onde nunca mais haveria dor e ninguém mais sofreria.

Capítulo 28

Quando Jack saiu pelo outro lado da fenda, ele viu todos salvos e reconheceu a floresta ao redor onde conhecera Sophia e começara a buscar por sua filha. Apesar de não ser o lugar em que ele mais queria retornar, pois preferiria estar de volta à casa do lago do mundo normal se Hannah tivesse dito que era capaz de mandá-los direto para lá, sentia-se melhor ali, em um local menos ruim que o que acabara de deixar para trás.

Ele notou que a névoa branca e fina que havia ali antes desaparecera, e que a temperatura não estava mais fria, e sim amena. Olhou para Hannah e a viu sentada no chão. Ela parecia cansada. Emily estava ao lado dela. Perto de sua família estavam Catherine, Thomas e Sophia. Eles se abraçavam e estavam evidentemente felizes por se reencontrarem depois de tanto tempo. Os afogados que não morreram na batalha contra o Afogador comemoravam sua liberdade e olhavam maravilhados para seus corpos, os quais Jack reparou que estavam mudando, assim como o de Catherine. Os corpos de todos eles estavam rapidamente se transformando, voltando ao normal, a pele deixando de ter o aspecto apodrecido com o qual tanto Jack quanto eles próprios já tinham se acostumado a ver e a ter (no caso deles). O cheiro ruim que deles emanava e que costumava pairar na atmosfera do Outro Lado também estava desaparecendo, já quase não era mais possível senti-lo, e Jack sentiu-se feliz ao dar-se conta de que conseguira ajudar todas aquelas pessoas de fato e que conseguira salvar sua filha. A morte do Afogador claramente tinha causado mudanças importantes ali naquele mundo, e Jack sentia-se grato pela ajuda que tivera de todas aquelas pessoas, certo de que jamais teria tido êxito se tivesse tentado sozinho.

Ele se aproximou de Emily e Hannah e perguntou se elas estavam bem. Emily estava, ele podia ver isso muito bem, mas tinha dúvidas quanto a Hannah.

— Estamos, papai — disse Emily, sorrindo. — Mas a mamãe tá um pouco cansada.

— Eu só preciso de um tempinho — disse Hannah. — Eu nunca tinha aberto várias fendas em seguida como fiz para ajudar vocês. Isso me deixou exausta.

— Tudo bem — disse Jack, com um sorriso compreensivo. — Acho que podemos descansar um pouco antes de continuarmos. As coisas estão diferentes aqui agora, estão mudando. Será que acabou? Quer dizer, será que não há mais nenhuma criatura igual àquela que eliminamos lá naquela torre?

— Eu não sei — disse Hannah. — Talvez algumas dessas pessoas que viviam aqui saibam.

Sim, Jack podia perguntar para elas, mas não queria importuná-las com esse assunto em um momento no qual estavam tão felizes. Ele sentia que as coisas estavam resolvidas, que não havia mais nenhum impedimento para irem embora dali, e para ele essa boa sensação já bastava.

Jack olhou para sua garotinha de novo, sua Abelhinha, e, outra vez sorrindo, bagunçou o cabelo dela com a mão que não estava com o facão.

— Você fez um ótimo trabalho, sabia? Se não fosse por você, a gente talvez não teria conseguido derrotar o monstro e sobreviver.

— Obrigada.

— E me perdoe por não ter acreditado em você quando me dizia que tinha visto a Sophia. E por ter ficado bravo com você. Eu te chatee e isso acabou te levando a cair no lago. Mas pelo menos ajudamos a salvar todas essas pessoas que estavam sofrendo neste mundo, não é mesmo?

— É — disse Emily, sem qualquer sinal de ressentimento. — E eu te perdoo por essas coisas que você falou.

— Obrigado. Fico feliz por isso.

Jack se agachou ao lado de Hannah. Também queria pedir perdão a ela pelo que ocorrera na noite em que ela falecera.

— Hannah, querida, me desculpe por aquela noite... você sabe qual. Eu devia ter sido mais compreensivo com você, com a situação do seu irmão... Talvez devesse ter ido com você e Emily buscá-lo. Eu...

— Pare, lollipop. Esqueça aquela noite. Agora eu vejo que devia ter pensado primeiro em vocês, que não devia ter feito o que fiz da maneira que fiz... Mas eu queria ajudar meu irmão, e tentaria de novo se estivesse viva e sentisse que precisasse ajudar ele. O que passou, passou. O que importa é que estamos juntos agora, ao menos por um tempo. Nada vai mudar o passado. Aconteceu o que tinha que acontecer. E eu não quero que você se culpe por isso, tá bem?

Embora Jack não se sentisse totalmente culpado, ele continuava a achar que tinha pelo menos um pouco de culpa quanto à morte dela. E por mais que tentasse pensar em Luke, o irmão dependente químico de Hannah, com alguma simpatia, continuava a não morrer de amores por ele. Mas concordou com o pedido de sua esposa.

— Ok — ele assentiu. — Mas nossos familiares me culpam. Alguns deles. Seu pai, sua mãe. Já fizeram questão de me declarar culpado algumas vezes.

— Eu vou resolver esse problema. Vou aparecer para eles em breve, dizendo que estou bem, *mostrando* que estou bem, e feliz no lugar aonde meu espírito foi descansar. Acredite em mim; quando eles me virem, ficarão felizes e emocionados e acredito que com o coração mais em paz, e irão parar de pegar no seu pé.

— Isso seria ótimo — Jack deu um risinho.

— Querido, seu ombro... — Somente agora Hannah reparara no ferimento feio que o Afogador tinha causado no ombro esquerdo dele.

Jack olhou para o local machucado onde sua estimada blusa azul do time para o qual torcia na NHL, o Edmonton Oilers, da liga nacional de hóquei, se encontrava amplamente rasgada e disse:

— Ele vai ficar bem. Ele *está* bem. Já esteve bem pior. Foi só uma vacilada em um confronto anterior com aquela criatura.

— Você precisa cuidar disso quando voltar para casa. E urgente. Estou falando sério. Você promete que vai fazer isso?

— Eu prometo.

Um instante depois, Jack virou o rosto para onde se encontravam Catherine, Sophia e Thomas. Levantou-se e foi falar com eles.

— Jack, veja! — disse Catherine, empolgada por estar recuperando sua aparência verdadeira. — Meu corpo está voltando ao normal! Estou me sentindo ótima!

— Eu estou vendo, e isso é maravilhoso. — Jack constatou que Catherine era, na verdade e apesar de estar bastante suja, uma mulher muito bonita. Perto deles, os afogados celebravam e exprimiam o mesmo sentimento de alegria dela. — Está tudo certo com vocês?

— Acho que melhor não poderia estar — disse Thomas, com seu sorriso velho e cansado.

— É — concordou Sophia. — Obrigado por ter me ajudado a encontrar meus pais, Jack. Você é um homem legal.

Jack deu uma leve gargalhada.

— Ora, obrigado! E que bom que os encontramos, não é?

Sophia balançou a cabeça e disse *Sim*.

Jack baixou o olhar para a arma em sua mão e depois disse, voltando-se para eles:

— Bem, acho que podemos ir guardar essas armas, não podemos?

— Acho que sim — disse Catherine. — Posso sentir que nós, os afogados, estamos livres. Não estamos mais presos a este mundo. Podemos finalmente ir embora daqui.

— E quanto aos afogados maus? Não são mais uma ameaça? O que será que aconteceu com eles?

— Eles também estão mudando, tenho certeza disso. Agora que o Afogador morreu, a consciência deles retornará ao normal, assim como seus corpos. Não há mais nada maligno influenciando a mente deles. E eles nunca foram exatamente maus; só estavam perdidos, tinham sucumbido à atmosfera horrível desta realidade.

— Então não há mais nenhum Afogador por aí, vagando e matando e aprisionando pessoas neste mundo? — A pergunta que Jack deixara passar havia pouco surgiu naturalmente devido ao rumo que a conversa tomara.

— Eu creio que não. Se tiver, com certeza está em algum ponto muito distante daqui. Muito distante mesmo.

— Vamos torcer pra que você esteja certa.

Emily perguntou a Hannah se podia ir falar um pouco com Sophia, e Hannah disse que sim, claro que Emily podia ir falar com ela.

Emily foi até Jack e a família de Sophia e fez uma animada saudação.

— Sophia? Oi, eu sou a Emily!

— Oi, Emily! — Sophia tinha se voltado para ela.

Jack, Catherine e Thomas as observaram com sorrisos contidos no rosto, e Jack estava curioso para descobrir se uma se daria bem com a outra.

— Foi você que eu vi na floresta perto da casa do lago onde eu tava com meu pai! — continuou Emily. — Ele não acreditou muito em mim quando contei para ele que tinha te visto, mas eu sabia que você era de verdade! Mas por que você apareceu pra mim e depois fugiu? Você tava com medo?

— Eu não estava com medo — começou a explicar Sophia. — Eu queria me aproximar de vocês porque precisava de ajuda para encontrar minha mãe e meu pai. Vocês pareciam boas pessoas pra mim, e eu pensei que aceitariam me ajudar se eu falasse com vocês. Mas eu já tinha tentado me aproximar de outras pessoas antes, e as coisas nunca davam certo. Algumas pessoas se assustavam comigo quando descobriam que eu não estou mais viva, e fugiam de mim. Eu tive receio de que você e seu pai também acabassem se assustando e fugissem de mim.

— Você é tão bonita! — disse Emily, aparentemente satisfeita com a explicação de Sophia e já trocando de assunto. — E seu vestido também é!

— Obrigada! Você também é muito bonita.

A troca de elogios entre as meninas fez o sorriso de Jack, Catherine e Thomas se expandir um pouco mais.

— Ah, e obrigada por ter cuidado da minha boneca Lily! — disse Emily, virando a boneca impregnada com o sangue seco da piscina de sangue em que Jack caíra para Sophia olhar para ela. A boneca precisava de um bom banho. — Papai me contou que você encontrou ela e cuidou dela até entregar ela pra ele.

— Sim, Emily. Eu encontrei ela e cuidei dela, sim. Eu sabia que você ia ficar contente quando voltasse a ver ela.

O sorriso de Emily brilhou e ela ficou quieta por um instante. Seus traços se tornaram sérios e ela colocou os dedos de uma mão embaixo do queixo, pensativa. Então, teve uma ideia.

— Que tal a gente brincar quando chegarmos na casa do lago? A gente pode brincar de pega-pega ou de se esconder, ou de jogar pedrinhas no lago. — Ela olhou para Jack e voltou a fitar Sophia. — *Sem* ficar muito perto dele — acrescentou, e Jack gostou desse acréscimo. — Ou podemos desenhar! Você gosta de desenhar? Eu trouxe um montão de papéis e de lápis de cor, e posso te emprestar!

Jack lembrou dos desenhos de Sophia que encontrara no porão da casa do lago. Sim, Sophia adorava desenhar, e provavelmente iria aceitar desenhar com sua filha.

— Claro, Emily! Nós podemos fazer essas coisas, sim, se nossos pais deixarem.

— Pois saibam que vocês têm minha total permissão — disse Jack, feliz pela interação positiva de sua filha com Sophia, uma nova amiguinha ao menos temporária para ela. Emily precisava muito disso.

— E também têm a minha — disse Catherine alegremente.

— E a minha — disse Thomas.

As meninas soltaram um *eba!* cheio de euforia e ficaram lado a lado de mãos dadas. A receptividade de uma para com a outra fora ótima, e, pelo visto, iam se dar muito bem.

Jack voltou até Hannah, que ainda descansava sentada na grama úmida, e perguntou se ela podia abrir outra fenda para ajudá-los a regressar mais rápido para a casa do lago.

— Não, querido, me desculpe. Estou mesmo bem exausta. Acho que vou ter que ficar um bom tempo sem abrir fendas por aí. Não que eu fique fazendo isso com frequência, porque não fico, e não é como se eu pudesse fazer sempre que quero...

Jack disse que tudo bem, Hannah já os tinha ajudado até demais, para falar a verdade, e além disso, ele se lembrou do que Sophia lhe dissera quando perguntara a ela sobre como voltaria para o mundo normal. Sophia tinha dito que a única maneira era atravessando o mesmo buraco pelo qual ele chegara ao Outro Lado, portanto, teriam que voltar a pé até o lago com a passagem no fundo dele. Por sorte, esse local não estava tão distante assim.

Eles aguardaram Hannah se recuperar e, sem mais motivos para prolongarem sua permanência ali, naquele mundo que talvez não fosse mais hostil mas que não era o lar verdadeiro de nenhum deles, rumaram para o esconderijo subterrâneo dos afogados a fim de guardarem as armas que não mais usariam.

Capítulo 29

Jack e os outros passaram pela cabana em que ele e Sophia começaram a se conhecer melhor (já não havia nada que parecesse apodrecido no exterior dela agora) e guardaram as armas no esconderijo subterrâneo dos afogados próximo, o qual Jack constatou que parecia um *bunker* construído para uma guerra mundial (como esse lugar fora construído ali era mais uma questão para a qual ele não tinha resposta, pois não parecia nada simples criar uma construção como aquela, mas, bem, não importava).

Jack perguntou para Catherine se ela sabia sobre o esconderijo das armas e, se sim, por que não o mencionara antes de ele ir para o Abismo. Catherine respondeu que sabia, mas que não o mencionara porque acreditava que não faria muita diferença ele ir enfrentar o Afogador com um facão ou com qualquer outra arma daquele *bunker*, já que estava sozinho e que, naquela circunstância, suas chances de conseguir matar o monstro eram — de qualquer maneira e inegavelmente — baixas. Jack sabia que isso era fato, mas achava que uma arma melhor talvez poderia ter lhe proporcionado um pouco mais de confiança para a batalha. Ele quase disse isso a Catherine, mas como não serviria para nada agora além de causar um mal-estar entre eles, o que ele não queria, resolveu deixar para lá.

Depois, sem perderem tempo pois queriam sair depressa daquele mundo de lembranças ruins, todos seguiram Jack passando pela cabana novamente e voltando pela floresta até a casa onde ele vira a luz acesa numa das janelas do andar superior e pensara que Emily poderia estar lá.

O corpo do afogado que o atacara lá dentro e que acabara caindo pela janela quando o confronto que tiveram terminou continuava de costas e todo torto no chão, o pescoço torto demais, os estilhaços de vidro ao redor dele, e o aspecto apodrecido de antes daquele homem havia sumido, o corpo dele voltara ao normal, revelando como ele verdadeiramente era. A casa que Jack pensara ser a mesma casa do lago em que estava antes com sua filha, porém uma versão da casa do Outro Lado que ficava num lugar diferente da do mundo normal, também não estava mais com o aspecto apodrecido de quando a vira pela primeira vez. Os buracos que havia nos janelões de vidro do primeiro andar continuavam lá, como antes, e o buraco no meio de um dos degraus que levavam à varanda também, mas o restante se transformara e parecia normal. Jack contou para Emily que entrara naquela casa para procurar por ela, e explicou que fora atacado pelo homem morto no gramado e que não tivera a intenção de matá-lo (ele já estava morto antes de cair porque era um afogado, Jack sabia agora, mas achou que Emily compreenderia melhor se falasse assim), que aquilo aconteceu por acidente. Emily entendeu, ficou

intrigada com a janela quebrada no segundo andar e disse que nunca tinha entrado ali. Jack contou também para ela e para Catherine e Thomas que foi ali que ele e Sophia se falaram pela primeira vez.

Após passarem dois ou três minutos ali, eles seguiram para o lago com a passagem no fundo, o próximo destino. Viram mais alguns afogados, que estavam normais (àquela altura, Catherine e os outros afogados que acompanhavam Jack também já estavam completamente normais), mas pareciam confusos sobre por que seus corpos tinham mudado. Interagiram rapidamente com eles, lhes explicaram o porquê daquilo, deixaram-nos contentes, felizes como havia muito tempo não ficavam.

Continuaram a caminhar e, quando chegaram ao local em que Jack lhes dissera que havia “despertado”, alguns dos afogados se separaram do grupo, pois a passagem que precisavam atravessar ficava em outro. Eles fizeram questão de acompanhar Jack, Hannah, Catherine e os outros até ali como uma forma de agradecimento por terem sido salvos e libertos. Jack agradeceu pelo gesto, pela companhia, pela ajuda e pela valentia deles na batalha contra o Afogador. Catherine, em especial, ficou emocionada quando os agradeceu, pois conhecia vários deles, prisioneiros como ela naquela dimensão até pouco tempo atrás. Após isso, esses afogados se despediram e partiram, e os que ficaram começaram a se preparar com Jack, Hannah, Emily, Catherine, Thomas e Sophia para iniciarem a travessia, certos de que sentiriam falta daquelas pessoas que tinham conhecido e com as quais conviveram, mas que não sentiriam nem um pinga de saudade daquele lugar maldito e desprezível.

Jack compartilhava do mesmo sentimento deles: não sentiria nem um pinga de saudade dali. Nem um pinga de saudade mesmo.

Capítulo 30

Jack parou no gramado à beira do lago onde lembrava que acordara após ter feito a travessia para o Outro Lado e, após confirmar que estava no local certo, virou-se e perguntou para seus companheiros:

— E agora? Como faremos a travessia? Estamos em várias pessoas e sei que a maioria de nós pode fazê-la sem qualquer preocupação, mas eu, minha filha e Thomas precisaremos de uma mãozinha. O lago é meio fundo, talvez a gente não aguento completá-la, principalmente minha filha e Thomas. Eu sou professor de natação, talvez aguentaria, mas...

— Não se preocupe, Jack — disse Catherine, se aproximando mais dele e de Hannah, que eram os mais próximos da beira do lago. A luz prateada lançada pela lua tocava as águas silenciosas com dedos invisíveis tornando-as bem claras. Era possível enxergar um pouco dentro delas. — Eu ajudarei vocês. Da mesma forma como te ajudei quando você e Sophia foram atacados pelo Afogador. Lembra?

Jack se lembrava; fora na ocasião em que tentavam atravessar o lago antes da caverna de Catherine numa jangada. Ela segurara na mão dele para que ele pudesse respirar embaixo d'água.

— Sim — Jack assentiu, com um leve sorriso para ela. — Me lembro, sim. — E perguntou sem sorrir, a testa franzida: — Mas como exatamente faremos isso? Seria melhor que você levasse um de nós por vez pela passagem, não seria?

— É o ideal — concordou Catherine. — Assim, poderei me manter o mais concentrada possível, e a chance de algo dar errado será nula.

— Muito bem — Jack assentiu outra vez. — Está decidido, então.

— Acho melhor eu e aqueles que não têm nenhuma dificuldade em fazer a travessia irmos primeiro — sugeriu Hannah.

— É uma boa ideia — disse Catherine. — É mais seguro que os adultos façam a travessia antes, e as crianças depois. — Ela olhou para Sophia e Emily e concluiu: — Desse modo, garantimos que elas não ficarão sozinhas nem por um minuto quando chegarem ao mundo normal.

Emily e Sophia, que ainda estavam juntas e de mãos dadas como boas amigas, não protestaram. Elas compreendiam que era papel dos adultos decidirem a melhor forma de procederem para terem um retorno seguro.

Jack pensou na possibilidade de despertarem em lugares diferentes no mundo normal, embora acreditasse que, caso isso acontecesse, não seria em lugares muito distantes um do outro, e sentiu um frio de nervosismo envolver sua barriga. Ele não queria ter que procurar por ninguém quando chegasse lá, principalmente por sua

família. Aquilo tinha que dar cem por cento certo. Hannah e Emily tinham que estar à espera dele perto da casa do lago, e que Deus quisesse que estariam.

— Você tem razão, querida — disse ele para Hannah. E voltando-se para Catherine: — E muito bem observado, Catherine. Acho que podemos começar, então. Afinal, este mundo já deu no que tinha que dar, e eu nunca me senti tão ansioso para ir embora de um lugar como estou me sentindo agora.

Todos compartilhavam do sentimento de Jack, apesar de não terem expressado isso em palavras. Apenas assentiram para demonstrar que concordavam.

Jack anunciou que faria a travessia por último e perguntou para Thomas, apenas para confirmar:

— Thomas, foi por aqui que você chegou a este mundo também?

Thomas deu uma olhada em volta, tentando lembrar. Por fim, respondeu com uma certeza um tanto frouxa na voz, mas podia ser só cansaço por tudo que passara lá:

— Foi. Foi sim, Jack.

— Tem certeza? Eu não sei o que aconteceria se você atravessasse uma passagem diferente da que usou para chegar aqui, e nem quero descobrir.

— Você quis dizer o que aconteceria se eu atravessasse uma passagem diferente da que eu fui *arrastado* até aqui, não é? Porque eu estava possuído por aquele monstro, e ele me obrigou a vir pra cá. Se dependesse de mim, eu jamais teria vindo.

— Isso — disse Jack com um balançar de cabeça.

— Eu tenho certeza. Tenho, sim. Estamos no lugar certo.

Com tudo verificado e combinado entre eles, começaram a fazer a travessia. Hannah pulou primeiro nas águas do lago, não sem antes dizer a Jack “A gente se vê daqui a pouquinho”, e mergulhou rumo ao fundo dele. Jack sentiu uma vontade enorme de beijá-la, de abraçá-la. Quando ela se aproximou do buraco negro no fundo, pôde-se ouvir e ver as águas na superfície agitando-se conforme a passagem lá embaixo tremia, ondulava, oscilava, primeiro com uma carga pequena de força, de energia, depois com uma força que crescia, com movimentos mais bruscos, revoltos, cada vez mais furiosos. Havia um ruído ao mesmo tempo abafado e estrondoso que vinha de dentro das águas, um ruído que Jack reconheceu de sua primeira e única travessia até então, e logo começou outro que ele sabia tratar-se do rodopiar das águas ao redor do buraco, que certamente estavam se transformando num redemoinho preto e assustador que formava um cone grande à sua volta, um que sugava qualquer coisa ou pessoa que estivesse em sua área de alcance.

As águas acalmaram-se por alguns instantes, o que significava que Hannah tinha adentrado a passagem e já estava a caminho do mundo normal. Jack deu sinal

para que os outros também atravessassem, e foi a vez dos afogados, um de cada vez, mergulharem em seguida. O processo se repetiu, e tudo parecia estar indo bem.

Chegou a vez de Catherine levar as meninas, Emily e Sophia. Sophia não precisava da ajuda de Catherine, já que não tinha dificuldade alguma em fazer a travessia, mas eram mãe e filha, e fizeram questão de irem juntas mesmo assim, e Jack achava que tinham todo o direito. Catherine retornou minutos depois surgindo de um ponto aleatório da floresta, e Jack deu um abraço e um beijo em Emily, dizendo a ela que não precisava ter medo, que tudo ficaria bem, e que em alguns minutos voltariam a se ver. Catherine pulou na água e esperou Jack ajudar Emily a entrar nela, e pediu para a menina segurar firme em sua mão e não soltá-la em momento algum. Lembrou-a de que poderia respirar embaixo d'água desde que não soltasse sua mão. Emily assentiu, prometeu que não a soltaria, e elas mergulharam.

Catherine retornou minutos depois de outro ponto da floresta e levou Thomas. Após mais alguns minutos, por fim, Catherine voltou para levar Jack, que, antes de partir, quis saber se todos estavam saindo no mesmo lugar no mundo normal, se estava dando certo, se sua família e também a dela estavam seguras.

— Sim, Jack. — Isso o deixou imediatamente mais calmo. — Eles estão todos juntos e bem. Agora me dê sua mão. Chegou a hora de ficarmos com nossas famílias e darmos adeus a este lugar para sempre.

Jack fitou os olhos agora pretos e normais dela e assentiu. Não podia concordar mais com o que Catherine dissera.

Ele esticou sua mão e tocou na dela, segurando-a com firmeza, deu uma última olhada ao redor e pensou: *Adeus, Outro Lado. E que tudo fique em paz aqui agora. Que não haja mais sofrimento, nem mortes, nem monstros ou quaisquer tipos de criaturas malignas, e nem prisioneiros inocentes. E até nunca mais ver.*

E mergulhou no lago com Catherine.

Ele alcançou as águas revoltas, adentrou-as, e descobriu que dessa vez estava melhor preparado para enfrentá-las, por certo porque Catherine estava com ele e o toque dela lhe permitia respirar. Em pouquíssimos segundos, Jack perdeu o controle sobre seus próprios movimentos. Seu corpo, sem forças para reagir, girou e girou e girou e foi puxado para baixo. Ele fez todo o esforço de que foi capaz para não soltar a mão de Catherine, e não a soltou. O mundo saiu de foco, virando um borrão. E depois só houve silêncio e escuridão.

Epílogo

Dois meses depois

Em um domingo quente em que de tarde fazia vinte e sete graus, Emily quis ir passear e Jack a levou de a pé até um parque que ficava próximo ao bairro onde eles moravam. Havia várias famílias lá, caminhando e apreciando a natureza do local. Havia também um caminhão de sorvete com uma musiquinha alegre tocando estacionado por perto, e, antes de Jack e Emily iniciarem sua caminhada no parque, Jack perguntou para a filha se ela queria um sorvete.

— Quero — disse ela, observando a pequena fila de crianças acompanhadas de seus pais que aguardavam pelo atendimento do simpático moço do sorvete e sem a boneca Lily, à qual ela não tinha tanto apego mais. Todas as crianças pareciam adorar o moço do sorvete, e Jack achava que Emily também iria gostar dele. Afinal, o rapaz estava fazendo a alegria delas com algo delicioso naquele dia de bastante calor.

Jack foi com Emily até lá e entrou na fila. Quando chegou a vez deles, o sempre sorridente moço do sorvete, um rapaz jovem que devia ter uns vinte e poucos anos, perguntou para Emily da janela de atendimento:

— E aí, garotinha bonita? Eu tenho duas perguntinhas pra você. A primeira é: como você está neste dia tão bonito? E a segunda é: qual sabor você vai escolher?

— Eu estou bem — respondeu Emily —, e eu gostaria de uma casquinha de chocolate. Ainda tem casquinha de chocolate, moço?

— Tem, sim — assentiu o moço do sorvete sorrindo. E perguntou para Jack: — E você, amigo? Qual sabor vai querer?

— Uma de baunilha pra mim, por favor. No capricho.

— Uma casquinha de chocolate e uma de baunilha então, no capricho. Certo. Só um segundinho, por favor.

Jack consultou que horas eram em seu celular. Ainda tinham bastante tempo para aproveitar o passeio no parque. Ele se lembrou de como seu celular tinha reaparecido em perfeito estado no bolso de trás de sua calça jeans após retornar do Outro Lado para o mundo normal (assim como a bolsinha com o spray contra ursos na sua cintura), como se jamais tivesse desaparecido. Emily lhe contou pouco depois que ele despertara que o celular dela também havia sumido e reaparecido. Jack ficara simultaneamente intrigado e grato por isso, e não fora necessário gastar com novos.

O moço do sorvete entregou as casquinhas para eles bem rápido, Jack o pagou e agradeceu o atendimento simpático dele, depois foi caminhar com Emily pelo parque tranquilo e muito verde enquanto saboreavam seus sorvetes.

Havia um pequeno rio que cruzava o parque e uma ponte pequena sobre ele. Jack e Emily pararam nela e ficaram observando a água, o gramado e algumas pessoas que estavam sentadas ou deitadas nele, o céu azul com poucas nuvens, os pássaros que voavam alegremente por ali, as crianças que brincavam, os idosos que aproveitavam o ar puro e tomavam um pouco de sol. Era um lugar de paz, um lugar que deixava o coração de Jack muito calmo. Ele observava todas essas coisas e Emily também, e eles conversavam, e era incrível para Jack estar ali com ela, com sua tão amada filha. Era a melhor coisa do mundo, sem dúvida que era. Jack pensava nisso e voltava a observar todos aqueles detalhes à sua volta, mas um local em especial atraía mais o seu olhar constantemente. Esse local era a água do pequeno rio abaixo da ponte.

Inclinado sobre a balaustrada baixa, ele podia ver o seu reflexo nela, claro como aquele dia, e o de sua filha, que se inclinara como ele com cuidado sobre a balaustrada, enquanto terminavam suas casquinhas. O reflexo deles na água fazia ele lembrar, por alguma razão, de sua aventura no Outro Lado, das pessoas que ele conhecera lá, de sua ex-esposa, de Catherine e Sophia, de Thomas... de pessoas que já tinham ido embora e que deixaram uma marca especial em sua vida, mesmo que em alguns casos uma marca especial um tanto pequena. Onde eles estavam agora? Para onde é que as pessoas partiam quando morriam? Como seria a vida após a morte? E seria mesmo possível eles se reencontrarem algum dia? Seria?

Jack pensou nessas questões, nas quais todos os seres humanos — sem exceção — pensavam, mas não conseguiu encontrar respostas concretas para elas, e talvez jamais encontraria enquanto estivesse vivo. Porque era assim que os maiores mistérios da vida funcionavam. Não se podia ter as respostas para eles enquanto não chegasse a hora certa de desvendá-los — se é que em algum momento eles poderiam ser desvendados.

Jack terminou sua casquinha e inspirou um pouco de ar puro para os seus pulmões. O ferimento em seu ombro esquerdo deu uma leve doída. Ele reprimiu a dor com uma careta, e ela passou. Uma pomada antibiótica que comprara numa farmácia assim que voltara para Edmonton com Emily e Thomas andava dando conta do recado. Talvez ele ficasse com uma cicatriz no local atingido pelo Afogador, mas não teria problema. Não queria ir a um hospital pois isso significaria ter de inventar alguma história, e mesmo que inventasse uma muito boa, ele não acreditava que a contaria de maneira convincente. Hannah fizera Jack prometer que cuidaria daquele ferimento para que não piorasse, e ele *estava* cuidando. Não da forma que ela provavelmente esperava que ele fizesse, mas

estava cumprindo sua promessa ainda assim, e desse jeito estava satisfatório para ele.

Jack olhou para Emily e viu que ela estava contente, e isso gerou em seu peito uma felicidade muito grande. Ele ficou esperando ela terminar seu sorvete, e não se importaria se ela demorasse. Naquele domingo lindo, naquele domingo em que todas as coisas ao redor pareciam sorrir para eles, não havia precipitação alguma.

Quando Emily terminou e limpou as mãos e a boca em um lençinho de papel que Jack deu a ela, Jack perguntou:

— Estava bom? Você gostou?

Ela balançou a cabeça para cima e para baixo com vigor.

— Estava muuuito bom, papai. Muito gostoso.

— Que bom. — Ele sorriu para ela, e ela devolveu um sorriso cheio de dentes para ele.

Pensando outra vez naqueles que se foram, ele disse:

— Sabe, querida, eu estou com saudade dos amigos que fizemos pouco tempo atrás... naquele outro mundo. E também tenho muita saudade da sua mãe.

— Eu também tenho muita saudade deles, mas principalmente da mamãe. — Emily olhou para o pequeno rio, pensativa, depois tornou a levantar o rosto e perguntou: — Quando será que ela vai me visitar? Ela visitou o vovô e a vovó, visitou o Luke, mas ainda *não me visitou*. Ela *prometeu* que iria me visitar.

Era verdade. Jack recebera os pais de Hannah em sua casa uma semana depois de retornarem da casa do lago, e eles haviam lhe contado que tinham visto Hannah, que ela aparecera para eles certa noite. Eles ficaram muito emocionados, choraram e ficaram felizes por ver e ouvir que ela estava bem. Juraram a Jack que não tinham imaginado aquilo, pois a viram ao mesmo tempo, juntos. Jack sabia que não estavam mentindo, pois Hannah lhe prometera que faria isso. Os pais de sua ex-esposa então pararam de acusá-lo pela morte dela. Alguns dias depois, Luke bateu à sua porta. O irmão de Hannah lhe contara a mesma história que os pais dela, e disse que ela pedira a ele que voltasse a se tratar na clínica para dependentes químicos em Glendon. Luke segredou a Jack que queria fazer isso, por ele próprio, por sua irmã, e por toda sua família. E fez. Estava lá na clínica de novo, e deixara bem claro antes de ir que venceria seus vícios desta vez. Jack torcia por ele, pois era um bom rapaz, e merecia um futuro bom e feliz, apesar de todos os transtornos que já tinha causado para as pessoas que o amavam e que o queriam bem.

— Eu não sei. Mas se ela te prometeu isso, ela vai cumprir. Sei que vai. Talvez sua mãe só precise de um pouco mais de tempo.

— É... talvez — Emily disse baixinho, a voz doce e suave sumindo devagar, e então ficou em silêncio. Ela de fato acreditava que sua mãe voltaria a visitá-la algum dia, e Jack sabia que a espera fazia o coração dela se apertar um pouco.

— É uma pena também que o Thomas tenha morrido — Jack disse, agora ele num tom de voz mais baixo, como se não quisesse que mais ninguém além de sua filha o escutasse. Depois virou-se com um sorriso fraco para ela e acrescentou: — Foi bem legal o tempo que ele viveu com a gente, não foi?

— É. Foi.

Jack voltou a observar o movimento no parque e lembrou desses momentos. Thomas devia ter parentes vivos em outras províncias do país, mas acreditava que todos deviam pensar que estava morto, e preferira não tentar contato com eles. Jack havia pensado em colocá-lo para morar num lar para idosos depois que sobreviveram ao Outro Lado, mas as pesquisas que fizera o levaram a concluir que o valor para manter Thomas numa instituição desse tipo seria muito alto, e não teria condições de bancar. Portanto, decidiu deixá-lo morando em sua casa até que encontrasse uma solução mais viável e com a qual o velho homem concordasse, e isso estava dando certo até que, havia exatamente uma semana, em um domingo de manhã, Thomas faleceu. Jack e Emily estavam na cozinha para tomarem o café, e Thomas não apareceu. Jack chegara a pensar que o amigo estava apenas muito cansado, e que tinha resolvido dormir até mais tarde. Mas, quando subiu até o quarto que havia designado para ele dormir, descobriu que ele tinha partido. De causas naturais. Tranquilo. Dormindo. Jack providenciou o velório e o enterro e se despediu junto com sua filha dele naquele mesmo dia.

— Você lembra como escondemos ele dos velhinhos donos da casa do lago?

— Jack perguntou.

— Lembro — disse Emily, assentindo novamente. — Você pediu pra ele entrar no porta-malas do carro perto da casa dos velhinhos, e pra ele ficar bem quietinho pros velhinhos não perceberem que ele tava com a gente. E o Thomas entrou no porta-malas e ficou lá um pouco.

— Aham.

Jack recordou isso e como ficara aliviado por sua estratégia ter funcionado. Ele não queria que os velhinhos soubessem que houvera mais alguém com eles na casa do lago, e muito menos que vissem Thomas no estado em que ele estava. Se o tivessem visto, Jack teria que dar explicações. Deixar Thomas escondido enquanto devolvia as chaves da casa do lago foi o mais seguro a se fazer, apesar de não ter sido confortável para o amigo e de ter sido uma das coisas mais estranhas que Jack fizera em toda sua vida.

Jack se lembrou também de como ajudara Thomas com dois favores quando ainda estavam na casa do lago. Thomas havia lhe pedido para que fossem tampar o buraco na floresta onde Sophia caíra e morrera, pois a lembrança daquele buraco o assombrava. Eles encontraram uma mesinha antiga no porão da casa e uma caixa de ferramentas aberta. Jack desparafusou o tampo redondo da mesinha e eles o

colocaram sobre o buraco na floresta. O buraco fora escondido com perfeição. Jogaram folhas de pinheiros, gravetos, pedrinhas e quaisquer outras coisas que servissem para colocar por cima do tampo a fim de cobri-lo por completo. Depois disso, Jack voltou ao porão da casa do lago com Thomas, pegou os desenhos tristes de Sophia cuja lembrança também o assombrava e os entregou a ele, acendeu a lareira na sala de estar, e deixou que Thomas queimasse os desenhos.

Jack e Emily ficaram calados ali na ponte por um longo tempo, e quando Jack estava prestes a chamá-la para caminharem pelas outras áreas do parque, ele viu formas na água abaixo da ponte, novos reflexos que não eram o dele e nem o de sua filha. Ele se inclinou de leve sobre a balaustrada novamente para enxergar melhor, piscou uma, duas, três vezes, e viu que as novas formas continuavam lá, e olhavam sorridentes para ele.

— Querida, olha! Ali embaixo! — Jack tocou em Emily para que ela olhasse naquela direção. Não havia ninguém passando pela ponte nesse instante, ninguém que pudesse achar que ele estivesse maluco, imaginando aquilo. — Olha quem tá ali!

Emily olhou e também viu quem estava lá.

De dentro da água, Catherine, Sophia, Thomas e... Hannah!, quem tanto eles queriam voltar a ver!, acenavam sorridentes para Jack e sua filha. Eram apenas os rostos deles, mas seus rostos estavam bonitos, felizes, e transmitiam uma clara mensagem de que estavam bem, onde quer que eles estivessem.

Jack e Emily acenaram de volta para eles, e Hannah lhes sussurrou um *eu amo vocês* que chegou com uma leveza e doçura penetrantes aos ouvidos de Jack, e sem dúvida também aos de sua filha, porque eles sussurraram um *nós também te amamos* para ela juntos, e em seguida as formas na água lentamente desapareceram.

Jack e Emily não conseguiram dizer mais nada; apenas sorriram um para o outro e se abraçaram. A visita não só de Hannah, mas de cada um deles, finalmente acontecera, e de uma maneira diferente, completamente inesperada.

Mas daquela maneira estava bom, e isso... isso era *tudo* que importava.

Jack tirou a aliança do dedo e jogou-a na água. Ele e Emily deram as mãos e, satisfeitos e sentindo-se preenchidos de uma aprazente paz interior, deixaram a ponte para trás.

Eles foram caminhar pelo parque, pelas outras partes atraentes dele naquela tarde ensolarada. E Jack teve a certeza de que não voltariam para casa tão cedo naquele lindo dia.

Agradecimentos

Eu agradeço à Cláudia Lemes, que foi minha leitora crítica e me ajudou a tornar este livro em um livro melhor.

Agradeço também à Sarah Libna, pelo trabalho maravilhoso com a capa.

E muito obrigado a você, por ter lido minha história. Eu espero que tenha curtido a jornada!

Próximo livro: Terror na Espiral

Quatro amigos universitários decidem passar uma noite em um lugar chamado “A Espiral”. Trata-se de um enorme buraco numa floresta cuja escadaria em espiral leva para ninguém sabe ao certo onde. Não há fotos, vídeos e nem mesmo áudios de dentro desse local na internet, apenas boatos sinistros que o tornam num grande mistério.

Donos de um canal no YouTube chamado “Os Exploradores do Macabro”, para o qual produzem vídeos explorando lugares abandonados e às vezes supostamente assombrados, eles estão obstinados a serem os primeiros a postar um vídeo da Espiral na internet, e quem sabe ficarem famosos e fazerem sucesso.

Mas, tão logo eles começam a dar seus primeiros passos lá, eventos estranhos indicam que os boatos não eram tão falsos assim... e que terão de enfrentar seus maiores demônios pessoais na pior noite de suas vidas.

Por favor, avalie este livro na Amazon!
Assim você me ajuda e ajuda também outras pessoas interessadas nele!